

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE TEXTOS

LUCIANO DE SAMÓDATA

LUCIANO
[VIII]

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS
CUSTÓDIO MAGUEIJO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Amadurecido pelas viagens e pela experiência da vida, materialmente afortunado, Luciano cedo se farta da actividade judiciária, da retórica e da sofística, para se entregar a uma actividade literária que, não sendo nova, ele, no entanto, reforma de maneira radical: trata-se do diálogo filosófico, mas agora entendido e elaborado segundo princípios originais. De facto, Luciano aligeira substancialmente o majestoso diálogo filosófico que vinha dos tempos de Platão e acrescenta-lhe um aspecto dramático, orientado no sentido da sátira - o que significa reunir no «novo género» dois géneros diferentes e até muito diversos: o diálogo filosófico e a comédia. Realmente, foram sobretudo as obras em forma de diálogo que deram fama a Luciano. É nelas que melhor se expande a sua crítica panfletária e corrosiva, que atinge, literalmente, tudo e todos: os deuses e os heróis, a religião e as religiões, a filosofia e as suas variadíssimas seitas, a moral convencional, a sociedade e os seus pilares mais destacados, os homens e as suas vaidades, as suas superstições irracionais e o aproveitamento que delas fazem os espertos... enfim, podemos dizer que em Luciano conflui o que de mais violento havia na comédia. Um certo epicurismo prático e um cinismo teórico afinam e refinam o processo.

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

Luciano de Samósata

Luciano

[VIII]

*Tradução do grego, introdução e notas de
Custódio Magueijo*

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUJEITOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

TÍTULO • LUCIANO [VIII]

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS • CUSTÓDIO MAGUEIJO

AUTOR • Luciano de Samósata

SÉRIE MONOGRAFIAS

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: Maria do Céu Fialho

COMISSÃO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira

Maria de Fátima Silva

Francisco de Oliveira

Nair Castro Soares

DIRETOR TÉCNICO: Delfim Leão

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

E-mail: imprensauc@ci.uc.pt

Vendas online:

<http://ivrariadaimprensa.uc.pt>

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

www.artipol.net

ISBN

978-989-26-0797-9

ISBN DIGITAL

978-989-26-0798-6

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

DOI

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

<http://dx.doi.org/>

10.14195/978-989-26-0798-6

INFOGRAFIA

Simões & Linhares

DEPÓSITO LEGAL

353356/12

1ª EDIÇÃO: IUC • 2013

© DEZEMBRO 2013.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classicadigitalia.uc.pt>)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

Luciano de Samósata

Luciano

[VIII]

*Tradução do grego, introdução e notas de
Custódio Magueijo*

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	11
TÓXARIS OU A AMIZADE	17
INTRODUÇÃO	19
TRADUÇÃO	23
LEXÍFANES	67
INTRODUÇÃO	69
TRADUÇÃO	71
O EUNUCO	91
INTRODUÇÃO	93
TRADUÇÃO	95
A ASTROLOGIA	101
INTRODUÇÃO	103
TRADUÇÃO	107
O “PSEUDOLOGISTA”	117
INTRODUÇÃO	119
TRADUÇÃO	123
ASSEMBLEIA DOS DEUSES	145
INTRODUÇÃO	147
TRADUÇÃO	149
AS DÍPSADAS	159
INTRODUÇÃO	161
TRADUÇÃO	163
AS SATURNAIS	167
INTRODUÇÃO	169
TRADUÇÃO	173

Ficha técnica:

Autor: Luciano de Samósata

Título: LUCIANO [VIII]:

— *Tóxaris* ou *A Amizade*

— *Lexífanos*

— *O Eunuco*

— *A Astrologia*

— *O “Pseudologista”* ou *Sobre a palavra ἀποφράς*

— *Assembleia dos Deuses*

— *As Dípsadas*

— *As Saturnais*

Tradução, prefácio e notas: Custódio Magueijo

Edição utilizada: A. M. Harmon, *Lucian*, The Loeb Classical Library: Greek authors, Harvard University Press, 1959-1961.

Luciano

[VIII]

TÓXARIS OU A AMIZADE

LEXÍFANES

O EUNUCO

A ASTROLOGIA

O “PSEUDOLOGISTA” OU
SOBRE A PALAVRA ἀποφράς

ASSEMBLEIA DOS DEUSES

AS DÍPSADAS

AS SATURNAIS

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO GERAL¹

Luciano nasceu em Samósata, capital do antigo reino de Comagena, situado a norte da Síria, na margem direita do Eufrates. Os primeiros imperadores romanos conservaram-lhe um certo grau de independência, mas acaba por ser incluído entre as províncias do Império Romano.

Quanto a datas de nascimento e morte, aceitemos 125-190 d.C. Seguramente, a vida literária de Luciano desenvolve-se na segunda metade do séc. II d.C., por um período de quarenta anos, durante o qual escreveu cerca de oitenta obras.

No tocante a dados biográficos, temos de contentar-nos com as informações contidas no conjunto dos seus escritos. Pelo menos têm a vantagem de serem de primeira mão. E se a nossa curiosidade mais «superficial» gostaria de saber muitas outras coisas sobre a sua vida, a verdade é que o essencial do homem está nítida e magnificamente retratado na obra.

De entre as obras mais importantes do ponto de vista autobiográfico, salienta-se a intitulada *O Sonho* (ou *Vida de Luciano*). Imediatamente se conclui tratar-se dum trabalho da meia-idade, que mais abaixo resumimos.

Após uma peregrinação de vários anos por terras da Grécia, da Itália e da Gália, onde conseguira assinalável êxito e não menos importante pecúlio, Luciano regressa (por volta de 162-163) à sua cidade natal, que o havia visto partir pobre e quase anónimo, e agora se orgulhava do prestígio que lhe era transmitido pelo próprio êxito dum filho seu. É então que Luciano, perante os seus concidadãos, traça uma retrospectiva autobiográfica, da qual mencionamos os passos mais salientes.

Chegado ao termo da escolaridade elementar, adolescente de quinze anos, o pai aconselha-se com familiares e amigos sobre o futuro do moço.

«A maioria opinou que a carreira das letras requeria muito esforço, longo tempo, razoável despesa e uma sorte brilhante. Ora, a nossa fortuna era limitada, pelo que, a breve trecho, precisaríamos

¹ Esta «Introdução geral» é, na verdade, reproduzida de outras que escrevi a propósito de diversas obras de Luciano. Não se pode exigir que, para cada uma das cerca de oitenta, tivesse de inventar uma biografia formalmente diferente de Luciano. No entanto, a parte final, relativa a cada obra em particular, é redigida especialmente para esta edição.

de alguma ajuda. Se, pelo contrário, eu aprendesse um ofício, começaria imediatamente a retirar daí um salário mínimo, que me permitiria, naquela idade, deixar de ser um encargo familiar, e até mesmo, algum tempo depois, dar satisfação a meu pai com o dinheiro que traria para casa.» (§ 1)

Restava escolher o ofício. Discutidas as várias opiniões, foi decidido entregar o rapaz aos cuidados dum tio materno, presente na reunião, e que era um excelente escultor. Além deste factor de ordem familiar, pesou ainda o facto de o moço, nos seus tempos livres, gostar de se entreter a modelar, em cera, bois, cavalos e figuras humanas, *«tudo muito bem parecido, na opinião de meu pai»*. Por essa actividade *«plástica»* (é palavra sua), que não raro o desviava dos deveres escolares, *«chegava mesmo a apanhar pancada dos professores, mas isso agora transformava-se em elogio à minha vocação»*. (§ 2)

Chegado o grande dia, é com certa emoção que o jovem Luciano se dirige à oficina do tio, a fim de iniciar a sua nova vida. De resto, via no ofício de escultor uma espécie de brincadeira de certo modo agradável, e até uma forma de se distinguir perante os amigos, quando estes o vissem esculpir figuras de deuses e estatuetas. Todavia, e contrariamente às suas esperanças, o começo foi desastroso. O tio põe-lhe na mão um escopro e manda-o desbastar uma placa de mármore, a fim de adiantar trabalho (*«O começar é meio caminho andado»*). Ora... uma pancada um pouco mais forte, e eis que se quebra a placa... donde uma monumental sova de correia, que só a fuga consegue interromper. Corre para casa em tal estado, que a mãe não pode deixar de censurar asperamente a brutalidade do irmão. Entretanto, aproxima-se a noite, e o moço, ainda choroso, dolorido e revoltado, foi deitar-se. As fortes emoções do dia tiveram como resultado um sonho – donde o título da obra. (§§ 3-4)

Até aqui, Luciano fornece-nos dados objectivos, que nos permitem formar uma ideia suficientemente precisa sobre si próprio e sobre a situação e ambiente familiares. Quanto ao sonho, se nada nos permite duvidar da sua ocorrência, a verdade é que se trata, antes de mais, duma elaboração retórica, elemento tantas vezes utilizado na literatura, mas nem por isso menos significativo do ponto de vista autobiográfico. De facto, Luciano serve-se deste processo para revelar aos seus *ouvintes* não tanto o que se terá passado nessa noite, mas principalmente a volta que a vida dera,

a partir duma situação que, em princípio, teria uma sequência bem diferente.

Assim, e com uma nitidez – segundo afirma – *«em nada diferente da realidade»*, aparecem-lhe duas mulheres, que, energeticamente e até com grande violência, disputam a posse do moço, que passa duma para a outra, e volta à primeira... enfim, *«pouco faltou para que me despedaçassem»*.

Uma delas era a Escultura (*Hermoglyphikéò*), *«com o (típico) aspecto de operário, viril, de cabeleira sórdida, mãos cheias de calos, manto subido e coberto de pó, como meu tio quando estava a polir as pedras»*. A outra era a Cultura (*Paideia*), *«de fisionomia extremamente agradável, pose digna e manto traçado a preceito»*. (§§ 5-6).

Seguem-se os discursos de cada uma das personagens, que fazem lembrar o *agóòn* («luta», «disputa») das *Nuvens* de Aristófanes, travado entre a Tese Justa e a Tese Injusta.

A fala da Escultura, mais curta (§§ 7-8), contém, no entanto, elementos biográficos (explícitos e implícitos) de certa importância. Começa por se referir à tradição profissional da família do jovem, cujo avô materno e dois tios, também maternos, eram escultores de mérito. A seguir, enumera as vantagens da profissão: comida farta, ombros fortes e, sobretudo, uma vida particular ao abrigo de invejas e intrigas, em vez de (como, de resto, veio a suceder – daí também o valor biográfico da informação) viagens por países longínquos, afastado da pátria e dos amigos. De resto, a História está cheia de exemplos de grandes escultores (Fídias, Policlito, Míron, Praxíteles), cujo nome é imortal e que são reverenciados juntamente com as estátuas dos deuses por eles criadas.

O discurso da Cultura (§§ 9-13) possui todos os ingredientes necessários à vitória (além das informações biográficas que recolhemos das suas «profecias»... já realizadas). Vejamos alguns passos.

“Meu filho: eu sou a Cultura, entidade que já te é familiar e conhecida, muito embora ainda não me tenhas experimentado completamente.

“Quanto aos grandes benefícios que te proporcionará o ofício de escultor, já esta aqui os enumerou: não passarás dum operário que mata o corpo com trabalho e nele depõe toda a esperança da sua vida, votado ao anonimato e ganhando um salário magro e vil, de baixo nível intelectual, socialmente isolado, incapaz de

defender os amigos ou de impor respeito aos inimigos, de fazer inveja aos teus concidadãos. Apenas isto: um operário, um de entre a turba, prostrado aos pés dos poderosos, servidor humilde dos bem-falantes, levando uma vida de lebre, presa do mais forte. E mesmo que viesses a ser um outro Fídiás ou um Policlito, mesmo que criasses muitas obras-primas, seria apenas a obra de arte aquilo que toda a gente louvaria, e ninguém de bom senso, entre os que a contemplassem, ambicionaria ser como tu. Sim: por muito hábil que sejas, não passarás dum artesão, dum trabalhador manual.

“Se, porém, me deres ouvidos, antes de mais revelar-te-ei as numerosas obras dos antigos, falar-te-ei dos seus feitos admiráveis e dos seus escritos, tornar-te-ei um perito em, por assim dizer, todas as ciências. E quanto ao teu espírito – que é, afinal, o que mais importa –, exorná-lo-ei com as mais variadas e belas virtudes: sabedoria, justiça, piedade, doçura, benevolência, inteligência, fortaleza, amor do Belo e paixão do Sublime. Sim, que tais virtudes é que constituem verdadeiramente as incorruptíveis jóias da alma ...

“... Tu, agora pobre, tu, o filho do Zé-ninguém, tu, que ainda há pouco havias enveredado por um ofício tão ignóbil, dentro em breve serás admirado e invejado por toda a gente, cumulado de honrarias e louvores, ilustre por tua alta formação, estimado das elites de sangue e de dinheiro; usarás um traje como este (e apontava-me o seu, que era realmente magnífico) e gozarás de merecido prestígio e distinção. E sempre que saias da tua terra, vás para onde fores, não serás, lá fora, um obscuro desconhecido: impor-te-ei tal marca, que, ao ver-te, um qualquer, dando de cotovelo ao vizinho, apontar-te-á com o dedo, dizendo: “É este, o tal”...”

O final do discurso (§ 13) constitui um autêntico «fecho» elaborado segundo as leis da retórica. Depois de, no parágrafo anterior, ter mencionado os exemplos de Demóstenes (filho dum fabricante de armas), de Ésquines (cuja mãe era tocadora de pandeireta) e de Sócrates (filho de escultor), lança o ataque final:

«Caso desprezes o exemplo de tão ilustres homens, seus feitos gloriosos e escritos veneráveis, presença imponente, honra, glória e louvores, supremacia, poder e dignidades, fama literária e o apreço devido à inteligência – então passarás a usar uma túnica reles e encardida, ganharás um aspecto servil, agarrado a alavancas, cinzéis, escopros e goivas, completamente inclinado sobre

o trabalho, rastejante e rasteiro, humilde em todas as acepções da palavra, sem nunca levantar a cabeça, sem um único pensamento digno dum homem livre, mas antes continuamente preocupado com a ideia de a obra te sair harmoniosa e apresentável – enquanto a respeito de ti próprio, da maneira de te tornares harmonioso e bem dotado, não te importas absolutamente nada; pelo contrário, ficarás mais vil que as mesma pedras.»

É pena que esta autobiografia não tivesse sido escrita uns vinte (ou trinta) anos mais tarde. Em todo o caso, Luciano, noutras obras, fornece-nos mais algumas indicações.

Assim, pela *Dupla Acusação* (§ 27), escrita pouco depois do *Sonho*, sabemos que Luciano, entregue de alma e coração à retórica e à sofística, iniciara a sua actividade de advogado em várias cidades da Ásia Menor (Segundo a Suda, «começou por ser advogado em Antioquia»). Da Ásia Menor, passa para a Grécia, e daí para a Itália, mas é sobretudo na Gália que obtém glória e fortuna.

Uma dúzia de anos depois de ter saído da sua terra natal, regressa a casa, mas por pouco tempo. Decide fixar-se com a família em Atenas, onde permanece por cerca de vinte anos (c.165-185 d.C.).

Aos quarenta e poucos anos, Luciano adopta uma atitude fundamentalmente céptica, que, sobretudo, se insurge contra todo o dogmatismo metafísico e filosófico em geral. A este respeito, recomenda-se vivamente a leitura do *Hermotimo* (ou *As Seitas*²), obra dum niilismo verdadeiramente perturbador: Dada a variedade das correntes filosóficas, e ainda devido ao tempo e esforço necessários a uma séria apreciação de cada uma, o homem, por mais que faça, *não pode atingir a verdade*. Basta citar uma frase, que, não sendo de modo nenhum a mais importante deste diálogo, é, no entanto, verdadeiramente lapidar: «*As pessoas que se dedicam à filosofia lutam pela sombra dum burro*» (§ 71). E, já agora, aqui fica o fecho, em que Hermotimo, finalmente convencido pelos argumentos de Licino (ou seja, Luciano), afirma: «*Quanto aos filósofos, se por acaso, e apesar das minhas precauções, topar com algum no meu caminho, evitá-lo-ei, fugirei dele como dum cão raivoso*». (§ 86)

Cerca de vinte anos depois de chegar a Atenas, Luciano decide recomeçar a viajar, mas nada será como antigamente:

² «Clássicos Inquérito», nº 16.

já na recta final da existência, talvez em situação financeira menos próspera, e sem dúvida desiludido com o deteriorado clima cultural de Atenas, fixa-se no Egipto, onde aceita (ou consegue?) um lugar de funcionário público, aliás compatível com a sua formação e importância social. Ele próprio nos informa (*Apologia dos Assalariados*, § 12) de que a sua situação não se compara à dos miseráveis funcionários (por exemplo: professores), que afinal não passam de escravos. E continua: «*A minha condição, meu caro amigo³, é completamente diferente. Na vida privada, conservei toda a minha liberdade; publicamente, exerço uma porção da autoridade suprema, que administro em conjunto com o procurador ... Tenho sob a minha responsabilidade uma parte considerável da província do Egipto, cabe-me instruir os processos, determinar a ordem pela qual devem dar entrada, manter em dia os registos exactos de tudo o que se diz e faz, ... executar integralmente os decretos do Imperador ... E além do mais, o meu vencimento não se parece nada com o dum simples particular, mas é digno dum rei, e o seu montante, longe de ser módico, ascende a uma soma considerável. A tudo isto acrescenta o facto de eu não me alimentar de esperanças modestas, pois é possível que ainda obtenha a título pleno a prefeitura ou qualquer outra função verdadeiramente real.*»

Esperanças nada modestas, provavelmente bem fundadas... Só que, por motivos que ignoramos, tudo se desfez em vento.

³ Esta obra, de forma epistolar, é dirigida a Sabino, amigo de Luciano.

TÓXARIS OU A AMIZADE

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Trata-se de um algo longo diálogo entre o cita Tóxaris e o grego Mnesipo, sobre a amizade. Este sentimento constitui, para os Citas, a mais excelsas das virtudes, mas, como diz Tóxaris, há uma grande diferença entre os seus compatriotas e os Gregos, pois estes elogiam a amizade nos seus discursos e nas tragédias, mas não a praticam. Vale a pena transcrever uma parte do §9, pois aí se trata das poucas considerações gerais sobre a amizade, já que quase todo o diálogo decorre com exemplos práticos e — acreditemos — reais, cinco para cada lado. Diz Tóxaris, o cita:

“Realmente, creio que vós sois capazes, melhor que os outros [povos], de fazer discursos sobre a amizade, mas, no que respeita a actos próprios desta, não só não a praticais de acordo com as vossas palavras, como vos contentais com elogiá-la e mostrar quão precioso bem ela constitui, mas em situações de necessidade traiçoaais os vossos [belos] discursos e, não sei lá como, desertais do centro da acção. E quando os vossos tragediógrafos fazem subir à cena e mostram tais amizades, vós elogiáis, aplaudis, e muitos de vós até choram por aquelas [personagens] que se arriscam em defesa dos outros, enquanto vós mesmos não tendes a coragem de fazer algo digno de louvor em defesa dos vossos amigos, mas, pelo contrário, se acontece que um vosso amigo tem necessidade de algo, imediatamente essas muitas tragédias se esvaem como sonhos e voam para longe de vós, deixando-vos semelhantes a essas máscaras vazias e mudas, que, de boca aberta, toda escancarada, nem por isso soltam o mínimo som. Nós somos ao contrário. De facto, ficamos tão abaixo de vós no que toca a discursos acerca da amizade, como vos ganhamos em obras a ela respeitantes.”

O debate encaminha-se para o aspecto prático — a exposição de exemplos concretos e recentes (cinco para cada lado) de actos de amizade praticados por gregos e citas.

Cabe ao grego Mnesipo aduzir a primeira série de exemplos, que não vou aqui resumir, mas somente apontar os nomes das personagens, os quais nomes, na verdade, nada nos dizem, mas eventualmente seriam do conhecimento dos leitores de Luciano, e alguns dos casos parecem derivar de romances correntes na época. Eis os exemplos aduzidos por Mnesipo:

- 1 — (§§ 12-18): Agátocles e Dínias;
- 2 — (§§ 19-21): Eutídico e Dámon;
- 3 — (§§ 22-23): Eudâmidas e Areteu;
- 4 — (§§ 24-26): Zenótemis e Menécrates;
- 5 — (§§ 27-34): Demétrio e Antífilo.

Depois de uma espécie de “interlúdio”, é a vez de Tóxaris expor os seus exemplos:

- 1 — (§§ 38-42): Dândamis e Amizoces;
- 2 — (§ 43): Belitas e Bastes;
- 3 — (§§ 44-55): Macentes, Loncates e Arsácomas;
- 4 — (§§ 57-60): O próprio Tóxaris e Sisines;
- 5 — (§ 61): Abaucas e Gintanes.

Como se vê, a maior parte do diálogo passa-se com a exposição de exemplos de amizade, em que um dos narradores “entra”, respectivamente, com 23 e 22 parágrafos.

No §62 esperava-se que fosse determinado o vencedor, mas Luciano evita o “desconforto” da decisão, fazendo com que os dois “contendores” desistam do veredicto... por falta de árbitro! Nada mais justo! Mas decidem outra coisa muito mais importante, e que vem perfeitamente na sequência do diálogo, que decorrera com tanta correcção e simpatia mútua. Diz Mnesipo:

“Então porque é que nós não combinamos, cá entre nós, sermos amigos daqui em diante e amarmo-nos para sempre, sendo, deste modo, ambos vencedores e recebendo os maiores prémios, e, em vez de uma única língua e uma única mão direita, ganharmos duas [línguas e duas mãos direitas] cada um, e, além disso, quatro olhos, quatro pés... enfim, tudo a dobrar? Quando dois ou três amigos se juntam, isso é algo como quando os pintores representam Gérion: um homem com seis braços e três cabeças. Na verdade, em meu entender, trata-se de três pessoas agindo em simultâneo, como é justo, se eles são realmente amigos.”

O final do diálogo (§63) mostra a consonância de sentimentos entre dois homens que passam da simpatia à amizade. Diz Mnesipo: *“Não precisamos cá de sangue nem de cimitarra para firmarmos a nossa amizade. Realmente, esta nossa conversa e o simples facto de termos os mesmos sentimentos são mais fiáveis que o cálice que vós bebeis, porquanto essas coisas, creio eu,*

requerem não tanto a necessidade, mas sim a vontade.” Tóxaris concorda: “Aplaudo essa ideia. Então sejamos desde já amigos e hóspedes e hospedeiros um do outro⁴: tu meu hospedeiro aqui na Grécia, e eu teu hospedeiro, se alguma vez fores à Cítia.”

⁴ “*hóspedes e hospedeiros um do outro*”, ou “*convidados um do outro*”, corresponde ao gr. *xénoi* (ξένοι), simultaneamente “*hóspede*” e “*hospedeiro*” (sentido derivado de “(reciprocamente) estrangeiros”. As leis da hospedagem tinham um carácter sagrado, com deveres e obrigações de parte a parte...

(Página deixada propositadamente em branco)

TÓXARIS OU A AMIZADE

1. MNESIPO — Que é que estás a dizer, ó Tóxaris? Vós, os Citas, sacrificais a Orestes e a Pílates e até acreditais que eles são deuses?

TÓXARIS — Sacrificamos, sim, Mnesipo, sacrificamos, não propriamente por considerá-los deuses, mas sim homens excelentes.

MNESIPO — Mas é vosso costume sacrificar a homens excelentes, depois de mortos, como se fossem deuses?

TÓXARIS — Não só isso, pois também os homenageamos com festas e celebrações religiosas.

MNESIPO — Mas que é que vós pretendeis alcançar deles? Realmente, não é para cair nas suas boas-graças, que vós lhes sacrificais, uma vez que eles estão mortos.

TÓXARIS — Talvez não fosse pior, se os mortos pudessem ser-nos favoráveis. Não é nada disso, mas antes julgamos fazer um bem maior aos vivos, ao recordar os [homens] superiores, e então honramo-los depois de mortos, pois julgamos que desse modo muitos de nós desejarão tornar-se iguais a eles.

2. MNESIPO — Sim, desse ponto de vista pensas bem. Todavia, por que razão admirais assim tanto Orestes e Pílates, a ponto de os fazerdes iguais aos deuses, para mais sendo eles estrangeiros e vossos inimigos no mais alto grau? Quando, na sequência de um naufrágio, foram parar ao vosso país, e os Citas desse tempo os prenderam e os levaram a fim de serem sacrificados a Ártemis, esses dois atacaram os guardas da prisão, apoderaram-se da guarnição [da cidade], mataram o rei, raptaram a sacerdotisa⁵, roubaram a própria Ártemis e fugiram, fazendo-se ao mar e troçando de toda a nação dos Citas. Assim, se é por esse motivo que vós honrais tais homens, não tardareis a fabricar outros iguais a eles. De agora em diante, e desde já, deveis reflectir, com base nesse caso antigo, se é bom para vós que muitos [outros] Orestes e Pílates desçam à Cítia.

⁵ Essa sacerdotisa era Ifigénia, irmã de Orestes, supostamente sacrificada em Áulide. A omissão deste parentesco torna o acto um autêntico rapto... e era isso que Mnesipo pretendia significar. No §6, nomeia-se Ifigénia, mas omite-se o parentesco com Orestes. De resto, toda esta história apresenta variantes, que certamente Luciano conhecia, mas de que selecciona aquela que lhe interessa.

Realmente, parece-me que vós próprios muito em breve vos tornareis ímpios e ateus, pelo facto de os deuses que vos restam serem, da mesma maneira, desterrados para fora do vosso país. E então, creio eu, em vez de todos os vossos deuses, vós divinizareis aqueles homens que vêm na intenção de os raptar, e oferecereis sacrifícios aos sacrílegos ladrões do que é vosso, como se fossem deuses.

3. Realmente, se não é por estes actos que vós honrais Orestes e Pílades, diz-me cá, ó Tóxaris, que outro bem é que eles vos fizeram, devido ao qual vós, que antes não os tomáveis por deuses, agora, pelo contrário, lhes ofereceis sacrifícios e passastes a considerá-los deuses, e até ofereceis vítimas a indivíduos que pouco faltou para, nesse tempo, serem eles próprios vítimas. Na verdade, esse procedimento poderia parecer⁶ ridículo e contrário aos vossos antigos costumes.

TÓXARIS — Pois, ó Mnesipo, tudo aquilo que tu contaste atesta a nobreza desses homens. Realmente, o facto de, sendo apenas dois, terem *ousado* [praticar] um acto tão *audacioso*⁷, afastando-se tanto do seu país e navegando até ao Ponto, que nesse tempo ainda era desconhecido dos Gregos, com a única excepção dos expedicionários da [nave] Argo a caminho da Cólquida⁸, sem se apavorarem com as lendas sobre essa região e sem temerem a designação de “inóspita”⁹, que lhe davam (pelo facto, creio eu, de ser habitada por povos selvagens); e quando

⁶ “poderia parecer”, *án... dóxeie* (ἄν δόξειε): Mnesipo não afirma uma certeza, pois espera pela justificação do seu interlocutor.

⁷ “terem *ousado* [praticar] um acto tão *audacioso*”. O gr. diz (com o chamado “acusativo de objecto interno”, só raramente possível em port, p. ex.: *jogar* (= fazer) *o jogo do outro* ...): “terem *ousado* uma tão grande *ousadia*”. Também podia ser: “se terem *aventurado* numa tão perigosa *aventura*”.

⁸ Trata-se da famosa expedição dos “Argonautas”, que, comandados por Jasão, partiram em busca do Velo de Ouro. A aventura é epicamente narrada por Apolónio de Rodes (c.295-215 d.C.) nos *Argonautica*. Aí se encontra descrito o famoso amor de Jasão e Medeia, que serviu a Virgílio (*Eneida*, IV) de paradigma para a trágica história dos amores de Eneias e Dido, rainha de Cartago...

⁹ “inóspita”, “inospitaleira”, lit.^{te} “hostil aos estrangeiros”. O adj. gr. é *áxenos* (ἄξενος), que na forma jónica é *áxeinos* (ἄξεινος). E foram precisamente os Jónios, aí instalados, que mudaram o nome para *Eúxeinos Póntos* (Εὐξεινος Πόντος), o “Ponto *Hospitaleiro*”, “Ponto *Euxino*”, num processo chamado “eufemismo de superstição”, como sucedeu, p. ex. com a cidade italiana, lat. *Beneventum*, que antes se chamava *Maleventum*, designação

foram feitos prisioneiros, lidaram tão valorosamente com a situação, que não se contentaram somente com evadir-se, mas também puniram o rei pela sua brutalidade, apoderaram-se de Ártemis e fizeram-se ao largo. Como podem tais actos deixar de ser admiráveis e dignos de honras, por assim dizer, divinas por parte de todos quantos elogiam a virtude da coragem¹⁰? Em todo o caso, não é por atendermos a estas qualidades, que nós tratamos Orestes e Píldes como verdadeiros heróis.

4. MNESIPO — Diz-me lá então que acto venerando e divino é que eles cometeram, já que, no que toca a navegação e a viagens, poderia apontar-te muitos [homens] bem mais divinos que aqueles, como os mercadores, e de entre eles, especialmente, os Fenícios, que não só navegam até ao Ponto e [vão] até ao [lago] Meótis¹¹ e ao Bósforo, mas que também sulcam os mares da Grécia e dos países estrangeiros. De facto, estes, só depois de esquadriharem, ano após ano, todas as costas e todas as praias, é que regressam a casa, já no final do Outono. Na mesma ordem de ideias, vós deveis considerá-los como deuses, não obstante eles serem mercadores, ou, calhando, na sua maior parte, simples mercadores de peixe seco.

5. TÓXARIS — Escuta lá então, meu maravilhoso amigo, e reflecte em que medida é que nós, bárbaros, avaliamos os homens excelentes com mais generosidade que vós: enquanto não é possível ver, em Argos e em Micenas, nem sequer um túmulo glorioso de Orestes e de Píldes, entre nós foi dedicado um templo aos dois em conjunto, como seria de justiça, tratando-se de dois companheiros, e são-lhes oferecidos sacrifícios e todas as demais honrarias; e nada impede que, sendo eles estrangeiros e não citas, sejam considerados pessoas de bem < e sejam venerados pelos melhores de entre os Citas >¹². Na verdade, nós não procuramos saber de onde são os homens de virtude, nem lhes queremos mal, se, embora não sendo nossos amigos,

que só aparentemente se ligava a “mau vento”, mas que é a forma latina derivada de gr., acusat. *Malówenta* (Μαλόφεντα) “rica em carneiros”.

¹⁰ “a virtude da coragem”: “coragem” é uma das “extensões” do termo muitíssimo abrangente *areté* (ἀρετή): v. dics.

¹¹ O “lago Meótis”, *Maiôtis limnē* (Μαιώτις λίμνη) é o actual Mar de Azof. O Bósforo aqui referido é o actual estreito de Kerch, na Crimeia.

¹² Esta frase é “transportada” por Geist (*apud* A. M. Harmon, “Loeb”, V, p. 110) do final do §5 (q.v.).

praticaram boas acções, e até louvamos as suas façanhas e, devido aos seus feitos, os fazemos nossos [cidadãos].

Mas o que, acima de tudo, nos impressiona e nos leva a elogiar esses [dois] homens, é o facto de eles nos terem parecido os melhores de todos os amigos e se terem constituído para os outros homens como que “legisladores”¹³ [que apontam] como os amigos devem partilhar todas as contingências da fortuna¹⁴.

6. Os nossos antepassados gravaram o que os dois padeceram, quer conjuntamente, quer um em defesa do outro, numa coluna de bronze, que colocaram no Oresteu, e instituíram como preceito que esta coluna constituísse a primeira lição e o primeiro ensinamento dado aos seus filhos, para que eles retivessem na memória o que nela estava escrito. Assim, cada criança mais facilmente se esqueceria do nome do seu pai, do que desconheceria os feitos de Orestes e de Pílades.

Além disso, os mesmos episódios que a coluna mostra estão representados no recinto¹⁵ do templo, em telas pintadas pelos antigos: Orestes navegando juntamente com o amigo, depois, já com o navio destruído nos rochedos, Orestes capturado e pronto para o sacrifício, e Ifigénia já prestes a sacrificá-los. Na parede do lado oposto [a este], está pintado Orestes já liberto dos grilhões e a matar Toante¹⁶ e muitos outros cílios; e por fim, os dois a fazerem-se ao mar, levando consigo Ifigénia¹⁷ e a deusa¹⁸, e os citas a tentarem apoderar-se do navio já em [plena] navegação, pendurados no leme e tentando subir, enquanto alguns nadam em direcção a terra, uns já feridos, e outros com medo de o serem. É sobretudo aqui, na luta corpo a corpo¹⁹ contra os Cilas, que poderá ver-se quão grande era o amor de um pelo outro. Na verdade, o pintor representou ora um, ora outro, desprezando

¹³ “legisladores”: dava jeito traduzir por “exemplo”, “modelo”.

¹⁴ V. *supra*, nota a < e sejam Cilas >. Se aceitássemos a lição dos mss., haveria que ajeitar o tempo do verbo: “... e serem venerados pelos melhores de entre os Cilas”.

¹⁵ “recinto” ou, talvez melhor, nos claustros laterais.

¹⁶ “Toante” (ou, do nominat., “Toas”), rei da Táurica (na península da actual Crimeia). Nota: As formas **Táuride* e *Táurida* são incorrectas, pois o gr. é *hē Tauriké* (ἡ Ταυρικὴ).

¹⁷ Sobre Ifigénia, v, §2, nota a “sacerdotisa”.

¹⁸ “a deusa” é Ártemis.

¹⁹ “luta corpo a corpo” tenta traduzir o gr. *sūmploké* (συμπλοκή), “entrelaçamento”...

os inimigos que estavam directamente contra si próprio e indo defender os que atacavam o outro, e, interpondo-se diante dele, se arriscava a ser alvo das setas, tendo a sua própria morte por coisa sem importância, desde que salvasse o amigo, apanhando no próprio corpo o golpe disparado contra ele.

7. É esta tão grande amizade entre eles, esta participação nos perigos, esta lealdade, este companheirismo, esta genuinidade e firmeza no amor de um pelo outro, que nós considerámos serem qualidades, não humanas, mas próprias de uma mente superior à da maior parte das pessoas, as quais, enquanto o “navio” vai de vento em popa para os amigos²⁰, ficam ofendidas, se não tomam parte, também elas, nas coisas agradáveis, mas se lhes sopra, nem que seja um pouquinho, um vento contrário, desertam, deixando-os sozinhos expostos aos perigos. Portanto, fica sabendo que os Citas não crêem que haja virtude maior que a da amizade, nem há coisa pela qual um cita seja mais venerado, do que pelo facto de ter sofrido juntamente com um amigo e de ter compartilhado as suas desgraças, pelo que, entre nós, não há maior desonra do que ser considerado traidor à amizade. É por isso que homenageamos Orestes e Pílates, que foram os mais excelentes nas virtudes dos Citas e se distinguiram particularmente na amizade, virtude que, de entre todas, nós admiramos em primeiro lugar, e por isso lhes atribuímos o nome de *Córacos*²¹, que é, na nossa língua, como se lhes chamássemos “génios tutelares da amizade”.

8. MNESIPO — Portanto, ó Tóxaris, os Citas não eram somente hábeis a lançar setas²² e melhores que os outros [povos] na arte da guerra, mas [são] também os mais persuasivos de todos em pronunciar um discurso. Eu mesmo, que até agora tinha uma opinião diferente, já começo a pensar que vós procedeis

²⁰ “de vento em popa para os amigos”, outros lêem: “... ficam ofendidos com os amigos”.

²¹ O vocábulo cita parece estar alterado, o que é natural em copistas medievais, que terão aproximado a palavra estranha de uma mais familiar. Os mss. C² e A² apresentam, como emenda sobre a palavra, a forma Κονάχους, a qual, precisamente por não sugerir qualquer palavra grega, pode estar mais próxima do termo cita. Sigo a lição da “Loeb”.

²² O gr. *toxéuein* (τοξεύειν) “lançar setas”, joga aqui com o nome do cita: *Tóxaris*. É impossível manter o jogo em port., a menos que tivéssemos o verbo... ***tozar* (!!).

com justiça, ao divinizardes dessa maneira Orestes e Pílates. Tinha-me passado despercebido que tu, meu caro amigo, és um excelente “pintor”. Realmente, descreveste-nos muito vivamente as imagens do Oresteu, com a luta desses [dois] homens e os ferimentos que cada um recebeu em defesa do outro. Nunca tinha pensado que entre os Citas a amizade fosse uma coisa assim tão estimada. De facto, considerava-os inospitais e selvagens, sempre entregues ao ódio, à cólera e à fúria, sem demonstrarem [sentimentos de] amizade nem mesmo em relação aos seus familiares mais próximos. Fundamentava-me, entre outras coisas, no que ouvia dizer acerca deles, nomeadamente que comem os pais quando estes morrem²³.

9. TÓXARIS — Se, entre outros aspectos, nós somos mais justos e mais piedosos que os Gregos em relação aos nossos pais, é assunto que neste momento não quereria debater contigo. Mas lá que os amigos citas são muito mais leais que os amigos gregos, e que entre nós se dá mais importância que entre vós à amizade, é coisa fácil de provar. Ora, pelos deuses dos Gregos!, não oiças como uma afronta, se eu te contar algum facto de entre os que observei, ao viver há já longo tempo entre vós.

Realmente, creio que vós sois capazes, melhor que os outros [povos], de fazer discursos sobre a amizade, mas, no que respeita a actos próprios desta, não só não a praticais de acordo com as vossas palavras, como vos contentais com elogiá-la e mostrar quão precioso bem ela constitui, mas em situações de necessidade atraíeis os vossos [belos] discursos e, não sei lá como, desertais do centro da acção. E quando os vossos tragediógrafos fazem subir à cena e mostram tais amizades, vós elogiáis, aplaudis, e muitos de vós até choram por aquelas [personagens] que se arriscam em defesa dos outros, enquanto vós mesmos não tendes a coragem de fazer algo digno de louvor em defesa dos vossos amigos, mas, pelo contrário, se acontece que um vosso amigo tem necessidade de algo, imediatamente essas muitas tragédias se esvaem como sonhos e voam para longe de vós, deixando-vos semelhantes a essas máscaras vazias e mudas, que, de boca aberta, toda escancarada, nem por isso soltam o mínimo som. Nós somos

²³ V. *Os Funerais*, §21. Parece óbvio que Luciano se baseia em Heródoto, IV. 26 (sobre os Issédones) e I, 216 (sobre os Masságetas), ambos da vasta região da Cítia.

ao contrário. De facto, ficamos tão abaixo de vós no que toca a discursos acerca da amizade, como vos ganhamos em obras a ela respeitantes.

10. Pois então, se estás de acordo, façamos assim: Deixemos em paz os amigos de antigamente, pois tanto nós, como vós, podemos enumerar uns quantos dos tempos antigos, se bem que, neste ponto, vós levásseis vantagem, apresentando muitos poetas como testemunhas fidedignas, que cantam em belíssimos poemas épicos e versos líricos a amizade de Aquiles e Pátroclo e o companheirismo de Teseu e Pirítoo e de outros. Tomemos antes uns quantos, poucos, dos do nosso tempo, e narremos a sua vida e as suas façanhas: eu da parte cítica, e tu da parte helénica. Aquele que, de entre nós os dois, vencer, apresentando os melhores amigos, esse será declarado vencedor e proclamará o nome do seu país, por ter concorrido num concurso belíssimo e muito venerando. Pela minha parte, creio que seria para mim muito mais agradável, se, vencido em combate singular, me cortassem a mão direita — que é, na Cítia, a pena pela derrota —, do que ser julgado inferior a qualquer um em termos de amizade, especialmente inferior a um grego, sendo eu cita.

11. MNESIPO — Realmente, ó Tóxaris, não é tarefa fácil travar um duelo com um homem tão aguerrido como tu és, apetrechado de palavras²⁴ extremamente certeiras e incisivas. Em todo o caso, não recuando diante da tua pessoa, traíndo assim tão cobardemente e tão depressa toda a causa grega. Na verdade, seria completamente vergonhoso que tão grande número de citas, como mostram as vossas histórias e as vossas telas, que ainda há pouco tu tão bem descreveste, tivesse sido derrotado por aqueles dois homens, e que todos os Gregos, com tantos povos e tantas cidades, fossem vencidos por ti, por falta de comparência. De facto, se tal acontecesse, melhor seria que me cortassem, não a mão direita, como entre vós, mas sim a língua... Mas então deve cada um de nós limitar o número desses actos de amizade, ou quantos mais casos um de nós conseguir mencionar, tanto mais forte será considerado em termos de vitória?

TÓXARIS — De maneira nenhuma, mas, pelo contrário, que fique estabelecido que a vitória não está no número desses

²⁴ “palavras”, gr. (acusat.) *lógos* (λόγους), ou “argumentos”, “discurso”.

actos, mas, se os teus actos se revelarem mais excelentes e mais incisivos que os meus, embora ambos sejam em igual número, é óbvio que me causarão ferimentos mais funestos, e eu mais depressa sucumbirei a esses golpes.

MNESIPO — Dizes bem. Portanto, fixemos quantos [actos] serão suficientes. Por mim, acho que bastam cinco para cada um [de nós].

TÓXARIS — Também acho. Então, fala tu primeiro, mas depois de jurares dizer a pura da verdade, pois não é muito difícil forjar actos desses, cuja comprovação seria incerta. Mas se tu jurares, não é decente duvidar [de ti].

MNESIPO — Juraremos, pois, já que entendes que há mesmo necessidade de jurar... Mas qual dos nossos²⁵ deuses te satisfará? O [Zeus] Fílio?²⁶

TÓXARIS — Sim, com certeza. Quanto a mim, jurar-te-ei pelo meu deus nacional. quando for a vez do meu discurso.

12. MNESIPO — Seja então Zeus Fílio minha testemunha de que tudo quanto eu te disser, ou o sei por mim próprio, ou o obtive de outros, com a exactidão possível, sem acrescentar de minha lavra seja o que for de “teatral”²⁷... E a primeira amizade que te narrarei é a Agátocles e Dínias, que se tornou famosa entre os Jónios.

Este Agátocles, de Samos, que ainda era vivo não há muito tempo, era, conforme provou, o máximo em termos de amizade, mas quanto ao resto não era superior a muitos samianos, nem pelo nascimento, nem pela fortuna. Era amigo de infância de Dínias, filho de Líson. [natural] de Éfeso. Ora, este Dínias veio a enriquecer grandemente, pelo que, como naturalmente acontece com um novo-rico, tinha muitos outros à sua volta, prontos para com ele beber e com ele tomar parte nos prazeres, mas muito longe de serem seus amigos.

Durante um certo tempo, Agátocles contava-se entre estes, convivia e bebia com eles, sem, no entanto, se comprazer muito com esse tipo de vida e além disso, Dínias não o tinha em maior consideração que relativamente aos outros aduladores. Por fim,

²⁵ “nossos”, i. é, dos Gregos, pois, Tóxaris jurará por um deus cita.

²⁶ “Fílio”, *Fílios* (Φίλιος), epíteto (entre outros) de Zeus, “benevolente”, “protector da amizade”.

²⁷ “acrescentar (algo de) teatral”, gr. (part.) *epitragōidōn* (ἐπιτραγῳδῶν), ou seja, “sem inventar elementos dramáticos”.

Agátocles incomodava-o, ao censurá-lo frequentemente, pelo que ele lhe parecia insuportável, ao lembrar-lhe a toda a hora os seus antepassados, e ao aconselhá-lo a preservar aquilo que o seu pai lhe deixara e que fora adquirido com muito esforço. Por isso, Dínia deixou de o levar consigo nas farras pela cidade, mas foliava só com os outros, tentando passar despercebido a Agátocles.

13. Foi então que o infeliz se deixou persuadir por esses adutores de que Caricleia²⁸, mulher de Demónax — homem ilustre e de primeiro plano político entre os Efésios —, estava apaixonada por ele. E de facto, chegavam-lhe constantemente bilhetinhos dessa mulher, bem como grinaldas meio murchas, umas maçãs já mordidas e, enfim, todas as ciladas que as prostitutas armam contra os jovens, a fim de, a pouco e pouco, os induzirem na paixão amorosa e os incendiarem, ao cuidarem que são eles a primeira paixão delas — na verdade, este é um processo extremamente sedutor, sobretudo para os que se julgam belos²⁹ —, até que, mal se precatam, caem nas suas malhas.

Ora, Caricleia era não só um elegante pedaço de mulher, mas também um tipo de prostituta sem vergonha, sempre pronta para o primeiro que viesse, mesmo que este a pretendesse por pouco dinheiro. Bastava que um qualquer olhasse para ela, e logo ela fazia sinal “que sim”, pelo que não havia o receio de que Caricleia se negasse. Era também perita noutros truques, uma mestra comparada com qualquer das outras prostitutas no que toca a atrair um amante, a subjugá-lo por completo quando ele ainda está hesitante, e, uma vez dominado, a excitá-lo e a incendiá-lo, ora fingindo-se zangada, ora lisonjeando-o, e logo a seguir por meio do desdém e fazendo-o crer que está inclinada para um outro... enfim, era uma mulher muitíssimo sabida e apetrechada de muitas artimanhas contra os seus amantes.

14. Foi, pois, esta mulher, que os adutores de Dínia usaram contra o jovem; de uma maneira geral, cumpriram o segundo papel na farsa, lançando o jovem na paixão por Caricleia. Esta,

²⁸ Caricleia, *Kharikleia* (Χαρίκλεια) ou, forma mais “canónica”, *Cariclia*.

²⁹ O adj. *kalós* (καλός) usava-se, nomeadamente em escritos nas paredes, com o nome da pessoa amada, e também nos bilhetinhos amorosos, no sentido de “apetitoso”.

que já tinha arruinado muitos jovens e já tinha feito mil vezes o jogo do amor, que já tinha destruído casas de muitos talentos³⁰, como peste que era, muito versátil e com muita experiência, tendo recebido em suas mãos um jovem ingénuo e inexperiente de tais manigâncias, não o deixou fugir das suas garras, mas, pelo contrário, envolvendo-o por todos os lados e insinuando-se [nele], quando já o tinha completamente dominado, não só ela própria sucumbiu, vítima da caçada, como foi a causa de mil desgraças para o desventurado Dínias.

De facto, em primeiro lugar, foi-lhe lançando [como isco] os tais bilhетinhos, enviando-lhe constantemente a sua criada, a dizer que ela chorava, que não dormia, e, por fim, que tencionava enforçar-se, a infeliz, por via daquela paixão... até que o bem-aventurado se convenceu de que era [mesmo] belo³¹ e que era pretendido pelas mulheres de Éfeso, e então, depois de muito rogado, lá acedeu.

15. Daí em diante, como era de esperar, passou a ser presa fácil de uma mulher bela, que sabia não só falar [aos homens] no sentido do prazer, mas também, na devida altura, chorar ou gemer comovedoramente no meio da conversa, ou, quando [o homem] está mesmo a retirar-se, retê-lo, ou correr para os seus braços quando ele regressa, ou enfeitar-se a fim de lhe agradar o mais possível, e, quando calha, cantar e tocar cítara.

Serviu-se de todos estes processos contra Dínias. E quando sentiu que ele estava mesmo mal, já todo embrenhado na paixão e feito uma massa mole, imaginou outro processo em cima destes, a fim de o liquidar. De facto, fingiu que estava grávida dele — coisa bastante para inflamar um amante pateta —, pelo que deixaria de ir a sua casa, acrescentando que andava a ser vigiada pelo marido, que descobrira a sua relação amorosa.

Aí, o jovem já não era capaz de suportar a situação, e também não suportava não poder vê-la, e então chorava, mandava-lhe

³⁰ O talento era aquilo a que se chama «moeda de conto» (cf. *contos de réis*), ou seja, não existia como moeda. Equivalências: 1 talento = 60 minas; 1 mina = 100 dracmas; 1 dracma = 6 óbolos. Por exemplo, nas *Nuvens* de Aristófanes, 12 minas eram o preço de um bom cavalo. Nos *Diálogos das Cortesãs* há diversas alusões que nos informam mais ou menos sobre o (enorme) valor de 1 talento: §8,3 (“Ampélide e Crísíde”): 1 talento por uma amante em exclusividade durante 8 meses; §§4,1 e 7,1: 5 talentos como dote de noiva rica...

³¹ V. §13, nota a *belos*.

os seus adutores, gritava o nome de Caricleia e, abraçando a estátua dela — que tinha mandado fazer em mármore branco —, gemia, e por fim, lançando-se ao chão, rebojava-se, num estado de pura insanidade. Sim, os presentes que ele lhe oferecia em troca não consistiam em maçãs e grinaldas, mas em casas inteiras, quintas, criadas, vestes garridas e ouro quanto ela quisesse. Que mais dizer? Em pouco tempo, o património de Líson, que se tornara o mais famoso da Jónia, ficou esgotado e reduzido a nada.

16. Então, logo que ele ficou teso³², [Caricleia] abandonou-o, pôs-se à caça de um outro, um jovem cretense muito rico, passou-se para esse, e agora ama-o... pelo menos ele acredita.

Então Dínias, desprezado não só por Caricleia, mas também pelos adutores (que logo se passaram para o lado do [novo] amante), foi ter com Agátocles, que desde há muito sabia que as coisas lhe tinham corrido mal, e, ao princípio envergonhado, acabou por lhe contar tudo: a paixão, a miséria, o desdém da mulher, o rival cretense e, por fim, dizendo que não poderia viver a não ser na companhia de Caricleia. Ora, Agátocles, considerando que não era oportuno lembrar a Dínias o facto de ser o único dos seus amigos que ele não deixava aproximar-se de si, mas que, nesse tempo, preferia os adutores à sua pessoa, vendeu a casa paterna em Samos, a única casa que possuía, e entregou-lhe o valor, ou seja, três talentos³³.

Depois de receber [esse dinheiro], Dínias deixou imediatamente de passar despercebido a Caricleia e voltou de novo a ser considerado belo³⁴, e novamente [lá vinha] a criadinha mais os bilhetinhos, bem como a censura por ele há muito tempo não aparecer, e logo afluíram os adutores, no intuito de apanhar os restos, pois viam que Dínias ainda era “comestível”.

17. Ora, uma vez prometera-lhe ir a sua casa, e realmente foi lá à hora do primeiro sono, e já estava lá dentro, quando Demónax, o marido de Caricleia, quer por simples desconfiança, quer de conluio com a mulher (contam-se ambas as versões), irrompendo do sítio da emboscado, ordenou que fechassem

³² “teso” corresponde mesmo ao gr. *aúos* (αὔος), “seco” e sentidos figurados.

³³ V. §14, nota a *talentos*.

³⁴ V. §13, nota a *belo*.

a porta do pátio e apanhassem Dínias, ameaçando-o com o fogo³⁵ e com chicotadas e puxando da espada contra o adúltero.

Este, vendo o perigo em que se encontrava, pega numa tranca que estava perto e mata não só o próprio Demónax, com uma pancada numa têmpora, mas também Caricleia, esta não de um só golpe, mas repetidamente com a tranca, e depois com a espada de Demónax. Até aí, os criados tinham ficado imóveis e mudos, perplexos com a estranheza da coisa, e só depois é que tentam segurá-lo, mas, como Dínias avançasse para eles de espada em riste, puseram-se em fuga, enquanto Dínias se escapava, depois de ter cometido uma tal façanha.

Até ao romper do dia, Dínias permaneceu em casa de Agátocles, onde passaram os factos em revista e conjecturaram sobre o que sucederia no futuro. De manhãzinha, chegaram os soldados — pois o acontecimento já se espalhara —, que detiveram Dínias, o qual não negou ter cometido os assassinatos, e levam-no à presença do governador que nessa ocasião governava a [província da] Ásia. Este envia-o ao Imperador³⁶, e passado não muito tempo, Dínias foi mandado para a ilha de Gíaro³⁷, nas Cíclades, condenado pelo Imperador a viver aí exilado para toda a vida.

18. Então Agátocles foi o único dos seus amigos que, entre outras coisas, ficou junto dele, que com ele partiu para a Itália e que entrou com ele no tribunal e não lhe faltou com coisa nenhuma. E quando Dínias foi para o exílio, nem mesmo assim foi abandonado pelo seu companheiro, que se condenou a si próprio a viver em Gíaro e com ele foi exilado. E quando se viram completamente privados de recursos, Agátocles juntou-se

³⁵ Um dos castigos aplicados pelo marido traído ao adúltero consistia em lhe queimar os pelos do ânus. Nas *Nuvens*, o Raciocínio Justo refere o facto de o adúltero ser «enrabanado» e lhe queimarem os pêlos do cu com cinza quente”.

³⁶ “Imperador”: a designação grega, de “recurso”, é (dat.) *basileî tōi megáloi* (βασιλεῖ τῷ μεγάλῳ), “grande rei”. A seguir, diz apenas (genit.) *basilēōs* (βασιλέως).

³⁷ A ilha de Gíaro (mod. *Youra*), árida, de costas rochosas e povoada de cabras, era, no tempo dos Romanos, um dos lugares de deportação. É curioso o facto de, durante a “ditadura dos coronéis” (1967-1974) ter servido para o mesmo fim,

aos pescadores de púrpura³⁸, passou a mergulhar com eles e, com o produto retirado dessa actividade, ia sustentando Dínias. E quando este adoeceu, cuidou dele durante longuíssimo tempo; e quando ele morreu, mm quis regressar à sua terra, mas ficou ali mesmo nessa ilha, com vergonha de abandonar o seu amigo, mesmo que morto.

Aqui tens o acto de um amigo grego, acontecido não há muito tempo. Na verdade, não sei se já passaram cinco anos, desde que Agátocles morreu em Gíaro.

TÓXARIS — Muito gostaria, ó Mnesipo, que tu me contases esses factos sem teres feito juramento, para que eu pudesse duvidar deles... a tal ponto apresentaste esse tal Agátocles como [se fosse] um amigo cita. Em todo o caso, não³⁹ receio que tu refiras outro caso semelhante a este.

19. MNESIPO — Pois então, ó Tóxaris, escuta lá outro exemplo, o de Eutídico de Cálcis⁴⁰. Falou-me dele o piloto Sínilo, de Mégara, que me jurou ter a assistido pessoalmente ao acontecimento. Contou ele que navegava da Itália para Atenas, pela época do ocaso das Pléiades⁴¹, transportando pessoas de diversas proveniências, entre as quais esse tal Eutídico e, com ele, Dámon, também de Cálcis, e seu companheiro. Eram ambos da mesma idade, mas Eutídico era saudável e robusto, ao passo que Dámon era pálido e fraco, convalescente, segundo parecia, de uma longa doença.

Dizia Sínilo que até à Sicília tinham feito uma viagem feliz, mas, quando já tinham atravessado o estreito⁴² e já navegavam em pleno mar Jónico, caiu sobre eles um enorme temporal... Mas para quê falar de muita coisa, como os vagalhões, ciclones, chuva de granizo e tudo o que de mau há no Inverno. Quando

³⁸ Trata-se de moluscos gastrópodes (*múrice* e *púrpura*), que forneciam uma tinta que servia para tingir vestuário de personalidades importantes.

³⁹ “não”, gr. *ou* (οὐ), emenda de Bekker, onde um mss. (B) tem *oîn* (οἷν) “pois”, “portanto”..., o que daria o sentido de “receio que tu refiras...”. Com a emenda de Bekker, Tóxaris quer dizer que Mnesipo bem pode mencionar outros casos notáveis, que ele, Tóxaris, responder-lhe-á com outros nada inferiores. Pode ser significativo que outros mss. não tenham nem uma nem outra partícula...

⁴⁰ Há diversas cidades com este nome; aqui, parece tratar-se da mais importante cidade da Eubéia.

⁴¹ Fins de Novembro.

⁴² Trata-se do estreito de Messina, entre a Itália e a Sicília, que liga o mar Tirreno ao mar Jónico.

já estavam ao largo de Zacinto⁴³, navegando com a verga de vela enrolada⁴⁴ e, além disso, arrastando atrás de si uns cabos, a fim de conterem a impetuosidade das ondas, eis que, por volta da meia-noite, Dámon, naturalmente enjoado com tanto balanço, ficou enjoado, pelo que se debruçou para o mar, a fim de vomitar. Então, julgo eu, como o navio se tivesse inclinado mais fortemente para o lado onde Dámon se debruçara, e ainda com a ajuda da vaga, caiu de cabeça para baixo no mar, sem estar despido, o infeliz, para que mais facilmente pudesse nadar. Pôs-se a gritar, quase a afogar-se e mantendo-se a muito custo à tona daquela água agitada.

20. Então Eutídico, que por acaso estava despido na sua cama, ao ouvir [os gritos], lançou-se ao mar e, agarrando Dámon já sem forças — tudo isto era visível a grande distância, uma vez que a lua brilhava —, ia nadando a seu lado e amparava-o. Os outros [passageiros] bem queriam socorrê-los, e lamentavam a desgraça daqueles homens, mas não podiam [fazer nada], pois eles eram arrastados por uma forte ventania. No entanto, fizeram uma coisa, que foi lançarem-lhes muitas pranchas de cortiça e alguns objectos de madeira, para nadarem sobre eles, se por acaso conseguissem alcançá-los e por fim [lançaram-lhes] a própria escada⁴⁵, que não era nada curta.

Imagina lá, pelos deuses!, que outra prova mais segura poderia alguém dar de amor a um amigo caído em plena noite num mar tão furioso, do que morrer juntamente com ele. Põe diante dos teus olhos a enorme agitação das ondas, o estrondo das vagas ao rebentarem, a espuma fervilhante, a [escuridão da] noite, o desespero, e depois aquele homem em vias de se afogar e só a muito custo mantendo-se à tona, estendendo as mãos para o seu amigo, e este lançando-se imediatamente [à água] e nadando a seu lado, receando que Dámon morresse antes dele. Deste modo, convencer-te-ás de que não te descrevi este Eutídico como um amigo vulgar.

⁴³ “Zacinto”, uma das ilhas do mar Jónico. actual Zante.

⁴⁴ “com a verga de vela enrolada”, e não desfraldada, por causa do forte vento; o gr. diz *apò psilês keraías*, lit.^{te} “com a verga *seca*”, ou seja, “... não armada”...

⁴⁵ Ver-se-á mais adiante que a escada não ficou ligada ao barco, mas foi, simplesmente, atirada ao mar, onde os naufragos acabaram por encontrá-la.

21. TÓXARIS — Mas então, ó Mnesipo, será que esses homens pereceram, ou chegou-lhes, sem que o esperassem, alguma forma de salvação? Realmente, temo pela sua sorte...

MNESIPO — Fica sossegado, Tóxaris, eles salvaram-se, e neste momento encontram-se em Atenas, ambos entregues à Filosofia. De facto, Sínilo só me pôde contar aqueles factos a que ele assistiu naquela noite: um a cair [ao mar], o outro a lançar-se [à água], e ambos a nadarem, que foi tudo quanto pôde observar na [escuridão da] noite. O que aconteceu depois, foi o próprio Eutídico que [me⁴⁶] contou. Na verdade, [contou,] ao princípio encontraram umas pranchas de cortiça, sobre as quais se mantiveram e nadaram, aliás com muito incómodo; mais tarde, porém, já ao romper do dia, tendo avistado a escada, nadaram até lá e, finalmente, subiram para cima dela, e assim chegaram facilmente a Zacinto⁴⁷.

22. Depois destes, que — bem poderia dizê-lo — não são de desprezar, escuta agora um terceiro caso, em nada inferior aos outros dois.

Eudâmidas de Corinto tinha feito amizade com Areteu de Corinto e com Caríxeno de Sícion, que eram muito ricos, enquanto ele era muitíssimo pobre. Então, prestes a morrer, deixou umas disposições testamentárias, que talvez para outras pessoas sejam ridículas, mas que não sei se parecerão assim para ti, homem honesto, respeitador da amizade e que luta por obter, nesse ponto, o primeiro lugar. De facto, estava lavrado no testamento o seguinte: *“Deixo a Areteu o encargo de sustentar a minha mãe e cuidar dela na velhice; e a Caríxeno deixo o encargo de prover a minha filha de um dote tão grande quanto lhe seja possível dar-lho.”* (Na verdade, Eudâmidas tinha, além da sua velha mãe, uma filhinha já em boa idade para casar.) *“E se, entretanto, algum mal acontecer a um destes dois, a sua parte — acrescenta Eudâmidas — deve passar para o outro.”* Ora, uma vez lidas estas disposições testamentárias, aqueles que sabiam do estado de pobreza de Eudâmidas, mas

⁴⁶ O texto não diz claramente *a quem é* que Eutídico contou o episódio, mas o início do §12 aponta nesse sentido: *“Seja então Zeus Fílio minha testemunha de que tudo quanto eu te disser, ou o sei por mim próprio, ou o obtive de outros, com a exactidão possível, sem acrescentar de minha lavra seja o que for de ‘teatral’.”*

⁴⁷ V. §19, nota a “Zacinto”.

que desconheciam a amizade que existia entre esses homens, consideraram o caso como uma brincadeira, e ninguém saiu dali sem se rir, dizendo: “*Que bela herança vão receber Areteu e Caríxeno, esses felizardos*⁴⁸, *se são eles a pagar para Eudâmidas, pois vão ter, ainda vivos, um morto por herdeiro!*”

23. Então os herdeiros, em favor dos quais foram deixadas estas incumbências, ao terem conhecimento do facto, acorreram logo a fim de executarem as cláusulas dos [respectivos] testamentos. Ora, Caríxeno morreu passados somente cinco dias, pelo que Areteu, revelando-se o mais escrupuloso dos herdeiros, assumiu quer a sua parte, quer a do outro, sustentando a mãe de Eudâmidas e, por outro lado, passado não muito tempo, deu a filha deste em casamento; de cinco talentos⁴⁹ que possuía, entregou dois à sua própria filha, e outros dois à filha do amigo, e quis que o casamento de ambas se realizasse no mesmo dia.

Então, Tóxaris, que te parece este Areteu? [Achas que] ele, ao assumir a herança, e não traindo o testamento do amigo, deu um fraco exemplo de amizade, ou, pelo contrário, colocamos também este exemplo entre um dos cinco sufrágios unânimes?

TÓXARIS — Sim, também esse [homem] é meritório, mas eu admirei muito mais Eudâmidas, pela confiança que ele depositou nos amigos. Realmente, mostrou que também faria o mesmo por aqueles, mesmo que essas disposições não tivessem ficado exaradas no testamento, mas apresentar-se-ia, antes de quaisquer outros, como herdeiro não declarado de tais disposições.

24. MNESIPO — Dizes bem. Agora vou contar-te o quarto exemplo, o de Zenótemis, filho de Carmolau, de Massília⁵⁰.

Foi-me indicado na Itália, quando eu era aí embaixador em nome do meu País, um homem muito belo, de grande estatura e, segundo parecia, muito rico. Passeava ele num carro de dois cavalos, tendo a seu lado sentada uma mulher de aspecto geral horroroso, com metade do corpo engelhado do lado direito

⁴⁸ “*felizardos*”, naturalmente em sentido irónico. Quanto à ideia de, neste caso, ser um morto o herdeiro dos vivos, explica-se pelo facto de o morto não deixar quaisquer bens aos vivos, mas sim dois encargos bem onerosos, que fazem dele, afinal, como que *também* beneficiário da sua própria... herança...

⁴⁹ V. §14, nota a “talentos”.

⁵⁰ *Massilia*, do lat. *Massilia*, adaptação do gr. *Massália* (Μασσαλία), fundada pelos Fócios, é a actual Marselha.

e com o olho [desse lado] vazado... uma espécie de monstro horrivelmente manchado e repulsivo. Então, como eu me admirasse com o facto de esse homem, [tão] belo e [tão] perfeito, suportar que uma tal mulher viajasse a seu lado, aquele [fulano] que mo havia indicado, e que conhecia exactamente todos os pormenores [do caso], contou-me o motivo imperioso desse casamento. Aliás, ele próprio era também natural de Massília.

“De facto — disse ele — Zenótemis era pessoa da mesma categoria e amigo de Menécrates, pai desta infeliz e homem muito rico e muito estimado. A certa altura, porém, Menécrates viu confiscada a sua fortuna, devido a uma condenação, pela qual, por sentença dos Seiscentos, ficou privado dos seus direitos civis, por ter proposto um decreto ilegal. É deste modo — disse ele — que nós, Massiliotas, punimos quem quer que apresente propostas ilegais. Por isso, Menécrates teve um grande desgosto com essa condenação, pois, em pouco tempo, passou de rico a pobre e de pessoa ilustre e pessoa sem valor. Mas o que mais o afligia era essa sua filha, de dezoito anos e já em idade de casar, a quem, mesmo com toda a fortuna que o pai possuía antes da condenação, nenhum dos [jovens] bem-nascidos, mas pobres⁵¹, se dispunha facilmente a tomar por esposa, a tal ponto era horrível o seu aspecto. Além disso, dizia-se que ela caía doente por altura da Lua nova⁵².”

25. *“Ora, como Menécrates se lamentava desta situação junto de Zenótemis, este disse-lhe: ‘Ó Menécrates, tu não terás falta do necessário, e a tua filha encontrará algum noivo digno da sua condição.’ E ao mesmo tempo que dizia estas palavras, tomou-o pela mão, conduziu-o a sua casa e ofereceu-lhe uma parte da sua fortuna, que era muito considerável. Depois ordenou que preparassem um banquete, para o qual convidou os seus amigos e Menécrates, como se tivesse persuadido um dos seus amigos a prometer desposar a filha deste. Terminado o banquete, fizeram uma libação em honra dos deuses, e então [Zenótemis], apresentando ao amigo a sua taça cheia, disse: ‘Aceita, Menécrates, esta*

⁵¹ “bem-nascidos, mas pobres”: sigo a lição do mss. Γ, *eugenôn* (εὐγενῶν) aceite por A. M. Harmon (“Loeb, V, p. 144”), contra a lição de outros mss, que têm *agenôn* (ἀγενῶν), o que daria “(nem mesmo algum dos [jovens]) plebeus e pobres”... Esta lição não deixa de ser aceitável...

⁵² “Lua nova”: o texto diz “Lua em crescendo”, que não significa “quarto crescente”, mas o início do que será, sete dias passados, o quarto crescente. A doença da jovem seria a epilepsia, que se julgava estar sob a influência da Lua.

taça da amizade das mãos do teu genro, pois neste mesmo dia vou desposar a tua filha Cidímaca. Na verdade, já há muito que recebi, como dote⁵³, vinte e cinco talentos.⁵⁴ *E como Menécrates gritasse: ‘Oh não! Não faças isso, ó Zenótemis! Eu não seria tão louco, a ponto de ver com indiferença um jovem e belo como tu casado com uma rapariga feia e desfigurada’, Zenótemis, ao dizer aquelas palavras, pegou na noiva, dirigiu-se para a câmara nupcial e, passado pouco tempo, saiu de lá, depois de a desvirginar.*

“E desde então, vive com ela, ama-a extremosamente e, como vês, leva-a consigo para toda a parte.

26. *“E não só não se envergonha desse casamento, como até parece orgulhoso disso, deste modo demonstrando que despreza a beleza física e a fealdade, bem como a riqueza e a glória, mas que se preocupa mais com o seu amigo Menécrates, nem considera que este, devido ao voto dos Seiscentos, mereça menos a sua amizade.*

“A Fortuna, porém, já o recompensou deste seu procedimento, uma vez que desta mulher tão feia lhe nasceu um menino formosíssimo, e ainda há pouco tempo, quando o pai o levou ao Senado, com uma coroa de [ramo de] oliveira e vestido de negro, a fim parecer ainda mais digno de piedade em favor de seu avô, o menino desatou a rir para os senadores, enquanto batia palmas. Então o Senado, enternecido com o menino, revogou a condenação de Menécrates, pelo que agora já goza dos seus direitos cívicos⁵⁵, graças a um advogado tão novinho junto da Assembleia.”

Tais foram os actos que, segundo contou o messaliota, Zenótemis praticou em favor do seu amigo, [actos esses], como tu vês, nada insignificantes e que não seriam praticados por muitos citas, os quais, segundo se diz, escolhem rigorosamente as concubinas mais belas.

⁵³ A noiva levava para o casamento o seu dote, que ficava à guarda do marido, e que, em certas circunstâncias, lhe seria devolvido... ou não, conforme diversas leis de diversas épocas...

⁵⁴ Sobre o valor do talento, v. §14. Nomeadamente refiro os passos de *Diálogos das Cortesãs*, 4.1 e 7.1, em que se diz que cinco talentos eram o dote de uma noiva rica. Aqui fala-se de... vinte e cinco talentos!

⁵⁵ “goza dos seus direitos cívicos”: o gr. usa o adj. *epítimos* (ἐπίτιμος) para designar o cidadão de pleno direito; o contrário, *átimos* (ἄτιμος) designa um cidadão que perdeu esses direitos.

27. Resta-nos o quinto [exemplo], e eu creio que não poderia falar de qualquer outro, omitindo o [caso] de Demétrio de Súnio.

De facto, Demétrio tinha viajado por mar para o Egipto, juntamente com Antífilo de Alópece, seu amigo de infância e companheiro de adolescência⁵⁶, com quem convivia e com quem foi educado, mas, enquanto ele [Demétrio] se exercitava na doutrina dos Cínicos, ministrada pelo famoso mestre ródio⁵⁷, Antífilo estudava Medicina. Ora aconteceu que Demétrio viajou em direcção ao interior do Egipto, a fim de ver as pirâmides e [a estátua de] Mémnon. Realmente, ouvia dizer que as pirâmides, embora muito altas, não projectavam sombra⁵⁸, e que Mémnon soltava um som ao nascer do Sol. Então Demétrio, desejoso destes fenómenos — a observação das pirâmides e a audição de Mémnon —, foi navegando Nilo acima durante seis meses, tendo deixado para trás Antífilo, por este temer a viagem e o calor ardente.

28. Entretanto Antífilo viu-se a braços com uma adversidade que requeria [o socorro de] um amigo verdadeiramente generoso. Foi o caso que um seu escravo, Sírio de nome e naturalidade, tendo-se associado a uns ladrões de templos, penetrou com eles no Anubideu⁵⁹, onde roubaram ao deus dois vasos de libações⁶⁰ em ouro, um caduceu também de ouro, dois cinocéfalos de prata e outros objectos, entregando-os todos à guarda de Sírio. Passado algum tempo, tendo sido detidos no

⁵⁶ “companheiro de adolescência”, *sūnéphēbos* (συνέφηβος); o *efebo* era o jovem que, ao atingir os dezoito anos (dezasseis... dezassete: as informações variam), tinha de cumprir certas formalidades, a fim de ser inscrito no seu *demo* e iniciar uma recruta militar...

⁵⁷ Este “famoso mestre ródio” é por alguns identificado com Agatobulo, de quem mais nada se sabe...

⁵⁸ prefeito

Não correspondia à verdade a fama de que as pirâmides não projectavam sombra, pois não se situam no Equador. É possível, no entanto, que, no pino do Verão, o Sol fique suficientemente vertical, de modo que as pirâmides pouca sombra fariam...

⁵⁹ “Anubideu” ou “templo de Anúbis”. Resolvi adaptar, segundo as regras habituais, o gr. *Anoubideion* (Ἀνουβίδειον)... o que suscitou a presente nota...

⁶⁰ “vasos de libações”: a *phialē* (φιάλη) era uma espécie de prato algo profundo, que servia para as libações em honra dos deuses; em lat. chama-se *patēra* ou *patella*.

momento em que tentavam vender um desses objectos, logo contaram tudo, uma vez submetidos à tortura da roda, e então foram levados a casa de Antífilo, de onde retiraram o produto do roubo, que estava debaixo de uma cama em sítio muito escuro. Então Sírio foi imediatamente preso, bem como o seu amo Antífilo, arrancado à força enquanto escutava a lição do seu mestre. Ninguém o socorria, mas, pelo contrário, os seus amigos de outrora abandonaram-no, como se ele tivesse assaltado o Anubideu; e até consideravam um acto de impiedade o facto de alguém beber ou comer na sua companhia. Além disso, os restantes escravos, que eram dois, pilharam tudo o que havia em casa e puseram-se em fuga.

29. Estava, pois, o infeliz Antífilo encarcerado já desde há bastante tempo, considerado o mais maldito de todos os patifes que se encontravam na prisão, onde o chefe dos carcereiros, um egípcio e homem muito supersticioso, achava que agradaria ao deus e o honraria, tratando Antífilo com rudeza. E cada vez que este tentava defender-se, dizendo que não tinha cometido qualquer acto desses, era tido por desavergonhado e ainda mais odiado. Então começou a ficar doente e a passar muito mal, como era natural a quem dormia no chão e não podia, à noite, estender as pernas amarradas a um cepo. De facto, durante o dia bastava a coleira e uma das mãos agrilhoada, mas durante a noite tinha de estar completamente agrilhado. Além disso, o fedor da cela, o ar abafado, com muitos [prisoneiros] amarrados e apinhados no mesmo espaço, mal podendo respirar, e ainda o ruído dos ferros e o pouco sono — tudo isso era penoso e insuportável, mormente para um homem não habituado a essa situação e não preparado para um género de vida tão duro.

30. Então, quando ele já estava desesperado e se recusava a ingerir alimentos, eis que chega Demétrio, que não sabia de nada do que se havia passado. Ao ser informado do caso, dirigiu-se logo à prisão, a toda a pressa e tal como estava, mas nesse momento não o deixaram entrar, pois já era de noite, e o carcereiro tinha fechado a porta e já estava a dormir, tendo ordenado aos criados que ficassem de guarda. De manhãzinha, porém, depois de muito insistir, consegue entrar. E tendo entrado, procurou durante muito tempo por Antífilo, que estava irreconhecível devido aos maus-tratos; foi percorrendo o local,

examinando os agrilhoados um por um, tal como costumam fazer os que, nos campos de batalha, procuram os familiares mortos e já desfigurados. E se não tivesse bradado pelo seu nome, “*Antífilo, filho de Dinómenes!*”, durante bastante tempo ficaria sem saber quem ele era, a tal ponto estava alterado devido a tais desgraças. Quando, porém, ele ouviu a voz, deu um grito e, quando Demétrio se aproximou, afastou do rosto os longos cabelos imundos e emaranhados, mostrou quem era. Então caem ambos por terra, desmaiados devido a esta inesperada visão.

Passado algum tempo, Demétrio, tendo-se recomposto e ajudado Antífilo a recompor-se, perguntou-lhe como é que as coisas se haviam exactamente passado, após o que o exortou a ter coragem; e, cortando ao meio o seu manto, ficou vestido só com uma metade, dando a outra metade ao amigo e arrancando-lhe os farrapos encardidos e esburacados que ele tinha.

31. Daí em diante, ficava o mais possível junto do amigo, cuidando dele e prestando-lhe serviços. Então, pôs-se ao serviço de mercadores no porto, e, trabalhando como estivador desde manhãzinha até ao meio do dia, ganhava um bom dinheiro. Em seguida, depois de regressar do trabalho, uma parte do salário entregava-a ao carcereiro, tornando-o desse modo mais tratável e mais pacífico, e a parte restante empregava-a nos cuidados a ter com o amigo. Passava as tardes⁶¹ com Antífilo, consolando-o, e ao cair da noite, dormia junto da porta do cárcere, onde fizera uma espécie de cama com umas folhas que tinha apanhado.

E assim passaram algum tempo, com Demétrio a entrar livremente [na prisão] e com Antífilo a suportar mais facilmente a sua desgraça.

32. Passado algum tempo, tendo um dos ladrões morrido na prisão (parece que envenenado), a guarda tornou-se muito rigorosa, e já não entrava na cela nenhuma pessoa que o solicitasse. Então Demétrio, sem saber o que fazer e muito aflito,

⁶¹ O gr. diz “os dias”, mas já vimos que o homem trabalhava desde manhãzinha até ao meio do dia”, o que significa que trabalhava “de manhã”, no sentido em que usamos a palavra, e dedicava as tardes ao amigo.

sem ter maneira de estar com o amigo, foi ter com o prefeito⁶², acusando-se a si próprio de ter sido cúmplice do assalto a Anúbis.

Ao confessar esse acto, foi imediatamente conduzido à prisão e posto perto de Antífilo, o que conseguiu com muita dificuldade, depois de muito suplicar ao carcereiro que o pusesse junto do amigo, preso à mesma coleira que ele. Foi sobretudo nessa situação que ele revelou a sua afeição que tinha em relação ao seu amigo, descurando os seus próprios males (apesar de ele próprio também ter adoecido) e somente preocupado com a forma de aquele dormir bem e se afligir o menos possível. E assim, em conjunto, suportavam mais facilmente os seus sofrimentos.

33. Passado algum tempo, deu-se um acontecimento que pôs termo a mais desventuras. Foi o caso que um dos prisioneiros, tendo obtido, não sei lá como, uma lima, e tendo atraído muitos dos agrilhoados para a conspiração, serrou a corrente a que estavam amarrados em sequência, e então, desenfiando as coleiras⁶³, libertou-os a todos. Depois de matarem facilmente os guardas, que eram muito poucos, evadem-se em massa. Mas logo se dispersaram, cada um para onde podia; mais tarde, porém, foram na sua maior parte apanhados. Demétrio e Antífilo, porém, tinham permanecido no local, e até retiveram Sírio, que também já ia a fugir. Ao amanhecer, o prefeito do Egipto⁶⁴, informado do sucedido, enviou homens em sua perseguição; e tendo mandado vir à sua presença Demétrio e o seu amigo⁶⁵, libertou-os dos grilhões, elogiando-os pelo facto de terem sido os únicos que não se tinham evadido.

Eles, porém, não se deram por satisfeitos por terem sido libertados assim sem mais nem menos, mas Demétrio pôs-se a clamar e a fazer um grande rebuliço, dizendo que tinham sido vítimas de uma grande injustiça, ao serem tomados por

⁶² O Egipto era uma província *imperial* (não *senatorial*), governada pelo *praefectus Aegypti*.

⁶³ “desenfiando as coleiras”, operação fácil, depois de cortar uma das pontas da corrente comum.

⁶⁴ “prefeito do Egipto”, gr. *tên Aigüpton epitretamménos* (τὴν Αἴγυπτον ἐπιτετραμμένος) deve ser a mesma pessoa denominada, no §32, *harmostés* (ἄρμοστής): v. nota a “prefeito”, §32.

⁶⁵ O gr. diz “Demétrio e [*mais ou menos!*] quem com ele estava, sem referência explícita ao escravo Sírio, que, obrigado pelos outros dois, não havia fugido...

criminosos e por serem libertados por piedade ou como louvor por não se terem evadido. Por fim, obrigaram o juiz a examinar o seu caso com todo o rigor. Este, ao constatar que eles não eram culpados de nada, elogiou-os, exprimindo uma grande admiração por Demétrio, e mandou-os em paz, não sem antes os ter compensado da punição que haviam sofrido, ao serem agrilhoados, dando do seu bolso um presente a cada um: dez mil dracmas a Antífilo, e o dobro a Demétrio.

34. Actualmente, Antífilo continua a viver no Egipto, ao passo que Demétrio, tendo-lhe deixado as suas vinte mil dracmas⁶⁶, retirou-se para a Índia, para junto dos Brâmanes, pedindo perdão a Antífilo pelo facto de parecer abandoná-lo. Na verdade — disse —, não necessitava de dinheiro, enquanto estivesse como estava, ou seja, podendo contentar-se com pouco; além disso, Antífilo já não precisava do seu amigo, uma vez que os negócios lhe haviam corrido de feição.

É assim, ó Tóxaris, que são os amigos gregos. E se tu anteriormente não nos tivesses acusado de nos gabarmos de ter grande eloquência, citar-te-ia as próprias palavras, abundantes e belas, que Demétrio pronunciou no tribunal, sem dizer absolutamente nada em sua defesa, mas sim em defesa de Antífilo, ainda por cima chorando e suplicando, e assumindo toda a culpa, até ao momento em que Sírio, à força de ser chicoteado, os livrou a ambos.

35. Em conclusão, enumerei-te estes poucos [casos de] amigos bons e seguros, que foram os primeiros, de entre muitos, que me acudiram à lembrança. Só me resta-me descer da “tribuna” e dar-te a palavra. Cabe-te agora mostrar como os Citas não são inferiores, mas sim muito superiores a estes... se é que te preocupas com a tua mão direita, ainda assim não ta cortem⁶⁷. Pelo contrário, tens de ser corajoso, já que farias uma figura ridícula se, depois de elogiares de maneira tão sofisticada Orestes e Pílates, te revelasses um mau orador a respeito da Cítia.

TÓXARIS — Muito bem, Mnesipo, por me exortares a usar da palavra, como se não te desse cuidado que te cortem a

⁶⁶ Ao todo, Antífilo ficou com 30.000 dracmas, que correspondem à bela quantia de 5 talentos. Sobre o valor do talento, v. §14, nota a “talentos”.

⁶⁷ V. §10, *ad finem*.

língua⁶⁸, por teres sido vencido na oratória... Bem... vou começar imediatamente, sem utilizar, como tu, um lindo palavreado. De facto, tal não é próprio dos Citas, mormente quando as obras falam mais alto que as palavras. Não esperes da nossa⁶⁹ parte um discurso como o que tu acabas de pronunciar, elogiando um fulano qualquer que desposou uma mulher feia e sem dote, ou um que deu dinheiro no valor de dois talentos à filha de um amigo, aquando do casamento desta, ou então, por Zeus!, um tipo que se entregou à prisão, quando era evidente que seria libertado pouco depois. Tais procedimentos são insignificantes, não havendo neles nada de grandioso ou de heróico.

36. Eu, porém, vou falar-te de muitas carnificinas, guerras e mortandades em defesa dos amigos, para que saibas como os vossos feitos são uma brincadeira de crianças comparados com os feitos cíticos.

No entanto, não é sem razão que vós procedeis dessa maneira, mas é até natural o facto de vós elogiardes esses pequenos feitos. Realmente, vós não tendes, mas não tendes mesmo, grandes ocasiões de demonstrar a vossa amizade, pois viveis numa paz profunda, tal como não poderíeis saber, em tempo bonançoso, se um piloto é competente, porquanto faltaria a tempestade, para fazer a prova disso. Entre nós, porém, as guerras são contínuas, ou invadimos os territórios de outros [povos], ou os rechaçamos que eles nos invadem, ou envolvemo-nos em lutas por uma pastagem ou por roubar gado, casos em que mais se sente a necessidade de [ter] bons amigos. É por isso que fortalecemos o mais possível as nossas amizades, pois consideramos que ela, só por si, constitui a arma invencível e irresistível.

37. Ora, em primeiro, lugar quero falar-te do modo como fazemos os nossos amigos, não em pândegas de copos, como vós, nem pelo facto de um qualquer ser nosso companheiro de adolescência⁷⁰ ou vizinho, mas, sempre que vemos algum homem honesto e capaz de grandes feitos, apressamo-nos todos a juntar-nos a ele, e, tal como vós procedeis em matéria de casamento, também nós entendemos fazer no caso dos amigos,

⁶⁸ V. §11, primeira fala, de Mnesipo...

⁶⁹ “nossa”: plural majestático = “minha”.

⁷⁰ V. §27, nota a “companheiro de adolescência”.

cortejando-o e fazendo praticamente⁷¹ tudo, a fim de não falharmos a sua amizade nem fazermos figura de escorraçados. E sempre que algum é seleccionado como amigo, estabelece-se desde logo uma aliança, e faz-se um juramento solene, segundo o qual viverão em conjunto e, se necessário, um deles dará a vida pelo outro. Então procedemos do seguinte modo: Tendo feito, ambos ao mesmo tempo, golpes nos dedos, deixamos correr o sangue para dentro de uma taça, e então molhamos nele a ponta das nossas espadas, após o que pegamos ambos em conjunto na taça e bebemos juntos. Depois disto, não há nada que possa separar-nos. É permitido que entrem nestas alianças até, no máximo, três [amigos]⁷². É que um homem que tenha um grande número de amigos afigura-se-nos semelhante a essas mulheres públicas que se prostituem, e consideramos que a sua amizade não é assim tão forte, se dividida em muitas afeições.

38. Começarei pelo caso de Dândamis, recentemente acontecido. Ora, este Dândamis, na batalha [que travámos] contra os Saurómatas⁷³, como o seu amigo Amizoces tivesse sido capturado como refém... .. Bem... primeiro vou fazer-te o nosso juramento, que eu fiz contigo logo de início... Pelo Vento e pela Cimitarra, não te direi, ó Mnesipo, nenhuma mentira a respeito dos amigos entre os Citas.

MNESIPO — Cá por mim, não precisava mesmo nada que tu prestasses juramento. Tu, porém, fizeste bem em não jurar por nenhum deus.

TÓXARIS — Que é que estás a dizer? Não achas que o Vento e a Cimitarra são deuses? Ignoras, porventura, que não há nada maior para os homens do que a vida e a morte? Portanto, sempre que nós juramos pelo Vento e pela Cimitarra, juramos assim, pelo facto de o Vento ser a causa da vida, e pela cimitarra, pelo facto de ela causar a morte.

MNESIPO — No entanto, nessa ordem de ideias, vós tendes muitos deuses como a Cimitarra, como [por exemplo] a Flecha,

⁷¹ “praticamente”, “mais ou menos”, “quase” é um sentido possível do adv. *homôú* (ὁμοῦ), nomeadamente junto de numerais, ou, neste caso, um advérbio de quantidade.

⁷² “três [amigos]”, mais o “chefe”, e não, segundo outros, três pessoas ao todo.

⁷³ “Saurómatas” ou Sármatas, povo nómada da Sarmácia, nas margens do rio Tánais.

a Lança, a Cicuta, a Corda⁷⁴, e coisas do género. Realmente, este deus, Morte, é multifacetado, pois oferece infinitas vias que a ele⁷⁵ conduzem.

TÓXARIS — Estás vendo como fazes disto matéria de controvérsia e de chicana, interrompendo a meio e perturbando o meu raciocínio? Quando tu falavas, eu mantinha-me calado.

MNESIPO — Ó Tóxaris, não voltarei a fazer isso, foi com muita razão que me repreendeste. Por conseguinte, daqui em diante, fala à tua vontade, como se eu não estivesse a assistir às tuas palavras... de tal modo me mantereis calado.

39. TÓXARIS — Tinham-se passado três dias⁷⁶ sobre o pacto de amizade entre Dândamis e Amizoces, desde que haviam bebido o sangue um do outro, quando os Saurómatas invadiram o nosso país, com dez mil cavaleiros, a que se seguiram, segundo se diz, soldados de infantaria em número três vezes superior. Caíram sobre nós, que não tínhamos previsto o seu ataque, puseram-nos a todos em debandada, mataram muitos dos nossos combatentes e levaram consigo os vivos, com excepção de um ou outro que conseguiu passar a nado para a outra margem do rio, onde se encontrava metade do nosso acampamento e uma parte dos nossos carros. De facto, foi dessa maneira, nas duas margens do Tánais⁷⁷, que dispuséramos o acampamento, não sei lá por que decisão dos nossos comandantes.

⁷⁴ O gr. *brókhos* (βρόχος) refere-se especificamente a uma “corda de nó corredio” ou “corda de enforcado”, a que só vagamente corresponde o port. *laço*...

⁷⁵ “a ele” (*deus* ou gr. masc. *thánatos*, θάνατος), ou “a ela”, port. *Morte*. Em desespero de causa, aproveito a possibilidade de usar o masculino.

⁷⁶ Entenda-se: Tinham-se passado três dias (completos, e já iam no quarto dia)...

⁷⁷ “Tánais” é o actual rio Dom, que desagua no mar de Azove. Sendo a forma, grega ou latina, *trissilábica*, dava “jeito”, na adaptação portuguesa, usar o trema: *Tánaïs*. Outra adaptação possível seria *Tanáide*, ou melhor (com trema!), *Tanáide*...

Imediatamente arrebanham e levam à sua frente⁷⁸ o gado, juntam e amarram⁷⁹ os prisioneiros, saqueiam as tendas, apoderam-se dos carros, tomando muitos deles com os respectivos condutores e, mesmo à nossa vista, violam as nossas concubinas e as nossas mulheres e nós estávamos aflitos com a situação.

40. Foi então que Amizoces, levado por eles (pois tinha sido feito prisioneiro) e miseravelmente agrilhado, começou a gritar pelo nome do amigo, recordando-lhe a taça e o sangue. Ao ouvir tal coisa, Dândamis, sem perder tempo e à vista de toda a gente, lança-se a nado na direcção dos inimigos. Então os Saurómatas avançaram para ele de lanças em riste, a fim de o trespassarem, mas ele gritou “Zírin”⁸⁰. Se alguém pronuncia esta palavra, já não é morto por eles, mas recebem-no como pessoa que vem tratar de um resgate.

Depois, conduzido até ao chefe deles, reclama o amigo, mas o chefe exige o [preço do] resgate, dizendo que não o deixará ir, se não receber por ele uma grande quantia. Então Dândamis disse: *“Tudo aquilo que eu possuía foi saqueado por vós; mas se, mesmo despojado [de tudo], eu puder pagar-vos com qualquer coisa, estou pronto para vo-la ceder; por isso, ordena o que quiseres; se assim o entenderes, prende-me no seu lugar e faz de mim o que mais te agradar.”* Então o saurómata disse: *“Não, não precisas de te entregar completamente a nós, tanto mais que vens na qualidade de “Zírin”⁸¹; no entanto, paga uma parte do que possuis e leva o teu amigo.”* E tendo-lhe Dândamis perguntado o que é que ele queria tomar, o outro exigiu-lhe

⁷⁸ “arrebanhar (rodear) e levar à sua frente” tenta traduzir o gr. *perielaiúnō* (περιελαίνω); outra interpretação baseia-se na possibilidade de o subst. *leía* (λεία) significar, além de “gado”, também “despojos (de guerra)”. Recordemos que os Citas, nómadas como eram, levavam consigo o gado e tudo o mais, como “concubinas e mulheres” (v. a seguir).

⁷⁹ “juntam e amarram” tenta traduzir o gr. *sünékhō* (συνέχω)... talvez sem razão...

⁸⁰ “Zirin” (ou com minúscula?) é, obviamente, uma palavra da língua cita, cujo efeito correspondia ao do enviado junto do inimigo empunhando uma bandeira branca. É o que se depreende do que se diz a seguir. Há diversas sugestões: “ouro” (= “dinheiro”, “pagamento”, “resgate”), “irmão”, “amigo” (= “venho em paz”), “enviado”, “embaixador”... (v. A. M. Harmon, “Loeb”, V, p. 169); a sequência imediata poderia apontar para o sentido de “resgate”, gr. *lútron* (λύτρον), mas mais abaixo a palavra parece significar “suplicante”...

⁸¹ Neste contexto, *zirin* parece significar “suplicante”, ou “embaixador”...

os olhos, e logo Dândamis se pôs a jeito de lhos arrancarem. E, arrancados estes, os Saurómatas ficaram com o preço do resgate, enquanto Dândamis, pegando em Amizoces, regressou, apoiado no seu amigo, e, ambos a nado, chegaram sãos e salvos ao nosso território.

41. Este acontecimento incutiu ânimo em todos os Citas, que se convenceram de que jamais seriam vencidos, ao verem que os inimigos não nos haviam tirado o maior de todos os bens, mas que continuava a haver em nós nobres sentimentos⁸² e fidelidade para com os nossos amigos. Por outro lado, este acontecimento amedrontou, e não pouco, os Saurómatas, ao considerarem contra que espécie de homens iriam lutar em campo aberto⁸³, embora fossem superiores nos ataques de surpresa. Então, ao cair da noite, abandonaram a maior parte do gado, lançaram fogo aos carros e põem-se em fuga. Amizoces, porém, não suportou ficar com visão, enquanto Dândamis estava cego, pelo que se cegou a si próprio, e agora ambos se encontram sob protecção do povo cítio e sustentados a expensas públicas e com todas as honras.

42. Que exemplo comparável a este poderíeis vós⁸⁴ citar, ó Mnesipo, mesmo que te permitissem mencionar mais dez [casos], a juntar aos outros cinco, e sem juramento, se assim quisesses, para que pudesses dizer muitas mentiras a esse respeito? Em todo o caso, eu contei-te este caso nua e cruamente⁸⁵; se, porém, fosses tu a contar um caso semelhante, eu bem sei quantas “elegâncias” introduzirias no teu discurso, que tocantes súplicas fez Dândamis, como o cegaram, que palavras pronunciou, como regressou, como os Citas o acolheram com elogios, enfim, todos esses ornamentos que vós costumais inventar para os vossos ouvintes!

⁸² “nobres sentimentos”: o gr. tem *agathè gnómē* (ἀγαθὴ γνώμη), de sentido algo impreciso, talvez “um nobre sentimento de honra”, ou “uma grande força interior”, etc...

⁸³ “em campo aberto”, gr. *ek paraskeuēs* (ἐκ παρασκευῆς), ou seja, “em batalha preparada”, por oposição (como se diz a seguir, a “ataque de surpresa” ou “emboscada”).

⁸⁴ “vós”, i. é, os Gregos, e não plural majestático.

⁸⁵ “nua e cruamente”: o gr. diz apenas (acusat.) *gūmnón* (γυμνόν), “nu”, ou seja, como se lê a seguir, sem ornamentação retórica.

43. Mas escuta agora um outro caso de igual valor — o de Belitas, primo do supracitado Amizoces, o qual Belitas, quando viu o seu amigo Bastes derrubado do cavalo por um leão (aconteceu que andavam à caça), e quando o leão, já bem agarrado a ele, o tinha filado pelo pescoço e o despedaçava com as garras, imediatamente se lançou contra a fera, tentando puxá-la para trás, irritando-a contra si próprio e tentando fazê-la desviar-se [da presa], metendo os seus dedos entre os dentes do leão, tentando, na medida do possível, livrar Bastes de ser mordido... até que o leão, deixando o outro já meio-morto, se voltou contra Belitas, agarrou-o e matou-o. Este, porém, já prestes a morrer, ainda conseguiu dar um tão grande golpe de cimitarra em pleno peito do leão, que morreram ali todos [três] ao mesmo tempo; então nós sepultámo-los, erigindo dois túmulos lado a lado: um dos dois amigos, e outro, perto deste, do leão.

44. E agora⁸⁶, Mnesipo, vou falar-te do terceiro exemplo de amizade, [este] entre Macentes, Loncates e Arsácomas. Ora, este Arsácomas apaixonou-se por Mazeia, filha de Leucanor, que era rei do Bósforo⁸⁷ na altura em que Arsácomas foi enviado numa missão relativa ao tributo que os Bosforenses⁸⁸ nesse tempo regularmente nos pagavam, mas em que já tinham ultrapassado o prazo havia já três meses. Ora, Arsácomas, ao ver, no banquete, a tal Mazeia, jovem alta e formosa, ficou perdidamente apaixonado por ela. Então, com o problema do tributo já resolvido, o rei passou a tratar com ele de certos assuntos e ofereceu-lhe um banquete, para assim se despedir dele. Ora, é tradição, no Bósforo, que os pretendentes, a meio do banquete, peçam a mão das jovens, digam quem são e porque é que se julgam dignos de serem admitidos ao casamento. E de facto, aconteceu que, naquela ocasião, estavam presentes no banquete muitos

⁸⁶ Começa aqui uma longa história (§§44-55), tirada muito provavelmente de um “romance”, hoje perdido, mas que Luciano tenta resumir... porventura para lá do razoável...

⁸⁷ “que era rei do Bósforo”, ou “que reinava no Bósforo”. O part. aor., genit. *basileúsantos* (βασιλεύσαντος) indica que, no momento da fala do cita, Leucanor já não era rei do Bósforo (por ter morrido?).

⁸⁸ “Bosforenses” ou, seguindo o gr., *Bosforanos: Bosporanoí* (Βοσπορανοί).

pretendentes, reis e filhos de reis, entre os quais⁸⁹ Tigrápates, soberano dos Lazos⁹⁰, Adírmaco, governador⁹¹ de Macliene, e muitos outros. Cada um dos pretendentes, depois de anunciar o motivo por que se apresenta como pretendente, deve jantar juntamente com os outros, mantendo-se em silêncio. Logo, porém, que acabam de jantar, cada um deve pedir uma taça [de vinho], que verte em libação sobre a mesa, e propõe-se como noivo da jovem, elogiando cada um a sua estirpe, a sua fortuna ou o seu poderio.

45. Então, depois de muitos terem feito, segundo esta norma, a sua libação e o seu pedido, e depois de mencionarem o seu reino e a sua fortuna, Arsácomas, que foi o último a fazer o seu pedido, não fez a libação com a taça, porquanto não é nosso costume verter vinho, uma vez que consideramos esse procedimento uma grave ofensa à divindade, mas antes, tendo bebido [o vinho] de um só trago, disse: “*Concede-me, ó rei, que eu tenha a tua filha Mazeia por esposa, pois sou mais merecedor que estes [todos], no que respeita quer a riqueza, quer a bens materiais*”⁹². Como Leucanor se mostrasse admirado — pois sabia que Arsácomas era pobre e [não passava de] um cita como muitos outros — e lhe perguntasse: “*Mas... ó Arsácomas, quantos rebanhos possuis, ou quantos carros tens (pois é isso que constitui a vossa riqueza)?*”, ele respondeu: “*Não possuo nem carros nem rebanhos*”⁹³, *mas tenho dois excelentíssimos*”⁹⁴ *amigos, como não os tem nenhum dos Citas.*”

⁸⁹ “entre os quais” não está nos mss.: é sugestão de Hartman (*hôn: õv*), “perhaps right” — segundo A. M. Harmon (“Loeb”, V, p. 174).

⁹⁰ “Lazos”, povo da Cólquida, região do Ponto Euxino.

⁹¹ “governador”, “prefeito”, “príncipe” (?), traduções do impreciso gr. *árkhōn* (ἄρχων). Poderá tratar-se da suprema autoridade local em representação do Império Romano (?)..

⁹² “riqueza... bens materiais”: *plouítos* (πλοῦτος) refere-se fundamentalmente a dinheiro”, ao passo que *kiémata* (κτήματα) inclui bens materiais de diversa ordem: propriedades rurais ou urbanas, rebanhos, e até escravos...

⁹³ “rebanhos”: o gr. *agélē* (ἀγέλη) tende a significar “gado grosso”, sobretudo bovino, mas também ocorre referido a cavalos, porcos, peixes... e até pessoas! Para gado miúdo, o gr. usa *poímnē* (ποιμνή). Tratando-se de um cita (de um povo nómada), podemos dar à palavra um sentido alargado, que abranja bois e vacas, cavalos, ovelhas e cabras...

⁹⁴ “excelentíssimos” é uma maneira expedita (e algo vaga!) de traduzir o famoso *kalos kai agathos* (καλὸς καὶ ἀγαθός) — expressão sempre “esquiva” de sentido...

Nessa altura, foi motivo de risota devido às suas palavras, e objecto de desprezo, pois julgavam que ele estava bêbedo. E logo ao alvorecer [do dia seguinte], Adírmaco, que havia sido preferido aos outros [pretendentes], tratou de levar a noiva, contornando o [lago] Meótis, até Macliene⁹⁵.

46. Quanto a Arsácomas, tendo regressado ao seu país, contou àqueles seus [dois⁹⁶] amigos a maneira como foi ultrajado pelo rei e como foi motivo de risota no banquete, ao passar por pobre. *“E no entanto — disse — eu falei-lhe da enorme riqueza que possuo, ou seja, vós, Loncates e Macentes, bem como da vossa afeição por mim, [que é] muito mais valiosa e muito mais segura do que o poderio sobre os Bosforenses⁹⁷. Mas, enquanto eu assim falava, o rei troçava de mim e menosprezava-me, ao passo que concedeu a Adírmaco de Macliene [a honra de] levar a noiva, uma vez que dizia possuir dez taças de ouro, oitenta carros de quatro lugares e muitos rebanhos de ovinos e bovinos. Deste modo, pois, o rei deu mais valor a muitos rebanhos, taças sofisticadas e pesados carros do que a homens virtuosos.*

“Por isso eu, meus amigos, sinto-me duplamente triste.. De facto, por um lado, estou apaixonado por Mazeia, e, por outro lado, a ofensa [recebida] perante tantos homens afectou-me de maneira nada leve. Além disso, considero que também vós fostes igualmente injuriados, pois cabe a cada um de nós um terço da injúria, se é verdade que vivemos de tal maneira, que, desde que nos associámos, constituímos como que uma só pessoa, tristes com as mesmas coisas, e com as mesmas coisas alegres.” A isto respondeu Loncates: *“... E não só... mas cada um de nós fica completamente ofendido⁹⁸, quando tu foste vítima de uma tal acção.”*

47. Aí Macentes acrescentou: *“Mas então como é que havemos de lidar com a presente situação?”*. E disse Loncates: *“Dividamos a tarefa: Eu comprometo-me a trazer a Arsácomas a cabeça de Leucanor, enquanto tu deves trazer-lhe a noiva de volta.”* *“Faça-se*

⁹⁵ V. §4, nota a [lago] Meótis, e § 44, nota a “governador” de Macliene.

⁹⁶ “[dois]”: o contexto mostra que se trata, não *dos amigos em geral*, mas *daqueles [dois] amigos atrás referidos*: Macentes e Loncates.

⁹⁷ “Bosforenses”: v. §44, nota a esta palavras

⁹⁸ “*completamente ofendido*”, e não apenas, como se diz atrás, com “*um terço da injúria*”. É interessante a ideia de que a injúria feita a um não se dilui pelo número de amigos...

assim — disse o outro—... *E entretanto, tu, Arsácomas (uma vez que, na sequência destas [nossas] acções, naturalmente vamos precisar de um exército e de entrar em guerra), enquanto esperas aqui por nós, vai reunindo e preparando armas, cavalos e a maior quantidade possível de tropas. Tu arregimentarás muitos homens, quer por seres, tu próprio, um valente [guerreiro], quer por termos muitos parentes*⁹⁹, *mas sobretudo se te sentares sobre uma pele de boi*¹⁰⁰.” Aprovada a proposta, um deles, Loncates, partiu imediatamente, tal como estava¹⁰¹, para o Bósforo, enquanto Macentes se dirigiu a Macliene, ambos a cavalo. Por seu lado, Arsácomas, que ficara no país, dirigiu-se aos jovens da sua idade, constituiu uma força armada constituída pelos seus parentes¹⁰², e, por fim, sentou-se sobre uma pele [de boi].

48. Ora, o nosso costume relativo à pele [de boi] é como segue: Quando alguém, tendo sofrido uma ofensa por parte de outrem, pretende vingar-se, mas vê que, só por si, não está à altura [do seu adversário], sacrifica um boi, corta a carne em pedaços, que leva a cozer, após o que estende no chão a pele [do boi] e se senta sobre ela, pondo ambas as mãos atrás das costas, como as pessoas amarradas pelos braços¹⁰³. É esta a nossa mais importante maneira de suplicar. Uma vez servidos os pedaços de carne do boi, os familiares e outras pessoas que desejem [fazê-lo] aproximam-se e, tomando cada um o seu pedaço, coloca o seu pé direito sobre a pele e cada um faz uma promessa, de acordo com as suas possibilidades: um promete oferecer, livre de alimentação e de salário, cinco cavaleiros, outro dez, outro um número ainda maior, outro [promete] tantos hoplitas¹⁰⁴ ou soldados de infantaria ligeira quantos puder, outro, enfim, por

⁹⁹ “parentes”... “amigos”, “aliados”, “criados”... tudo isso cabe no gr. *oikeioi* (οἰκεῖοι) “pessoal da casa, da família ou íntimos amigos”.

¹⁰⁰ Ver a explicação deste costume no §48.

¹⁰¹ “tal como estava”, ou seja, desarmado e sem qual protecção... ver-se-á porquê.

¹⁰² “parentes”: v. nota *supra*.

¹⁰³ O texto sugere que o ofendido não estava realmente amarrado, mas, simplesmente, que tinha as mãos atrás das costas, como as pessoas realmente assim amarradas.

¹⁰⁴ Os hoplitas (*hoplitai*: ὀπλιῖται) eram soldados de infantaria “pesada”, armados de espada ou de lança e protegidos com um elmo, uma couraça, polainas e um escudo, com um peso total de cerca de 35 kg.; os soldados de infantaria ligeira (*pezoi*: πεζοί), menos protegidos, eram, por outro lado, mais rápidos e mais facilmente mobilizáveis.

ser muito pobre, oferece simplesmente a sua própria pessoa. Deste modo, reúne-se muitas vezes [à conta do juramento] sobre a pele¹⁰⁵ um grande número [de tropas], e um tal contingente é muitíssimo seguro em termos de coesão e invencível para os inimigos, uma vez que está sob juramento. Na verdade, o facto de pisar a pele [do boi] é [só por si] um juramento.

Estava, pois, Arsácomas ocupado com este procedimento, e já tinham sido recrutados cerca de cinco mil cavaleiros e um total de vinte mil hoplitas e soldados de infantaria ligeira.

49. Quanto a Loncates, tendo chegado incógnito ao Bósforo, vai ter com o rei, o qual estava [nesse momento] a tratar de um assunto da governação, e diz-lhe que, por um lado, vem da parte do povo cita, mas que também lhe trazia, em seu nome pessoal, importantes questões. Então, tendo-lhe o rei ordenado que falasse, ele disse: *“Quanto aos Citas¹⁰⁶, eles exigem, no interesse comum e no dia-a-dia, que os vossos pastores não invadam a planície, mas que apascentem [os seus rebanhos] até ao limite da zona rochosa. E quanto aos ladrões, que vós acusais de invadir o vosso país, [os Citas] afirmam que não são enviados por nossa vontade comum, mas cada um deles pilha para seu próprio lucro. E se algum deles for apanhado, tu tens o poder absoluto de o punir. Foi isto o que eles me mandaram dizer.*

50. *“Quanto a mim, porém, aviso-te de que vai ter lugar uma grande expedição contra ti, por parte de Arsácomas, filho de Mariantas, que ainda recentemente veio em missão junto de ti, e que, segundo creio, está furioso contigo pelo facto de, tendo pedido a mão da tua filha, não a ter obtido de ti; faz agora sete dias que ele está sentado sobre a pele [do boi], e já juntou a si um exército nada pequeno.”*

Eu próprio — disse Leucanor — ouvi dizer que estava a ser reunida uma força armada com base na pele [de boi], mas ignorava que esta era dirigida contra nós e que Arsácomas era o seu chefe.” E disse Loncates: *“Pois são mesmo contra ti esses preparativos. Mas Arsácomas é meu inimigo e odeia-me pelo facto de eu ser mais estimado que ele pelos anciãos e por me revelar superior [a*

¹⁰⁵ O gr. diz “sobre a pele”, que é uma maneira abreviada de dizer.

¹⁰⁶ Ao recado dos Citas através de Loncates (*hoi mèn Skúthai: oí μὲν Σκúθαι*) segue-se (§50) o “recado” pessoal do mensageiro, Loncates: *εἰδὲ δὲ... ἐγὼ δὲ...*

ele] em todos os aspectos. Ora, se tu me prometeres a tua segunda filha, Bércetis, a mim que, de resto, não sou indigno de vós¹⁰⁷, dentro de não pouco tempo virei aqui, trazendo-te a cabeça de Arsácomas.” “Prometo” — respondeu o rei, muitíssimo atemorizado, pois conhecia a causa da raiva de Arsácomas devido ao [incidente do] casamento, e, além disso, temia sempre os Citas.

Então disse Loncates: “*Jura que honrarás este compromisso e que não te negarás [a cumpri-lo], quando o meu acto for consumado.*” Mas como o rei, elevando as mãos para o céu, estivesse prestes a fazer o seu juramento, Loncates disse: “*Não neste lugar, não se dê o caso de alguém estar a ver a desconfie do motivo por que juramos, mas entremos antes aqui no templo de Ares, fechemos as portas e façamos então o juramento, sem que ninguém nos oiça. Na verdade, se Arsácomas soubesse disto, receio bem que me mataria antes de a guerra [começar], ele que neste momento já está rodeado de uma força militar nada despicienda.*” “Entremos, pois — disse o rei —... E vós¹⁰⁸, mantende-vos o mais afastados possível, e que ninguém se aproxime do templo sem que eu o chame.”

Quando eles entraram e os guarda-costas se afastaram, Loncates, puxando da cimitarra e apertando com a outra mão a boca [do rei], para que não gritasse, trespassa-lhe o peito, e em seguida corta-lhe a cabeça, que esconde sob a clâmide¹⁰⁹, e sai [do templo], fingindo falar ao rei e dizendo que voltaria em breve, como se tivesse sido mandado por aquele, a fim de [fazer] qualquer coisa. Assim, tendo chegado ao local onde tinha deixado preso o cavalo, montou-se nele e largou a galope a caminho da Cítia. Não houve qualquer perseguição [a Loncates], pois durante bastante tempo os Bosforenses desconhecera o sucedido, e, quando dele tomaram conhecimento, entraram em lutas pelo trono.

51. Foi esta a façanha de Loncates, que cumpriu a promessa feita a Arsácomas, entregando-lhe a cabeça de Leucanor. Quanto

¹⁰⁷ “de vós” não é plural majestático, mas significa antes “de vós, Bosforenses”.

¹⁰⁸ “vós” refere-se aos guarda-costas do rei, os *dorūphóroi* (δορυφόροι): v. a seguir.

¹⁰⁹ A clâmide era uma capa militar, que consistia numa peça de pano rectangular, traçada à volta do corpo. Podia ser maior ou menor; no primeiro caso (e no do nosso texto), sobrava tecido suficiente para cair pelo corpo abaixo.

a Macentes, tendo sabido, no caminho¹¹⁰, o que tinha acontecido no Bósforo, dirigiu-se aos Maclianos, tendo sido o primeiro a anunciar-lhes o assassinato do rei: *“Adírmaco — disse ele —, o Povo¹¹¹ [do Bósforo] chama-te, na qualidade de genro [do rei], a assumir a realeza. Por isso, põe-te desde já¹¹² a caminho e toma o poder, apresentando-te numa situação muito conturbada. E a tua jovem esposa deve seguir-te numa carruagem, pois deste modo seduzirás mais facilmente a maior parte dos Bosforenses, quando estes virem a filha de Leucanor. Eu sou um alano¹¹³, parente desta jovem por parte da mãe, uma vez que Leucanor desposou Mastira, [que é] do nosso país. E agora venho aqui, da parte dos irmãos de Mastira, que vivem na Alânia e te solicitam que partas o mais depressa possível para o Bósforo, para não permitires que o poder passe para Eubíoto, o qual, por ser irmão bastardo de Leucanor, sempre tem sido amigo dos Citas e odeia os Alanos.”*

Assim falou Macentes, que tinha as mesmas vestes e [falava] a mesma língua que os Alanos, com a diferença de que os Alanos não usam os cabelos tão compridos como os Citas. Mas Macentes até neste aspecto se parecia com os Alanos, pois havia cortado o cabelo até ao ponto em que era visível o facto de um alano usar cabelos mais curtos que um cita. Assim, com este artifício, acreditaram nele, que passou por familiar de Mastira e de Mazeia.

52. *“Neste momento, Adírmaco — disse Macentes —, estou pronto, quer para partir contigo para o Bósforo, quer, se tu assim o entenderes, para ficar por aqui e, caso seja necessário, acompanhar a tua jovem esposa.” “É melhor assim — respondeu Adírmaco —, prefiro que tu acompanhes Mazeia, pois és pessoa do seu sangue. Na verdade, se tu fosses juntamente comigo para o Bósforo, nós teríamos somente mais um cavaleiro; se, porém, acompanhares*

¹¹⁰ Segundo A. M. Harmon (“Loeb”, V, pp. 184-185), Luciano seguiu um “romance” (hoje perdido), em que os dois amigos terão feito parte do caminho em comum, mas, enquanto Loncates se dirigiu ao Bósforo, Macentes ficou a aguardar notícias, após o que partiu para Macliene, com uma boa parte do trajecto já percorrida, o que lhe permitiu dar a notícia em primeira mão, pois isso, como se verá a seguir, era crucial para o plano.

¹¹¹ “Povo” traduz aqui o gr. *pólis* (πόλις).

¹¹² “desde já” (“antecipadamente”, “sem perda de tempo”) traduz o prevérbio: *pro-elásas* (προελάσας).

¹¹³ Os Alanos eram um povo da Sarmácia (actual Polónia).

a minha mulher, serás um cavaleiro a valer por muitos. Se tu acompanhares a minha esposa, serás um só a valer por muitos.”

E assim se fez, pelo que Adírmaco partiu, entregando a Macentes o encargo de acompanhar Mazeia, que ainda era virgem. Então ele, durante todo o dia, manteve-a sempre na carruagem, mas, ao cair da noite, tendo-a feito montar num cavalo¹¹⁴ — de facto, tinha providenciado no sentido de um único cavaleiro os seguir —, montou também ele e disparou a galope, não ao longo das margens do [Lago] Meótis, mas, pelo contrário, rumou em direcção ao interior da terra, tendo à sua direita os montes Mitreus. E fazendo de vez em quando a jovem descansar, ao fim de três dias chegou de Macliene à Cítia. Então o cavalo, no final da viagem, manteve-se levantado durante uns curtos momentos, mas logo morreu.

53. Então Macentes, entregando Mazeia a Arsácomas, disse: *“Aceita-a, bem como o cumprimento da minha promessa.”*

E como Arsácomas tivesse ficado estupefacto perante o inesperado da cena e lhe agradecesse, Macentes disse: *“Para de me tratar como uma pessoa diferente¹¹⁵ de ti, pois o facto de me agradeceres pelo que eu fiz é como se a mão esquerda ficasse reconhecida à mão direita por esta uma vez a ter tratado, quando ferida, e ter cuidado dela com toda a dedicação, quando ela estava dolorida. Portanto, nós procederíamos de maneira ridícula, se, depois de (há tanto tempo!) nos termos misturado¹¹⁶ e nos termos, tanto quanto possível, transformado numa só pessoa, ainda considerássemos uma grande façanha o facto de uma parte de nós fazer algum bem em favor de todo o corpo. Na realidade, essa pessoa procederia em seu próprio benefício, por constituir uma parte do todo assim beneficiado.”* Foi assim que Macentes respondeu a Arsácomas, quando ele lhe agradeceu.

¹¹⁴ “num cavalo”: o gr. diz *no* cavalo, que não é necessariamente, nem provavelmente, o seu próprio cavalo, mas — presumo — *o* cavalo do conhecido romance (hoje perdido), naturalmente montado pelo seu dono, um cavaleiro macliiano, que (afinal era inimigo!) terá sido morto por Macentes, para que não fosse denunciar a traição, ou que terá fugido e informado o seu rei. Luciano não o diz (nem interessava ao caso), nem conhecemos a versão do presumível romance em que Luciano se terá baseado.

¹¹⁵ “uma pessoa diferente”: pelo contrário, após a cerimónia de molharem as espadas no sangue de ambos vertido para dentro de uma taça (§37), os dois amigos tornam-se um *uma única* pessoa.

¹¹⁶ V. nota *supra* a “uma pessoa diferente”.

54. Quanto a Adírmaco, logo que tomou conhecimento da traição, já não se dirigiu ao Bósforo — onde Eubioto já subira ao trono, chamado pelos Saurómatas, em cujo país vivia —, mas regressou ao seu país, reuniu um grande exército e dirigiu-se à Cítia atravessando as montanhas. Passado pouco tempo, o próprio Eubioto se juntou a ele, comandando não só um grande contingente de Gregos, mas também, como seus aliados, Alanos e Saurómatas, com vinte mil homens cada um. O conjunto das tropas de Eubioto e de Adírmaco ascendia a noventa mil homens, a terça parte dos quais era constituída por arqueiros a cavalo.

Pelo nosso lado — pois eu próprio também tomei parte na expedição, por ter então fornecido, [jurando] sobre a pele [do boi], cem cavaleiros à minha custa —, tendo reunido não menos de trinta mil homens, incluindo cavaleiros, ficámos a aguardar o ataque, sob o comando de Arsácomas. E logo que os vimos aproximarem-se, avançámos, lançando na primeira linha a cavalaria. Travada durante longo tempo uma dura batalha, as nossas tropas iam cedendo [terreno], e a nossa falange¹¹⁷ estava a ficar destroçada, e por fim todo o exército cita ficou cortado em duas partes, uma das quais bateu em retirada, sem ser claramente vencida, mas a fuga mais parecia um recuo, pois os Alanos não se atreviam a perseguir-nos até muito longe. Quanto à outra metade, a mais fraca, os Alanos e os Maclianos cercaram-na e retalharam-na por todos os lados, lançando contra ela abundantes flechas e dardos, de tal modo, que aqueles de nós que estavam cercados sofriam bastante, e muitos deles já mandavam fora as armas.

55. Ora aconteceu que entre eles estavam Loncates e Macentes, que já estavam feridos, pois expuseram-se ao perigo na linha da frente — um deles, Loncates, [ferido] na coxa por uma ponta de lança¹¹⁸, enquanto Macentes [tinha sido atingido] com uma

¹¹⁷ A falange era constituída por hoplitas fortemente, e pesadamente, protegidos, formados em compactas filas e colunas, e armados de lanças com 12 côvados (c. 5,5m) de comprimento. Assim, a falange dava um terrível aspecto de grande força, mas, em contrapartida, era pouco flexível e, por isso, facilmente cercada por tropas ligeiras, pelo que, muitas vezes, necessitava de ser apoiada a toda a volta.

¹¹⁸ “na coxa por uma ponta de lança”, *stüraktiōi eis tòn mērón* (στυρακίῳ εἰς τὸν μηρόν) é emenda de Fritzsche (aceite por A. M. Harmon, “Loeb”); os mss. dão uma lição difícil de interpretar: *püraktōtheis tòn mērón*

machadada na cabeça e com uma frechada no ombro. Então Arsácomas, que estava no meio de nós, apercebendo-se da situação, e considerando uma coisa horrível afastar-se e abandonar os amigos, deu de esporas ao cavalo e, aos gritos, avançou pelos inimigos adentro, brandindo a cimitarra, de tal maneira, que os Maclianos não puderam resistir ao ímpeto da sua fúria, mas abriram alas e deixaram-no passar por eles.

Então, tendo-se chegando-se junto dos amigos e encorajando todos os outros, irrompeu contra Adírmaco, desferiu-lhe um golpe de cimitarra ao longo da cabeça¹¹⁹, que o rachou até à cintura. E tendo este caído [morto], todo o exército macliano se dispersou, e pouco depois o [exército] alano, e logo a seguir os gregos. Assim, íamos vencendo uns após os outros, e continuaríamos durante muito mais tempo a matar neles, se a noite não tivesse interrompido a nossa acção.

No dia seguinte, vêm suplicantes da parte dos inimigos, solicitando [um pacto de] amizade: os Bosforenses prometeram pagar-nos o dobro do tributo, os Maclianos disseram que nos entregavam reféns, enquanto os Alanos, como compensação por aquele ataque, encarregaram-se de submeter ao nosso domínio os Sindianos¹²⁰, desde há muito revoltados contra nós. Nós concordámos com essas propostas, mas tendo previamente obtido o parecer de Arsácomas e Loncates⁽¹²¹⁾, e então fez-se a paz, tendo estes dois regulamentado os pormenores.

E é isto, Mnesipo, o que os Citas ousam fazer em defesa dos amigos.

(πυρακτωθεῖς τὸν μηρόν), que Bailly (s. u. πυρακτώω), aceitando a lição dos mss., traduz, na passiva, por “être blessé par un trait durci au feu”, ou seja, ferido na coxa por uma lança endurecida ao fogo”. Tratar-se-ia de uma lança de madeira, com ponta de ferro...

¹¹⁹ O gr. diz (acusat.) *aukhéna* (αὐχένα), que normalmente significa “pescoço”(no seu todo), mas também “nuca” e “garganta”. O contexto diz claramente que o golpe foi desferido de alto a baixo...

¹²⁰ Os Sindianos, ou Sindos, eram um povo vizinho da Cítia.

¹²¹ Tem-se estranhado que Macentes não tenha tomado parte nas negociações. A, M, Harmon (“Loeb”, V, pp. 194-195) sugere que Macentes terá morrido na batalha (v. §55: “Macentes [tinha sido atingido] com uma machadada na cabeça e com uma frechada no ombro”). Recordo, porém, que Luciano conta uma história (romance?) conhecida, pelo que omite muitos pormenores... e mesmo assim creio que se “alargou” demasiado, pelo menos em comparação com os exemplos seguintes de amizade...

56. MNESIPO — Trata-se, ó Tóxaris, de uma história bastante dramática e semelhante a mitos¹²²; e que me sejam propícios a Cimitarra e o Vento, pelos quais tu juraste. Se, no entanto, alguém descrese desses acontecimentos, não pareceria ser lá muito digno de censura.

TÓXARIS — Vê lá, meu caro, se a tua descrença não é antes [efeito da] inveja. Mesmo assim, apesar dessa descrença, não me impedirás de contar outros factos deste género, que eu sei terem sido cometidos por citas.

MNESIPO — Mas não te alongues muito¹²³, nem utilizes um discurso prolixo. É que até agora, percorrendo de alto a baixo a Cítia e a Macliene, regressando daí para o Bósforo, depois voltando a sair, abusaste muitíssimo do meu silêncio.

TÓXARIS — É de aceitar essa norma que tu me impões, e eu devo falar concisamente, para que não te fartes de mim e te distraias da audição.

57. Antes de mais, escuta o que fez por mim um amigo meu, de nome Sisines.

Quando vinha da minha pátria a caminho de Atenas, desejoso de conhecer a cultura grega, desembarquei em Amástris, no Ponto¹²⁴. Esta cidade, não muito longe do cabo Carâmbis, está situada junto ao ponto de acostagem dos que vêm da Cítia. Ora, acompanhava-me Sisines, meu amigo de infância. Então nós tendo visto uma hospedaria junto do porto, carregámos para lá as nossas bagagens, após o que fomos dar uma volta pela praça, sem suspeitarmos de nada de mau. Entretanto, porém, uns ladrões rebentaram com a fechadura e levaram tudo, a ponto de não nos deixarem sequer o suficiente para esse dia.

Ao voltarmos a casa e tomarmos conhecimento do sucedido, não achámos bem processar os vizinhos, que eram muitos, nem o hospedeiro, por recearmos passar por sicofantas¹²⁵ aos

¹²² “mitos”, “fábulas”, “histórias fantásticas”, de cuja veracidade Mnesipo se atreve a duvidar...

¹²³ Rigorosamente, é Luciano que se apercebe de ter sido, ele próprio, demasiado prolixo, pelo que, como autor, não suportaria mais quatro histórias de idêntica extensão.

¹²⁴ Os Citas habitavam a norte do Ponto Euxino (zona do actual Mar Negro), pelo que Amástris devia ficar na margem sul. Também existiu um outro “Ponto”, a Nordeste da Ásia Menor...

¹²⁵ *Sicofanta* era (Atenas...) o indivíduo que promovia uma acção judicial contra outro, um delator, que, muitas vezes, fazia desse processo um

olhos de muitos, ao dizermos que alguém nos tinha furtado quatrocentos daricos¹²⁶, uma grande quantidade de vestuário, uns quantos tapetes e tudo o mais que possuíamos.

58. Então ficámos a pensar no que faríamos na presente circunstância, completamente desprovidos de meios em terra estranha. A minha ideia era, tal como estava e ali mesmo, trespassar o peito com a minha cimitarra e abandonar a vida, antes de me sujeitar a qualquer indignidade, pressionado pela fome e pela sede. Sisines, porém, animava-me e rogava-me que não fizesse tal coisa, pois ele mesmo havia de providenciar no sentido de obtermos alimentos suficientes.

E logo se pôs a descarregar madeira do porto, e então regressou a casa com abastecimentos [obtidos] com o seu salário. Na manhã seguinte, ao deambular pela praça pública, viu — como ele dizia — “uma *procissão*¹²⁷ de valentes e belos jovens”. Estes haviam sido recrutados, mediante salário, para tomarem parte num combate [a realizar] daí a dois dias¹²⁸. Então, tendo-se informado de tudo junto deles, veio ter comigo e disse-me: “*Tóxaris, de agora em diante, não te consideres pobre, pois dentro de dois dias farei de ti um homem rico.*”

59. Assim falou, e nós, entretanto, levámos uma vida miserável, mas, iniciado o espectáculo, fomos também nós assistir. De facto, levando-me consigo, como se fosse para algum espectáculo agradável e extraordinário, dos gregos, conduz-me antes ao teatro. Assim que nos sentámos, vimos, em primeiro lugar, umas feras atacadas com lanças, e [outras¹²⁹] perseguidas

modo de vida, pois, no caso de o réu ser condenado, uma parte dos bens deste revertia para o acusador. Este, no entanto, caso não obtivesse pelo menos 1/5 dos votos, arriscava-se a apanhar uma multa de 1000 dracmas e a sofrer outras penalizações de natureza cívica. Muitas vezes, o sicofanta apenas fazia chantagem, levando a vítima a entregar-lhe determinada quantia, só para se livrar de aborrecimentos. Neste caso, tratar-se-ia de um chantagista, que declararia ter sido lesado numa importância superior...

¹²⁶ O darico era uma moeda persa (mas com curso geral), de ouro, com c. 8,5g de peso.

¹²⁷ “*procissão*”: creio que é esta palavra, mais sugestiva do que semanticamente exacta, que é explicitamente citada.

¹²⁸ “daí a dois dias”, gr. *eis trítēn hēmēran* (εἰς τρίτην ἡμέραν), ou seja, contando o próprio dia em que se está.

¹²⁹ “e [outras] ... e [ainda outras]”: Entendo tratar-se de três partes separadas, o que o texto, aliás, permite, com as conjunções *e ... e*.

por cães, e [ainda outras] atiradas contra homens amarrados... criminosos — pensámos nós. Depois entraram os gladiadores, e então o arauto, conduzindo um jovem de grande estatura, proclamou: “*Quem quiser lutar com este [jovem], avance para o meio da arena, e receberá dez mil dracmas como salário pelo combate*”. Aí, levanta-se Sisines e, saltando lá para baixo, oferece-se para lutar, pede as armas e, pegando no salário, veio entregar-me as dez mil dracmas, dizendo: “*Tóxaris, se eu vencer, vamo-nos daqui os dois, com o suficiente; mas se eu perecer, enterra-me e volta para a Cítia.*” Ao ouvir isto, comecei a chorar.

60. Ele, porém, pegou nas armas e envergou-as a todas, só não colocou o elmo, mas começou a combater mantendo-se de cabeça descoberta. Logo de começo, foi ferido, com um joelho retalhado por uma espada curva, de maneira que o sangue corria com abundância. Aí eu estive quase a morrer de medo, mas ele, esperando que o seu adversário se lançasse com mais audácia, atinge-o, trespassando-lhe peito, de forma que caiu imediatamente a seus pés. Então Sisines, também muito enfraquecido por efeito do ferimento, sentou-se sobre o cadáver, e pouco faltou para exalar a alma. Então eu corri para ele, levantei-o e animei-o. E quando, enfim, foi mandado retirar-se como vencedor, peguei nele e levei-o para casa. Depois de longamente tratado, sobreviveu, e vive até ao presente na Cítia, onde desposou a minha irmã. No entanto, ficou coxo, devido ao ferimento.

Este facto, ó Mnesipo, não aconteceu em Macliene, nem na Alânia, de maneira que fosse intestemunhável ou pudesse ser posto em dúvida, mas, pelo contrário, há por aí muitos cidadãos de Amástris que se recordam da luta de Sisines.

61. E vou terminar, contando-te como quinto caso o de Abaucas. Ora, este Abaucas veio uma vez à cidade dos Boristenitas¹³⁰, trazendo condigo a sua mulher, a quem muito amava, e duas crianças: um filho macho, ainda de peito, e uma outra, uma menina de sete anos. Vinha com ele na viagem um seu amigo, Gindanes¹³¹, este doente de um ferimento que durante a viagem

¹³⁰ “cidade dos Boristenitas” ou dos Boristénidas, situada nas margens do rio Borístenes (actual Dnieper), também chamada Olbiópolis...

¹³¹ Gindanes, ou Gíndanes? Andrónimo cita, é impossível aplicar a regra de adaptação ao port., segundo a quantidade da penúltima sílaba.

tinha recebido de uns ladrões que os haviam atacado. De facto, ao lutar contra eles, foi atingido na coxa, de maneira que, devido à dor, não era capaz de se manter de pé. Ora, estando eles uma noite a dormir — sucedeu que habitavam num andar superior —, declarou-se um grande incêndio, que cortou todas as saídas, tendo as chamas rodeado a casa por todos os lados. Então Abaucas, acordando, deixou os filhos a chorar, repeliu a mulher que se agarrava a ele e lhe suplicava que a salvasse, e, levando o amigo nos braços, desceu com ele e apressou-se a abrir caminho que ainda não tinha sido completamente atingido pelo fogo. A sua mulher, segurando o bebé, foi atrás dele, ordenando à menina que a seguisse. Todavia, meio queimada, largou dos braços o bebé, saltando muito a custo por cima das chamas, e a menina juntamente com ela, a qual também escapou por pouco de morrer. E como mais tarde alguém tivesse censurado Abaucas pelo facto de ter abandonado os seus filhos e a sua mulher, mas antes tivesse levado Gindanes para fora [da casa], ele respondeu: *“É que filhos, é-me fácil voltar a fazê-los... e é incerto que eles sejam bons; mas um amigo como Gindanes, que me tem dado muitas provas da sua grande amizade, não acharei outro ao longo de muito tempo.”*

62. Acabo de referir, ó Mnesipo, estes cinco exemplos, que selecionei de entre muitos outros. Agora, será tempo de julgar a qual de nós deve ser cortada a língua ou a mão direita¹³². Então quem será o julgador?

MNESIPO — Ninguém. Na verdade, não constituímos ninguém como juiz do pleito. Mas sabes o que havemos de fazer? Como, desta vez, disparámos as setas sem alvo preciso, para a outra vez escolheremos um árbitro, ao qual falaremos de outros amigos... e depois, àquele que sair vencido, será cortada... ou a mim a língua, ou a ti a mão direita... Ou será este processo muito cruel, uma vez que tu achas a amizade um sentimento louvável, e eu considero que não há nenhuma outra coisa melhor e mais bela que esta? Então porque é que nós não combinamos, cá entre nós, sermos amigos daqui em diante e amarmo-nos para sempre, sendo, deste modo, ambos vencedores

O etnónimo pl. *Gindanes* (-â-), gr. Γυνδάνες (-ᾱ-) refere-se a um povo da Lóbia...

¹³² Sobre o corte da mão direita... ou da língua, como castigo aplicado ao vencido, v. §§10-11.

e recebendo os maiores prémios, e, em vez de uma única língua e uma única mão direita, ganharmos duas [línguas e duas mãos direitas] cada um, e, além disso, quatro olhos, quatro pés... enfim, tudo a dobrar? Quando dois ou três amigos se juntam, isso é algo como quando os pintores representam Gérion: um homem com seis braços e três cabeças. Na verdade, em meu entender, trata-se de três pessoas agindo em simultâneo, como é justo, se eles são realmente amigos.

63. TÓXARIS — Dizes bem. Façamos, pois, assim.

MNESIPO — Mas... ó Tóxaris, não precisamos cá de sangue nem de cimitarra para firmarmos a nossa amizade. Realmente, esta nossa conversa e o simples facto de termos os mesmos sentimentos são mais fiáveis que o cálice que vós bebeis, porquanto essas coisas, creio eu, requerem não tanto a necessidade, mas sim a vontade.

TÓXARIS — Aplaudo essa ideia. Então sejamos desde já amigos e *hóspedes e hospedeiros* um do outro¹³³: tu meu hospedeiro aqui na Grécia, e eu teu hospedeiro, se alguma vez fores à Cítia.

MNESIPO — Pois fica bem certo, Tóxaris, de que eu não hesitaria em ir até mais longe, se fosse para me encontrar com amigos como tu, pelas tuas palavras, me revelaste que és.

¹³³ “*hóspedes e hospedeiros* um do outro”, ou “convidados um do outro”, corresponde ao gr. *xénoi* (ξένοι), simultaneamente “hóspede” e “hospedeiro” (sentido derivado de “(reciprocamente) estrangeiros”. As leis da hospedagem tinham um carácter sagrado, com deveres e obrigações de parte a parte...

(Página deixada propositadamente em branco)

LEXÍFANES

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Este Lexífanos é pseudônimo, ou alcunha, forjado por Luciano, de um seu amigo (ou, pelo menos, pessoa simpática), que, tal como um certo “*Pseudologista*” (mas este profundamente odiado por Luciano), fazia grande ostentação de vocabulário ático da época áurea do classicismo ateniense. Além do uso ridículo de vocabulário ocasional ou poético (p.ex., logo no início, adj. *neokhmós*: νεοχμός, “recente”: trágicos, Aristf., Heródoto), o homem carece absolutamente de sentido estético e literário, o que agrava enormemente a sua prosa, de um ridículo que... até dói e arrepia o pobre do tradutor, como já acontecia com os seus ouvintes, entre os quais Luciano, o qual, depois de impacientemente escutar as suas insípidas descrições, lhe dá caridosos conselhos, que se resumem ao abandono de leituras sofisticadas de aplicação linguística e gosto discutíveis, e a uma séria reeducação, com base na leitura e estudo dos grandes escritores da época áurea ateniense. Não faz mal transcrever, desde já, parte dos §§22-23, que constituem um excelente programa pedagógico:

“Se verdadeiramente pretendes ser elogiado em matéria de estilo e ser apreciado pelo público, fuge e desvia-te de todo esse palavreado, e, depois de começares pelos melhores poetas e de os leres sob a orientação de [bons] mestres, passa para os oradores, e, uma vez embebido do estilo destes, passa, em devido tempo, para as obras de Tucídides e de Platão, mas depois de te teres exercitado muito bem na bela comédia e na venerável tragédia. Na verdade, só depois de colheres nestes autores todas as suas belíssimas flores, é que serás alguém no domínio das letras...”(§22)

“Se assim procederes, ainda que durante algum tempo suportes a censura de [seres] ignorante e não te envergonhes de estares a ser reeducado, mais tarde falarás em público com toda a confiança, e não serás motivo de troça, como agora... Antes de mais, lembra-te disto: Nunca imites os péssimos exemplos dos sofistas que se revelaram um pouco antes da nossa época, nem “mordisques” [sequer] o seu estilo, como agora [fazes], mas, pelo contrário, pisa a pés juntos tais processos, e rivaliza com os modelos antigos.”(§23)

Depois de lermos esta transcrição, estamos em excelentes condições de apreciar a pobreza do algo longo, insípido e ridículo discurso *exemplar* que a personagem pronuncia diante

de Luciano. Nesse discurso, Lexífanos pretende comparar-se a — imagine você! —... a Platão e ao seu *Banquete*. Os §§2-15, se na boca de um inimigo de Luciano suscitaria uma crítica cruel, como ele sabia fazer, aqui suscita-lhe, depois de um riso inicial, um forte sentimento de compaixão (§16):

“... Ao princípio, dava-me para rir dessas palavras, mas quando elas se tornaram excessivamente numerosas e todas do mesmo estilo, fiquei com pena de ti e da tua infelicidade, ao ver que tu te tinhas precipitado num labirinto sem saída e que padecias de uma doença gravíssima, mais propriamente, de um ataque de humor negro.”

Essa *doença gravíssima* vai, porém, encontrar cura, com a chegada providencial do médico Sópolis, que ministra ao “doente” um purgante, que o faz vomitar, por cima e por baixo, todo (ou quase todo!) o palavreado maldito, de que Luciano nos dá uma razoável coleção (§21).

E a terminar (§25):

“Se imitares aqueles outros autores e mudares de método educativo, terás tomado uma excelente decisão em teu benefício, mas se, [mesmo] inconscientemente, voltares a resvalar para esse “apetite”, dou o meu conselho por cumprido, e tu só a ti próprio acusarás, ao perceberes que te tornaste ainda pior.”

LEXÍFANES

PERSONAGENS:

LICINO, LEXÍFANES, SÓPOLIS

1. LICINO — O elegante Lexífanos com um livro?!

LEXÍFANES — Sim, por Zeus!, ó Licino. É uma das minhas obras anuais¹³⁴, uma absoluta *novidade*.

LICINO — Quer dizer que agora escreves sobre... *sujidades*?¹³⁵

LEXÍFANES — Claro que não; aliás, eu não disse *sujidade*... Mas é tempo de dares aquela designação a um... *artígrafo*¹³⁶. Tu, porém, pareces ter os ouvidos atafulhados de cera¹³⁷.

LICINO — Desculpa lá, meu amigo, pois a *novidade* tem muito de comum com a *sujidade*¹³⁸... Mas diz-me cá: Qual é o tema do teu escrito?

LEXÍFANES — Nele eu “componho um *Banquete* contraposto”¹³⁹ ao do filho de Aríston.

¹³⁴ O adj. *tētinós* (τητινός) é palavra rara, que os dics. remetem só para esta obra. Deriva do adv. *tētes* (τήτες), também raro, que significa “este ano”, mas também “este dia”, “hoje”, pelo que o adj. reflecte a mesma dúvida “deste ano”, “do ano corrente”, ou “deste dia”, donde resulta a dúvida (até para o seu interlocutor, Luciano): uma das obras do ano, ou uma das obras do dia?

¹³⁵ Jogo entre *novidade* e *sujidade*, como se Licino (propositadamente, é claro) tivesse ouvido mal a palavra; aliás, a “piada” não é mais convincente no original: *neokhmón* (νεοχμόν) “recente”, “novo”, “coisa nova”... “novidade”, e *aukhmoí* (αὐχμοί) “sujidade(s)”... além de outros sentidos...

¹³⁶ “*artígrafo*”: O gr. (neutro) *artigraphés* (ἀρτιγραφές) significa, lit. “recentemente escrito”, mas é, de resto, palavra rara, “inventada” (ou equivalente) por Lexífanos. À falta de encontrar um sinónimo adequado de *novidade*, *transfiro* a “piada” para o neologismo grego... Ao que um tradutor se vê reduzido!

¹³⁷ “atafulhados de cera”, gr. *kūpselóbūsta* (κυψελόβυστα) é um composto perfeitamente inteligível, mas, de toda a maneira, raro (os dics. só remetem para este passo). Em port., se fosse possível (!), teríamos algo como (prepare-se!)... **ceratafulhados* (!!!).

¹³⁸ Esta ideia de que a *novidade* não traz, em geral, grandes vantagens é tipicamente conservadora, ou mesmo reaccionária...

¹³⁹ “componho um *Banquete* contraposto a...”: o gr. (ou seja, Lexífanos... e Luciano) diz, numa só palavra, ainda que composta, *antisūmposiázō* (ἀντισυμποσιάζω). É impossível, como em muitíssimos outros casos, dar uma correspondência, mesmo que aproximada, em português.

LICINO — Mas existem muitos Arístones... Parece, porém, que, com base na palavra *banquete*, te referes a Platão.

LEXÍFANES — Interpretaste correctamente. É que essa maneira de dizer seria incompreensível para qualquer outro.

LICINO — Nesse caso, lê-me lá um pouco desse livro, para que não fique completamente privado do... banquete. Realmente, afigura-se-me que vais verter sobre mim um pouco de néctar daí proveniente.

LEXÍFANES — Ora deita lá abaixo essa tua personalidade irónica, e depois torna esses ouvidos desimpedidos e escuta. Fora com a *Cípselis*¹⁴⁰ entupidora!

LICINO — Fala à vontade, que não estão nos meus ouvidos nem Cípselo, nem Periandro.

LEXÍFANES — Entretanto, vai vendo, ó Licino, como eu desenvolvo o assunto, se ele é bem começado¹⁴¹, se patenteia muita elegância de estilo, encantador nas palavras e, além disso, com vocábulos bem formados¹⁴².

LICINO — É natural que assim seja, vindo da tua parte... Mas começa lá, finalmente.

2. LEXÍFANES¹⁴³ — (Lendo) “*Depois iremos jantar*¹⁴⁴ — disse Cálicles —, e depois, pela tardinha, daremos umas voltas pelo Liceu... Mas agora é tempo de untarmos a [tez]... ‘soltostada’¹⁴⁵,

¹⁴⁰ *Cípselis*, gr. *Küpselis* (Κυψελίς) está aqui, na fala de Lexífanés, como sinónimo (raro!) de *küpsélē* (κυψέλη) “cera dos ouvidos”, “cerume”, mas Licino faz por entender a palavra como um ginecónimo, feminino de *Kípselos* (Κύπελος), Cípselo, tirano de Corinto, que vem aqui à baila somente por causa do nome. Quanto a Periandro, filho de Cípselo, é citado por associação a Cípselo... Trata-se, mais uma vez, de um fraco jogo de palavras...

¹⁴¹ “bem começado”, sentido *forçado* do adj. *eúarkhos* (εὐαρχος), que normalmente significa “que governa bem”, ou, pass., “fácil de governar”.

¹⁴² O gr. (aliás Lexífanés!) diz somente *eúlexis* (εὐλεξις) e *euōnūmos* (εὐώνυμος), de uso ou sentido mais ou menos insólito...

¹⁴³ Prepare-se: Todo o discurso é de um enorme ridículo... doloroso de traduzir...

¹⁴⁴ O gr. *deipnéō* (δειπνέω) pode (como visivelmente aqui) referir-se a uma refeição no período do meio-dia até ao meio da tarde, e não propriamente o o “jantar”, e muito menos a “ceia” (v. a seguir).

¹⁴⁵ ‘soltostada’, palavra da invenção do tradutor, para, de algum modo, traduzir o ridículo do, igualmente neologismo, e petulante, *hēliokaés* (ήλιοκαές). NOTA: Fique dito, de uma vez, que não é prático apontar todas as palavras petulantes e pretensivas que Lexífanés vai buscar aos tempos de antanho, mas que caíram completamente em desuso.

de nos aquecermos ao solinho¹⁴⁶, e então, depois do banho, de comermos pão de trigo... Sim, partamos agora mesmo! E tu, rapaz, embarca-me¹⁴⁷ para a sala de banho um estrígil¹⁴⁸, uma pele¹⁴⁹, toalhinhas e sabão... e traz também a paga do banho¹⁵⁰, tens lá dois óbolos, no chão, ao lado cofre¹⁵¹... E tu, Lexífanos, que pretendes fazer?¹⁵² Vens ou repousas¹⁵³ ainda um pouco aqui?

E disse eu: “Também eu estou desde há que tempos com ganas de tomar banho. Sim, não ando lá muito bem de saúde, ando mal do perineu¹⁵⁴, por me ter montado numa sela. De facto, o arrieiro dava-me pressa, ele próprio a saltar ao pé-coxinho sobre odres. Mas nem mesmo no campo eu deixava de estar fatigado. De facto, dei com uns trabalhadores que arrulhavam uma canção estival, enquanto outros abriam um túmulo para o meu pai; e tendo eu cavado o túmulo juntamente com eles, e ajudado os que alargavam as margens, e tendo eu próprio metido mãos à obra, mandei-os embora, por causa do frio e porque já tinham queimaduras¹⁵⁵. Bem sabes que o frio excessivo causa queimaduras. Então eu, tendo percorrido as courelas¹⁵⁶, achei uns alhos que

¹⁴⁶ “solinho” não traduz a palavra gr. *heilē* (εἶλη), só atestada em Aris-tófanes, *Vespas*, 772 (que é, muito provavelmente, a fonte de Lexífanos): *hèn exékhē* / *heilē*, *kath' órthron*, *hēliásei pròs hēlion*: ἦν ἐξέχη / εἶλη κατ' ὄρθρον, ἠλιάσει πρὸς ἥλιον, com um jogo impossível de verter: “Se ‘heliozinho’ (?) despontar de manhãzinha, heliasta serás virado ao ‘hélio’...”

¹⁴⁷ “embarca” (“transporta de barco”) é mesmo o sentido de *naustoleîn* (ναυστολεῖν), aqui num presunçoso sentido figurado (talvez com ates-tação em algum autor antigo).

¹⁴⁸ A *stleggís* (στλεγγίς) era uma espécie de escova de pêlo rijo, que servia para remover a loção gordurosa; também pode designar uma espécie de pente de dentes de metal.

¹⁴⁹ O gr. *búrσα* (βύρσα) significa “pele curtida”, “couro”. Presumo que serviria para a pessoa se sentar ou se deitar depois do banho...

¹⁵⁰ “a paga do banho”: o termo *epiloutron* (ἐπιλουτρον), que parece atestado só aqui, significa “(pagamento) depois do banho”. Devia ser termo raro...

¹⁵¹ “cofre”, talvez melhor que “armário”, atendendo à etimologia: “caixa de garantia”. Em todo o caso, o termo devia ser insólito e petulante...

¹⁵² Notar que o *lector* Lexífanos se refere a si próprio.

¹⁵³ “repousas”, *elinúseis* (ἐλινύσεις): é o estilo de Lexífanos...

¹⁵⁴ “perineu”, espaço compreendido entre o ânus e os órgãos sexuais.

¹⁵⁵ “queimaduras”, *kaúmata* (καύματα) são queimaduras ou frieiras causadas pelo frio, como a seguir se explica.

¹⁵⁶ “courelas”: o gr. tem *arómata* (ἀρώματα), cujo sentido imediato, e normal, é “plantas aromáticas”, “perfumes”, mas aqui, por artes de presunção linguística, corresponde à grafia correcta *arómata* (ἀρώματα)

nelas tinham nascido, e então, tendo desenterrado uns quantos rabanetes, ingeri uns cerefolhos e umas hortaliças, e depois comprei cevada torrada, e então, como os prados ainda não estavam odorosos para neles se passear a pé, montei-me na sela e esfolei o sacrum. E agora caminho cheio de dores, transpiro fartamente, tenho o corpo moído e preciso acima de tudo de me banhar na água. Depois desta fadiga, muito me apraz um banho... de morrer!¹⁵⁷.”

3. “Portanto¹⁵⁸, vou-me já daqui correndo até ao meu criado, que certamente me aguarda, ou junto da vendedora de puré de legumes, ou junto do vendedor de roupa usada. E no entanto, eu tinha-o previamente avisado de que o encontraria no mercado de quinquilharias...”

“... Mas aqui está ele em pessoa, mesmo a tempo, depois de comprar, pelo que vejo, um pouco de leite coalhado¹⁵⁹, pães cozidos na cinza, cebolinhas, uns cadozes¹⁶⁰, aqui este cachaço de boi, mais a papada, um intestino de boi com as muitas pregas, e uns grelhados.”... “Bravo, Atícion¹⁶¹, por me teres evitado fazer a maior parte do caminho!” E ele: “Pois eu cá, meu amo, já estou zarolho de virar os olhos à tua procura¹⁶². Mas onde é que tu ceaste ontem? Porventura em casa de Onomácrito?”. E eu: “Não, por Zeus!, mas ... zás!, fui logo a correr para o campo... Tu bem sabes como eu sou agrófilo¹⁶³. Vós, porém, talvez julgásseis que

e, sobretudo, a um outro vocábulo, de sentido completamente diferente (“courelas”).

¹⁵⁷ O gr. diz “muito me apraz banhar-me”, mas a forma de participio, em ático, é, não *apolouómenos*, mas *apoloúmenos*, que pode ser ouvida como part. fut. de *apóllumi*, o que daria “muito me apraz... morrer”. Decididamente, só se entende à força de nota de rodapé!

¹⁵⁸ Esta conclusiva está realmente muito mal metida...

¹⁵⁹ “leite coalhado”, bem como os nomes de outros artigos, são difíceis de identificar. Enfim, faz tudo parte do estilo pretensioso da personagem, na boca da qual Luciano põe estes palavrões arcaicos ou muito pouco usados.

¹⁶⁰ “cadozes” ou “gobiões”, em todo o caso, é difícil identificar o peixe.

¹⁶¹ “Atícion”, gr. *Attikíōn* (Ἀττικίων) é uma espécie de diminutivo de *attikós*, e poderia traduzir-se por um algo patusco, e até “sugestivo”, “Aticozinho”. Aliás, o termo é (como outros nesta obra) directamente tirado de Aristófanes, *Paz*, 214.

¹⁶² “virar os olhos à... procura” traduz o gr. (part. pres.) *periorōn* (περιωρῶν).

¹⁶³ “agrófilo”: o gr., com outra ordem de composição, diz *philagros* (φίλαγρος). Aliás, o vocábulo parece só ocorrer (certamente por acaso) neste passo de Luciano.

*eu estava a jogar ao cótabo*¹⁶⁴ ... *Mas entra lá [em casa] e tempera estes e os outros alimentos, e limpa a amassadeira, que é para me moeres alfaces...*”

4. “... *Mas agora vou daqui e vou olear-me a seco*¹⁶⁵.” E disse Filino: “*E nós — eu, Onomarco e aqui o Helânico — vamos contigo. Na verdade, o gnômon já projecta a sombra a meio do mostrador, e receio que venhamos a banhar-nos na água imunda, depois das galdérias*¹⁶⁶, *apinhados de cambulhada e misturados com a escória.*” E disse Helânico: “*A mim até me falta a vista. Sim, as minhas pupilas ambas, ambas ficam turvas*¹⁶⁷, *sempre a piscar os olhos e a lacrimejar, os meus olhos precisam de um remédio, necessito de um qualquer asclepiades*¹⁶⁸, *bom oftalmologista, que, agitando e misturando uma droga, faça com que os meus olhos deixem de estar vermelhos, de ficarem remelosos e de terem uma visão húmida.*”

5. Tais coisas discorrendo, partimos dali todos os presentes. E logo que chegámos ao ginásio, e já despidos, um exercitava-se na luta de mãos, outro no laço de pescoço¹⁶⁹, outro na luta corpo a corpo, outro contorcia-se todo, besuntado de óleo, outro ainda

¹⁶⁴ O cótabo era um jogo muito popular entre os jovens atenienses. Consistia (numa das suas versões) em lançar um resto de vinho para dentro de uma taça de metal, ao mesmo tempo que o jovem pronunciava o nome da sua pretendida; o som produzido pelo lançamento do vinho indicava o bom ou mau prognóstico.

¹⁶⁵ “olear-me a seco”, *xēraloiphéō* (ξηραλοιφέω) significa “massajar-se com óleo, antes do banho”, em oposição a *khütlóomai* (χυτλόομαι), a mesma acção, mas depois do banho e com a pele ainda húmida.

¹⁶⁶ As lições (ou emendas modernas) não me satisfazem: genit. pl. *Karimántōn* (Καριμάντων) e *arimántōn* (αριμάντων) não constam dos dicionários, facto que pode, simplesmente, apontar para uma palavra rara, e por isso mesmo “recolhida” por Lexifanes. Atrevo-me a sugerir a emenda *khalimántōn* (Χαλιμάντων), genit. pl. irregular, mas possível, de *khalimás*, -ádos (Χαλιμάς, -άδος), que ocorre em Êsquilo, frg. 448 (v. Bailly), com o sentido de “mulher sem freio”, “bacante”, “prostituta”. De resto, a separação dos sexos era de norma, e provavelmente às mulheres (aqui supostamente de má nota) eram reservadas as últimas horas.

¹⁶⁷ Tentei verter o número dual, aqui um tanto forçado...

¹⁶⁸ “*asclepiades*”, i. é, “descendente de Asclépio”, ou seja, “médico”; entendo, pois, com minúscula.

¹⁶⁹ O “laço de pescoço” é, salvo erro, aquilo a que chamamos uma “gravata”, que podia ser bastante perigosa.

dava socos no saco de areia¹⁷⁰, outro lança, com um grito¹⁷¹, bolas de chumbo do tamanho da mão. Em seguida, depois de nos termos massajado, de termos montado às cavalitas¹⁷² uns dos outros e de nos termos divertido no ginásio, eu e Filino, depois de nos embebermos¹⁷³ no tanque de água quente, saímos. Os outros, porém, mergulhando de cabeça na água fria, à maneira dos golfinhos, nadavam maravilhosamente debaixo de água.

No regresso, fazíamos... um uma coisa, outro outra coisa¹⁷⁴. Eu, depois de me calçar, raspei a cabeça com o raspador¹⁷⁵ dentado. Na verdade, tinha o cabelo cortado, não “à jardim”¹⁷⁶, mas “à barcaça”, e não havia muito tempo que eu tinha rapado a barba e o alto da cabeça¹⁷⁷. Outro tremoços trincava¹⁷⁸, outro ainda vomitava pelo intestino, outro, para tornar os rábanos mais tenros, ensopava-o no caldo de peixe, outro comia umas azeitonas ruins¹⁷⁹, outro [enfim] devorava grãos de cevada.

¹⁷⁰ Tratava-se de um saco de couro, cheio de areia, de grãos de milho, etc., suspenso por uma corda, e contra o qual o atleta se exercitava... como nos exercícios do moderno pugilismo.

¹⁷¹ “com um grito”, *arágdēn* (ἀράγδην), é a lição dos mss., aceite por Liddell-Scott, Bailly, etc., mas não por A. M. Harmon (“Loeb”, V, p. 300), que emenda para *drágdēn* (δράγδην), “com a mão”, “à mão”, emenda que não me parece forçosa.

¹⁷² Julgo que Lexífanos (ou Luciano por ele) provoca a confusão entre *katanōtisámēnoi* (κατανοτισάμενοι) “tendo-se aspergido /untado/ (mutuamente)” e *katanōtisámēnoi* (κατανωτισάμενοι) “tendo-se montado às cavalitas uns dos outros”. É claro que Luciano pretende que os ouvintes entendam o sentido nitidamente ridículo... que foi esse que, também eu, deixei expresso.

¹⁷³ “depois de nos embebermos” tenta verter o part. *kataionēthēntes* (καταιονηθέντες), verbo demasiado presunçoso, em vez do normal *katadúomai* (καταδύομαι).

¹⁷⁴ O gr. repete o pronome: *állos állose álla* (ἄλλος ἄλλοσε ἄλλα)...

¹⁷⁵ O raspador servia para coçar ou limpar as costas, onde a mão não chegava. Aqui serve de pente.

¹⁷⁶ “à jardim”... “à barcaça”, são tipos de penteado difíceis de descrever; o segundo parece corresponder a uma espécie de “corte em taça invertida”, ou seja, cortado dos lados, a toda a volta, mas deixando cabelo no alto da cabeça...

¹⁷⁷ Quer o homem dizer que tanto a barba, como o cabelo no alto da cabeça ainda não tinham tido tempo de crescer...

¹⁷⁸ “tremoços trincava”, o modo possível de verter o composto (que parece só ocorrer neste passo) *thermotragéō* (θερμοτραγέω).

¹⁷⁹ *phaulía*, ou *phaulía elaía* (φαυλία ἐλαία) era uma azeitona de oliveira brava, de fraca qualidade.

6. E em seu devido tempo começámos a ceiar apoiados no cotovelo. Dispúnhamos de banquinhos articulados e mesinhas com rodas. A ceia, propriamente, era do que cada um trazia¹⁸⁰. Tinham sido preparados muitos e variados pratos, como por exemplo¹⁸¹: pezinhos de porco, e costeletas, e tripas, e a membrana fetal de uma porca que pariu, e iscas fritas, e um guisado¹⁸², e um molho de especiarias e de outras ervas semelhantes, e compotas, e omeletas, e bolinhos de mel; e ainda, de entre os de origem aquática, muitos seláceos¹⁸³, e quantos estão envolvidos por uma concha, e peixes salgados do Ponto em cestos de verga, e enguias do [Lago] Copais; e ainda uma galinha doméstica, e um galo capão... e também havia um peixe de aquário¹⁸⁴; além disso, ainda tínhamos um borrego assado inteiro e um quarto traseiro de um boi já desdentado¹⁸⁵. Também havia pães de Sifas¹⁸⁶, nada maus, e outros do novilúnio, mas já passada a festa, e também hortaliças, tanto subterrâneas como de superfície. Quanto ao vinho, não era velho, mas daquele tirado do odre, ainda sem doce e não fermentado.

7. Havia também taças de todas as qualidades sobre a mesa delfínica¹⁸⁷, como a concha [capaz] de esconder a cara [do utente], obra de Mentor, com uma pega muito fácil de agarrar, e um jarro de gargalo estreito, e outro jarro de gargalo comprido, e muitos vasos de argila, daqueles que Téricles cozia, bem grandes e de boca larga, provenientes uns da Fócida, outros de Cnido, todos, no entanto, muito vaporosos e finos como uma membrana. Também havia taças e copos mais pequenos, bem como vasos com inscrições. E assim o guarda-loiça estava cheio.

¹⁸⁰ “do que cada um trazia”, ou seja, cada um trazia uma coisa, que depois era consumida pelos outros.

¹⁸¹ Segue-se uma descrição dos diversos pratos, cuja tradução se revela, em geral, bastante difícil.

¹⁸² Talvez um guisado de carne temperado com alho e acompanhado de azeitonas pretas... (?).

¹⁸³ A palavra, *tà selákhia* (τὰ σελάχια) é grega, e significa “peixes de cartilagem”, não se espinhas.

¹⁸⁴ “de aquário”: o gr. diz *parásitos* (παράσιτος), “alimentado juntamente (com o homem)”...

¹⁸⁵ “já desdentado”, alusão irónica à velhice do animal...

¹⁸⁶ Sifas, na Beócia, era, pelos vistos, famosa pela qualidade do seu pão...

¹⁸⁷ Mesa com três pés em forma de cauda de golfinho.

8. Mas a caldeira, a ferver excessivamente, mandava pedaços de carvão às nossas cabeças. E nós bebíamos de um trago, e já estávamos um tanto ou quanto pingados. Então esfregávamo-nos com bácaris¹⁸⁸, e alguém mandava entrar a bailarina¹⁸⁹ e a tocadora de trigono¹⁹⁰. Então, um qualquer, trepando ao palco ...¹⁹¹, procurava a “sobremesa”¹⁹², enquanto outro tocava castanholas com os dedos¹⁹³, e outro contorcia as ancas e ria às gargalhadas.

9. Nisto, irrompem [pela sala] em ar de farra, depois do banho e autoconvidados, Megalónimo, o [tipo] sôfrego de processos, Quéreas, o ourives¹⁹⁴, aquele que tem as costas manchadas, e Eudemo, o que tem as orelhas carcomidas¹⁹⁵. Então eu perguntei-lhes por que motivo chegavam tão tarde. Quéreas respondeu: *“Eu estive a bater um ornato, uns brincos e umas argolas de pernas para a minha filha, e é por isso que eu cheguei depois da ceia.”* “E eu — disse Megalónimo — tive outro impedimento. De facto, era, como sabeis, um dia de férias judiciárias e nefasto¹⁹⁶; e por este ser de língua silenciosa, eu não

¹⁸⁸ “bácaris”, talvez o nardo, planta aromática.

¹⁸⁹ “bailarina”: A palavra grega (que parece só ocorrer neste passo), *podoktúpē* (ποδοκτύπη) significa “que bate com o pé (no chão)”, pelo que seria uma bailarina de uma espécie de “flamenco”.

¹⁹⁰ O trigono, gr. *trígōnos* (τρίγωνος) era uma pequena harpa triangular (daí a designação), facilmente portátil; a harpa maior chamava-se “sambuca”, gr. *sambúkē* (σαμβύκη), lat. *sambūca*.

¹⁹¹ Os mss. apresentam aqui uma lacuna de cerca de 12 letras (em Γ) ou 5-6 (E).

¹⁹² A “sobremesa” parece ter aqui um sentido erótico: a sobremesa seria a... bailarina... (?).

¹⁹³ “tocava castanholas com os dedos”: A ideia de “castanholas” e “dedos” é apenas sugerida...

¹⁹⁴ Lexifanes usa um vocábulo raro e pretensioso, *khrūsotéktōn* (χρυσοτέκτων), por analogia com *arkhitéktōn* (ἀρχιτέκτων), em vez do mais comum *khrūsourgós* (χρυσουργός). Em port., poderíamos ousar (na mesma ordem de ideias!), **crisotecto* (!!!).

¹⁹⁵ Gr. *ōtokátaxis* (ὠτοκάταξις) “que tem as orelhas carcomidas”, ou, em sentido activo, “que arrasa orelhas”. Parece menos mal o primeiro sentido. De toda a maneira, a palavra devia ser (propositadamente!) estranha para a maior parte dos contemporâneos do Autor.

¹⁹⁶ Num “dia nefasto”, gr. *hēméra álogos* (ἡμέρα ἄλογος), expressão “vertida” do lat. *dies nefastus*, eram proibidos todos os julgamentos. Em vez de *álogos*, também se dizia *apophrās hēméra* (ἀποφράς ἡμέρα), termo

*tinha de medir as palavras e calcular o tempo de clepsidra*¹⁹⁷. Tendo, no entanto, sabido que o pretor¹⁹⁸ ia ser *grelhado/visível*¹⁹⁹, *enverguei umas vestes ainda não usadas*²⁰⁰ e de bom tecido, *bem como uns sapatos ainda não calçados, e pus-me a caminho.*”

10. “Logo a seguir, encontro um *lampadóforo*²⁰¹ e um *hierofanta*²⁰², bem como outros celebrantes de mistérios indizíveis²⁰³, os quais levavam *Dínias* arrastado até ao pretório, acusando-o do crime de ter revelado os seus nomes, apesar de saber muito bem que, desde que eram iniciados, ficavam anónimos e inomináveis, tomando um nome sagrado.”

“*Não sei — disse eu — a que Dínias te referes, mas esse nome é-me agradável*²⁰⁴.” “*É — disse ele — um fulano que, nas casas de jogo, devora cebolas*²⁰⁵, dos que trazem a sua própria *garrafinha de azeite e o seu próprio pão, um tipo guedelhudo, que*

que constitui o subtítulo de uma obra de Luciano: *O “Pseudologista” ou Sobre [a palavra] apophrás* (Ψευδολογιστής ἢ Περί ἀποφράδος).

¹⁹⁷ Como o tempo de intervenção era previamente fixado, era preciso treinar previamente o discurso.

¹⁹⁸ O vocábulo *stratēgós* (στρατηγός) significa “general”, mas também, no Império Romano, a mais alta autoridade nas províncias (cônsul, pretor, juiz...).

¹⁹⁹ “*grelhado/visível*” é a única maneira de verter o gr. *optós* (ὀπτός), que significa as duas coisas, pelo que à intenção de Lexifanes (“visível”) corresponde outro entendimento do ouvinte (“grelhado”).

²⁰⁰ O adj. *ákhrēstos* (ἄχρηστος) pode significar “não usável”, “inútil”, ou “não usado”, “novo por estrear”. É claro que a este último sentido corresponde o outro entendimento por parte do ouvinte.

²⁰¹ *daídoúkhos* (δαῖδοῦχος) “*portador de facho*”, i. é, “portador de facho”; outras designações: *daído-phóros* (δαῖδοφόρος), *lampadóphóros* (λαμπάδοφόρος)...

²⁰² “*hierofanta*”, sacerdote ligado aos mistérios de Elêusis.

²⁰³ “*celebrantes de mistérios indizíveis*” tenta traduzir (dat. pl.) *arrētopoióis* (ἄρρητοποιοῖς), sentido raro e, aliás, insólito, pois a palavra significa, normalmente, “autor de actos infames”...

²⁰⁴ O andrónimo *Deínias* (Δεινίας) faz-lhe lembrar o subst. *dinos* (δῖνος), que, além de “turbilhão (de vento)”, também significa um tipo de vaso. Entre as muitas formas de vasos, havia uma a que chamavam *dinos* (δῖνος), em forma de pão, mas mais bojudo, sem gargalo, sem asas e sem pé, pelo que só era possível equilibrá-lo por meio dum suporte. Com tal forma, era possível fazê-lo girar como um pão, donde a designação, que significa «turbilhão» e «objecto torneado». V. Aristófanis, *Nuvens*, 828, e *Vespas*, 618.

²⁰⁵ A cebola era o alimento mais simples, mais barato e mais “expedito” dos pobres.

*calça endrómidas*²⁰⁶, ou *báucides*²⁰⁷, e usa uma túnica de duas mangas²⁰⁸. “E então? — disse eu — o homem foi de algum modo punido, ou deu à sola e pirou-se?” “Pois o tipo — disse o outro —, que antes então marchava ao som da flauta²⁰⁹, está agora muito quietinho, pois o pretor, quando ele já se preparava para se pirar, mandou que lhe pusessem algemas e uma argola ao pescoço, e peias e grilhões nos pés. Assim agrilhoadado, o infeliz cagava-se todo de medo, peidava-se e oferecia dinheiro em troca da vida.”

11. “No meu caso — disse Eudemo —, ao anoitecer, Damásias mandou-me chamar, esse antigo atleta, multivitorioso, e actualmente retirado devido à velhice. Tu conhece-lo, é aquele [da estátua] de bronze, o que está na ágora. Tinha estado ocupado a encerrar e chamuscar²¹⁰ [a estátua], pois preparava-se para pôr fora de casa²¹¹, para entregá-la ao marido, a sua filha, e nesse momento estava a embelezá-la. Depois caiu sobre ele um azar de Térmero²¹², que interrompeu a festa. Foi o caso que o seu filho Dion, amargurado não sei lá porquê, ou melhor, presa de ódio divino, se enforcara, e ficai sabendo que morreria mesmo, se eu ali presente não o

²⁰⁶ “*endrómidas*”, gr. (pl.) *endromides* (ἐνδρομίδες) eram botas usadas especialmente pelos corredores e pelos caçadores, mas também significava um tipo de manto usado pelos atletas...

²⁰⁷ “*báucides*”, gr. (pl.) *baukides* (βαυκίδες), eram umas sandálias finas, usadas principalmente pelas mulheres. Tanto neste caso como no precedente, pretende-se mostrar o aspecto ridículo da pessoa.

²⁰⁸ “*túnica de duas mangas*”, *khitôn amphimáskhalos* (χιτὼν ἀμφιμάσχαλος), túnica curta, que dava pelos joelhos. V. descrição em P. Lavedan, *Dictionnaire illustré de la mythologie et des antiquités grecques et romaines*, s. u. TUNIQUE.

²⁰⁹ “*que... marchava ao som da flauta*”, se aceitarmos a lição dos mss., *auloúmenos* (αὐλούμενος); Seller (seguido por A, M, Harmon) emenda para *sauloúmenos* (σαυλούμενος), “todo efeminado no andar”. A emenda não parece forçosa...

²¹⁰ “*encerar e chamuscar*” uma estátua era uma operação de embelezamento e manutenção. Note-se que nem todos os tradutores entendem assim. Sigo a interpretação de Liddell-Scott, s. u. *πισσόω*.

²¹¹ “*pôr fora de casa*”, “expulsar”, “banir” é o sentido forte e usual de *exoikízō* (ἐξοικίζω), pelo que o vocábulo está mal usado!

²¹² Térmero era um bandido que esmagava a cabeça das suas vítimas, mas a quem Hércules deu o mesmo fim. O *azar termério* (τερμέριον κακόν) ganhou um sentido geral, como o nosso *azar dos Távoras*” ou “*azar tavórico*”.

*desenforcasse*²¹³ e o libertasse do laço; agachado junto dele durante muito tempo, afagava-o levemente, trauteando-lhe cantigas de embalar e tilintando²¹⁴, a ver se ele tinha o pescoço intacto. Mas o que mais lhe aproveitou foi o facto de eu lhe ter pressionado as extremidades [dos membros] com as minhas duas mãos.”

12. “Referes-te — disse eu — a um tal Dion, um debochado de testículos descaídos, um efeminado, um jovem mascador de [pau de] lentisco²¹⁵, que se masturba e apalpa o sexo, se sente algum tipo bem membrudo... um mocetão bem aviado²¹⁶. Esse é mesmo uma porcaria de homem, um prostituto.” “Mesmo assim — disse Eudemo —, Damásias, tendo invocado a deusa — pois têm no centro do pátio uma Ártemis, obra de Escopas — e tendo-se prosternado, ele e a sua mulher, já velha e de cabelos completamente grisalhos, suplicaram-lhe que tivesse piedade deles. E logo a deusa anuiu com um gesto de cabeça, e o moço salvou-se, pelo que agora têm um juvenzinho ‘Teodoro’... ou melhor, e com toda a evidência... ‘Artemidoro’²¹⁷. Por isso, ofereceram-lhe, entre outros objectos, arcos e flechas, já que ela gosta muito desses objectos. Na verdade, Ártemis é [chamada] ‘arqueira’, ‘a que lança de longe’²¹⁸ e ‘a que combate de longe’.”

13. “Então — disse Megalónimo — bebamos, pois trouxe-vos esta garrafa de vinho que vai para velho, pedacinhos de queijo

²¹³ O verbo *apagkhonízō* (ἀπαγχονίζω) tem o sentido normal (trans.) de “enforcar”, “estrangular”. Ao dar ao prevérbio *apo-* o sentido de “acção contrária”, port. *des-*, Lexífanos provoca uma confusão bem patusca... aliás propositada por parte de Luciano!

²¹⁴ “tilintando”, *diakōdōnizō* (διακωδωνίζω), propriamente “tocando uma campainha”. É arriscado precisar mais...

²¹⁵ Espécie de pistácia, que ressuma um suco resinoso; usava-se para branquear os dentes.

²¹⁶ “bem membrudo... um jovem bem aviado”: o gr. tem dois vocábulos sinónimos: (acusat.) *peōdē* (πεώδη) e *pōsthōna* (πόσθωνα); este, porém, pode aplicar-se metaforicamente com o sentido de “mocetão” (Aristófanes, *Paz*, 1300).

²¹⁷ ‘Teodoro’... ‘Artemidoro’, como que passa a ser o novo nome do jovem: *Theódōros* (Θεόδωρος) “presente de deus”, neste caso, “... da deusa”, ou *Artemidōros* (Ἀρτεμίδωρος) “presente de Ártemis”.

²¹⁸ ‘a que lança de longe’, *hekēbólos* (ἑκηβόλος) é um epíteto aplicado especialmente a Apolo, mas também a Zeus e a Ártemis; o epíteto seguinte (que parece só ocorrer neste passo), *tēlémakhos* (τηλέμαχος), “que combate de longe” soa claramente ao nome do filho de Ulisses, Telémaco...

*fresco e umas azeitonas miudinhas*²¹⁹ — que eu guardo sob selos carcomidos pelo bicho da madeira²²⁰, mais umas azeitonas nadantes em salmoura, e ainda estes copos de barro, finos como concha e de belo fundo, cómodos para deles se beber, e ainda um empadão de tripas com carrapito em hélice.. E tu, rapaz, deita-me mais água, para eu não começar a ficar com a cabeça pesada e ter então de chamar o teu educador, para tratar de ti... Vós sabeis como eu sofro e tenho a cabeça envolta num chapéu de feltro.”

14. “Depois de bebermos, tagarelaremos a respeito dos temas do costume”. De facto, não é de maneira nenhuma despropositado tagarelar sob efeito do vinho.”

“Aprovo essa ideia — disse eu —, tanto mais que nós somos a fina-flor do aticismo²²¹.” “Dizes bem — disse Cálicles —, pois muitas vezes a conversa de chacha de uns com os outros é uma pedra de afiar a linguagem.” “Pois eu — disse Eudemo —, ... está cá um gelo!... metia mais um pouco do [tintol²²²] puro. Realmente, estou morto de frio, e, depois de aquecido, escutaria com mais prazer estes virtuosos de mãos²²³, [ou seja,] o tocador de flauta e o tocador de alaúde.”

15. “Que é que disseste, ó Eudemo? — disse eu — Queres obrigar-nos ao silêncio, como se não tivéssemos boca e fôssemos privados de língua? Ora a minha língua está desejosa de falar, e até já me preparava para vos falar à maneira antiga e cobrir a todos, como que de neve, com a minha língua. Tu, porém, procedeste comigo, comparado com alguém que, quando o navio de três mastros navega com vento de cauda e com a vela auxiliar desfraldada ao vento, levando-o a bom porto e vogando por cima

²¹⁹ “miudinhas”: sentido figurado, pois o adj. *khamaipetés* (χαμαιπετής) significa, propriamente, “caído ao chão”, o que levaria a pensar em azeitonas de fraca qualidade... Outras interpretações...

²²⁰ Ou seja, em potes selados e calafetados com uma espécie de lama de pó de madeira... (?).

²²¹ “a fina-flor do aticismo”, não só no gosto pelos debates e pela tagarelise, mas também (como o tradutor tem constatado!), na cega imitação de aticismos lexicais...

²²² “tintol” é abuso de tradução! Não está lá... mas eu juraria que...

²²³ “virtuosos de mãos”... ou “de dedos”: creio que se refere, não a “pres-tidigitadores” (dos quais não se falou, e que, de resto, Eudemo não poderia escutar), mas aos dois tocadores; o tocador de flauta também precisava de ter grande habilidade de dedos, pois a flauta (aliás, dupla flauta) tinha um certo número de furos, que, tapados ou destapados, produziam as notas.

das ondas, lhe refreasse o ímpeto da marcha, largando fateixas de dois ganchos, barras de ferro e amarras, só por má vontade em relação ao vento favorável.”

“Nesse caso — disse Eudemo —, tu, se assim o entenderes, vai navegando, vai nadando, vai correndo pelas vagas agitadas, enquanto eu fico em terra, ao largo, bebendo, como o Zeus de Homero, ou então, do alto de uns rochedos calvos ou do alto do céu, observar-te-ei a ti a seres transportado, e ao teu navio a ser impelido com vento de popa.”

16. LICINO — Basta, Lexífanos, tanto de bebida como de leitura! Eu mesmo até já estou bêbedo e enjoado por tua causa, e se não vomitar o mais depressa possível o que acabas de recitar, parecerei um coribante²²⁴, azamboado com as palavras que espalhaste sobre mim. E no entanto, ao princípio, dava-me para rir dessas palavras, mas quando elas se tornaram excessivamente numerosas e todas do mesmo estilo, fiquei com pena de ti e da tua infelicidade, ao ver que tu te tinhas precipitado num labirinto sem saída e que padecias de uma doença gravíssima, mais propriamente, de um ataque de humor negro²²⁵.

17. Então pergunto a mim mesmo aonde é que tu foste recolher tantas desgraças, e durante quanto tempo e em que sítio te encerraste, para conseguires um tão grande enxame de palavras estranhas e de sentido distorcido, algumas das quais tu mesmo forjaste, e arrancaste outras, desenterradas sabe-se lá donde. Como diz o verso iâmbico:

*Maldito seja o mortal, que escolhe o seu próprio mal*²²⁶.

Tanta foi a lama suja que tu acumulaste e lançaste sobre mim, que não te fiz nenhum mal! Parece-me até que tu não tens nem um amigo, ou um parente ou quem te queira bem, e que nunca tenhas encontrado um homem franco e sincero, que, dizendo-te a verdade, fizesse com que deixasses de estar possuído dessa hidropisia e corresses o risco de ser arruinado

²²⁴ “parecerei um coribante”, i. é, “ficarei doido varrido”. Os coribantes eram uma espécie de sacerdotes de Cíbele, à volta da qual executavam danças delirantes...

²²⁵ “humor negro”: trata-se, segundo a teoria dos humores, da *mela-gkholía* (μελαγχολία), em lat. *atra bilis*. A “bilis negra” provocava estado de melancolia, mas também de fúria...

²²⁶ Verso de autor desconhecido.

por essa doença, apesar de tu julgares que a tua desgraça é boa forma e vigor, mesmo que sejas elogiado pelos insensatos que ignoram a doença de que padeces, mas naturalmente deplorado pelas pessoas cultas...

18. ... Mas que sorte! Estou a ver o [nosso conhecido] Sópolis, o médico, que se aproxima... Vamos! Ponhamos-te nas suas mãos e, discutindo [com ele] a respeito da tua doença, procuraremos uma qualquer cura. Sim, o homem é muito entendido, pois, tendo-se já ocupado de muitos meio-loucos e apanhados da cabeça, como tu, livrou-os [do mal], aplicando-lhes uma droga... Ora viva, Sópolis! Ocupa-te aqui de Lexífanos, que, como sabes, é meu amigo, mas que actualmente está possuído de delírio e de uma doença estranha, que lhe afecta a linguagem, e que corre o risco de ficar completamente perdido. Salva-o, dê por onde der.

19. LEXÍFANES — [Salva,] não a mim, ó Sópolis, mas aqui o Lexífanos, que não percebe [nada disto], pois cuida que os homens sensatos é que perderam a razão, e por isso, à maneira do filho de Mnesarco²²⁷ de Samos, quer impor-me o silêncio e a contenção na língua. Mas, pela impudica²²⁸ Atena e pelo Hércules grande defrontador de feras, não vamos preocupar-nos com ele nem que seja só um pouquinho. Oxalá mas é que nunca mais o encontre no meu caminho! Até fico capaz de resfolegar pelo nariz, ao ouvi-lo fazer-me tais críticas... Mas agora vou já daqui direito a casa do meu amigo Clíneas, pois fui informado de que a sua esposa se encontra impurgada já há algum tempo, e que está doente por esse facto, pois não tem menstruação, de tal modo que o marido já não tem relações com ela, mas, pelo contrário, ela está impenetrável e *inarável*²²⁹.

²²⁷ O “filho de Mnesarco” é Pitágoras, que impunha aos seus discípulos cinco anos de silêncio.

²²⁸ O adj. *anaískhüntos* (ἀναίσχυντος) significa “desavergonhado”, “impudente”, mas é claro que Lexífanos pretende dizer justamente o contrário, que seria expresso por *apaískhüntos* (ἀπαίσχυντος), “que se abstém de actos vergonhosos”, “pudica”, “casta”. Ou seja: Luciano põe Lexífanos a usar um termo com significado diderente daquele que pretendia, por confusão com um vocábulo algo diferente.

²²⁹ “inarável”, *anérotos* (ἀνήροτος), em sentido figurado, até pode ser um termo sugestivo, mas o que Luciano pretende é ridicularizar Lexífanos.

20. SÓPOLIS — Mas então, ó Licino, de que é que Lexífanos padece?

LICINO — Disso mesmo, ó Sópolis. Não ouves o que ele palra? Então, desprezando-nos, a nós que actualmente convivemos com ele, fala-nos como há mil anos atrás, distorcendo a língua, compondo essas palavras estranhas e dando muita importância a esse procedimento, como se fosse uma grande coisa falar de maneira estranha e contrafazer a moeda corrente da língua²³⁰.

SÓPOLIS — Por Zeus!, estás a referir-te, ó Licino, a uma doença nada ligeira. Há, pois, que socorrer por todos os meios este homem. Ora então... — por graça divina, sai de casa com um preparado medicamentoso destinado a um paciente de humor negro²³¹, para que ele o bebesse e vomitasse... —, sê tu, Lexífanos, o primeiro a beber, para que nos fiques saudável e limpo, esvaziado dessa tão grande absurdez de linguagem. Vamos, obedece-me e bebe, que ficarás melhor.

LEXÍFANES — Não sei, ó Sópolis, o que é que vós, tu e Licino, ireis fazer de mim, ao dardes-me a bebericar esta droga. Receio, no entanto, que esta *mezinha*²³² se me torne *mazinha* para o meu estilo.

LICINO — Bebe já, sem demora, para que logo penses e fales de modo humano.

LEXÍFANES — Eis que obedeço e vou beber... Ohhh! Mas que é isto? Mas que grande borborismo²³³! Parece mesmo que engoli um... ventríloquo!

21. SÓPOLIS — Ora começa lá a vomitar... Ena! Primeiro saiu um μῶν²³⁴ [*môn*], e logo a seguir a este, um κᾶτα [*ká.ta*], e

²³⁰ “contrafazer a moeda corrente da língua” é tradução literal, que entendi manter, equivalente a “falsear a norma corrente da língua”.

²³¹ V. §16, nota a “humor negro”.

²³² O vocábulo *póma* (πόμα) “beberagem” (que verti por *mezinha*) joga com *ptôma* (πτῶμα) “desmoronamento”, “queda”, “ruína” (logo, forçando um pouco, “*coisa má*”, ou, forçando mais um pouco, “(*coisa*) *mazinha*”). Não acho forçoso, nem necessário, emendar πτῶμα, do mss. N, para πῶμα.

²³³ “borborismo” ou “borborismo”, gr. *borborügmós* (βορβορυγμός) é mesmo o termo técnico para desingar o ruído que as tripas fazem, por acção de gases...

²³⁴ Trata-se de palavras, formas ou expressões tipicamente áticas e completamente em desuso no tempo de Luciano: μῶν “será que?”; κᾶτα, por καὶ εἶτα “e em seguida”; ἦ δ’ ὅς, por ἔφη δ’ οὐτος “disse ele”; ἀμνητέπη “de certo modo”; λῶστε vocat. “meu caro amigo”; δήπουθεν

logo a seguir a estes o ἦ δ' ὅς [é d'hós], o ἀμυγέπη [amēgépē], o λῶστε [lō,ste], o δήπουθεν [déōpouthen] e o recorrente ἄττα [átta]. Mesmo assim, faz um esforço e mete os dedos na garganta. Ainda não vomitaste o ἵκταρ²³⁵ [íktar], nem o σκορδινᾶσθαι [skordinâsthai], nem o τευτάζεσθαι [teutázesthai], nem o σκύλλεσθαι [skúllesqai]. Ainda há por aí muitas coisas escondidas, e a tua barriga está cheia delas. Seria até melhor que algumas delas se escapassem por baixo. Pelo menos a σιληπορδία²³⁶ [silēpordia] produzirá um grande ruído, ao sair juntamente com o vento.

Ora bem, este fulano já está limpo, com exceção de alguma coisa que tenha ficado na parte inferior dos intestinos. E tu, ó Licino, depois disto, pega no homem, reeduca-o e ensina-lhe como é que ele deve exprimir-se.

22. LICINO — Assim farei, Sópolis, uma vez que, graças a ti, me foi aberto o caminho. E a ti, Lexífanos, deixo-te finalmente um conselho: Se verdadeiramente pretendes ser elogiado em matéria de estilo e ser apreciado pelo público, foge e desvia-te de todo esse palavreado²³⁷, e, depois de começares pelos melhores poetas e de os leres sob a orientação de [bons] mestres, passa para os oradores, e, uma vez embebido do estilo destes, passa, em devido tempo²³⁸, para as obras de Tucídides e de Platão, mas depois de te teres exercitado muito bem na bela comédia e na venerável tragédia. Na verdade, só depois de colheres nestes autores todas as suas belíssimas flores²³⁹, é que serás alguém no domínio das letras. Até agora, e sem disso te aperceberes, pareces-te com as imagens da ágora modeladas

“sem dúvida”, “certamente”; ἄττα (com espírito brando) = τινά “certas coisas”.

²³⁵ ἵκταρ “perto”, “quase”, “subitamente”; σκορδινᾶσθαι “espreguiçar-se”; τευτάζεσθαι “aplicar-se com insistência”; σκύλλεσθαι “esfolar”, “torturar”.

²³⁶ σιληπορδία, entenda-se: “a palavra σιληπορδία”, ou seja, “o peido nas ventas (de alguém)”.

²³⁷ “todo esse palavreado”: o texto diz, imprecisamente, como é habitual, “todas essas coisas”.

²³⁸ “em devido tempo”, *en kairói* (ἐν καιρῶ), ou seja (como se diz a seguir), depois de se ter exercitado na comédia e na tragédia. Deduz-se claramente que a formação culmina com o grande historiador (Tucídides) e o grande filósofo (Platão). Note o plano geral de formação, concisamente apontado.

²³⁹ “depois de colheres... flores”, gr. *apanthisámenos* (ἀπανθισάμενος).

pelos fabricantes de bonecos, [por fora] “pintado”²⁴⁰ a mímio²⁴¹ e a azul-violeta²⁴², mas, por dentro, “de barro” e “quebradiço”.

23. Se assim procederes, ainda que durante algum tempo suportes a censura de [seres] ignorante e não te envergonhes de estares a ser reeducado, mais tarde falarás em público com toda a confiança, e não serás motivo de troça, como agora, nem andarás na boca das pessoas cultas pela tua condição inferior, enquanto outros te apelidam de²⁴³ “Grego” e de “Ático”, a ti, que não mereces ser incluído nem sequer entre os mais ilustres dos bárbaros²⁴⁴. Antes de mais, lembra-te disto: Nunca imites os péssimos exemplos dos sofistas que se revelaram um pouco antes da nossa época²⁴⁵, nem “mordisques” [sequer] o seu estilo, como agora [fazes], mas, pelo contrário, pisa a pés juntos tais processos, e rivaliza com os modelos antigos. É que não te seduzam as “anémonas” de linguagem²⁴⁶, mas que, à maneira dos atletas, que te seja habitual uma alimentação consistente e, sobretudo, sacrifica à *Graça* e à *Clareza*, das quais actualmente tens andado completamente arredado

24. Longe de ti o ar enfatuado, a sobranceria, a afectação, o pavoneamento e o palavreado altissonante, bem como o [hábito de] escarnecer do estilo dos outros e de cuidares que és o maior de todos pelo facto de dizeres mal das obras de toda a gente.

²⁴⁰ “pintado”... “de barro”... “quebradiço”, nominats. pl.: Licino passa, sem aviso, para o sentido figurado, que assinalai com aspas.

²⁴¹ “mímio” ou vermelhão, tinta vermelha feita à base de óxido de chumbo.

²⁴² “azul-violeta”, gr. (dat.) *küanói* (κυανῶ), tinta desta cor, extraída do *küanos* (κύανος), “sorte de minérai bleu *employé en teinture*” (Bailly); Liddell-Scott, referido a este passo, identifica: “*blue copper carbonate*”.

²⁴³ “enquanto [outros] te apelidam de”, genit. absol., *apokalouñtōn* (ἀποκαλούντων), que não pode referir-se às pessoas cultas... por razões de sentido e, sobretudo, de... gramática. Se não fosse este “pequeno por-menor” (o da gramática), ainda poderíamos dar a *apokaléō* (ἀποκαλέω) o sentido de “chamar (apelidar) *por troça*”... mas não!

²⁴⁴ “entre os mais ilustres dos bárbaros”... entre os quais, naturalmente, se contava Licino (o sírio, ou seja, o *bárbaro* Luciano).

²⁴⁵ “um pouco antes da nossa época” parece significar que o neoaticismo excessivo, ou hiperaticismo (a chamada *nova sofística*), estava, afinal, a passar de moda, apenas com alguns “retardatários”, que insistiam em imitar cegamente os seus modelos...

²⁴⁶ “anémonas” de linguagem, ou seja, o floreado que está na moda, mas efémero.

Mas o teu pequeno, ou melhor, o teu maior defeito reside no facto de, sem teres preparado as ideias antes dos vocábulos, imediatamente as atavias de palavras e [outros] nomes, mas, sempre que encontras algures uma palavra “fora da tribo”²⁴⁷, ou que tu mesmo forjas, logo a julgas bela, e então procuras aplicar-lhe um sentido, e até te consideras lesado, se não a enfiar em qualquer parte, mesmo que ela não seja necessária ao que pretendes dizer... como aqui há tempos, em que, sem saberes o que significa θύμαλωπα (*thümálopá*)²⁴⁸, o lançaste [no discurso], sem que ele conviesse ao assunto. Todos os ignorantes ficaram banzados, com os ouvidos atingidos pela estranheza [da palavra], enquanto todas as pessoas cultas troçavam de duas coisas: de ti, e dos que te elogiavam.

25. Mas o mais ridículo de tudo é o facto de tu, ao pretenderes ser hiperático²⁴⁹ e ao tentares ajustar a tua linguagem ao modelo mais arcaico, misturares com as tuas palavras algumas outras, ou melhor, a maior parte delas, que nem mesmo um menino das primeiras letras deixaria de estranhar. Por exemplo, não imaginas como eu desejei enfiar-me pela terra dentro, ao ouvir, numa tua declamação pública, que tu julgavas que χιτώνιον²⁵⁰ (*khitóñion*) é também uma peça de vestuário masculina, ou que chamavas δουλάρια²⁵¹ (*doulária*) também aos rapazes-servos, a respeito dos quais, quem é que não sabe que χιτώνιον é uma veste de mulher e que [só] chamam δουλάρια às mulheres?! E ainda outras muito mais evidentes que estas, como ἵπτατο²⁵² (*híptato*), ou ἀπαντώμενος²⁵³ (*apantóōmenos*), ou

²⁴⁷ “fora da tribo”, “estranha”, “insólita”, gr. *ékphūlos* (ἐκφυλος).

²⁴⁸ θύμαλωπα “tição” é emenda de Guyet, seguida por A. M. Harmon (“Loeb”, V, p. 324); os mss. têm οὐμάλωπα, vocábulo “misterioso”, mesmo para Licino (Luciano). Talvez por isso, pergunto se não será de manter a lição dos manuscritos...

²⁴⁹ “hiperático”, note o gr. *hūperattikós* (ὑπεραττικός), v. *Demónax*, 26, adv. -ὄς (-ῶς). Também está atestado o verbo *hūperattikízō* (ὑπεραττίζω) (v. dics.), e até (não em todos os dics.!) *hūperattikismós* (ὑπεραττικισμός).

²⁵⁰ χιτώνιον era um túnica mais curta, de uso, em Atenas, tipicamente feminino. V. Bailly, χιτώνιον e χιτών, onde pode estar explicada a confusão feita por Lexifanes.

²⁵¹ A palavra aplicava-se normalmente a *servas*.

²⁵² ἵπτατο “levantou voo”, do tardio (não ático!) ἵπταμαι, em vez de ἐπέτετο (*epéteto*), de πέτομαι.

²⁵³ ἀπαντώμενος “indo ao encontro de”, forma média (recente, não ático!), em vez de act. ἀπαντών.

καθεσθείς²⁵⁴ (*kathestheís*), que não têm sequer o estatuto de “metecos”²⁵⁵ no dialecto ático. Ora, nós não elogiamos mesmo os poetas que escrevem poemas cheios de palavras raras, mas as tuas obras — para comparar prosa com verso — são como o *Altar* de Dosiadas²⁵⁶, a *Alexandra* de Lícofron ou a [obra] de qualquer outro de estilo ainda mais infeliz.

Se imitares aqueles outros autores²⁵⁷ e mudares de método educativo, terás tomado uma excelente decisão em teu benefício, mas se, [mesmo] inconscientemente, voltares a resvalar para esse “apetite”, dou o meu conselho por cumprido, e tu só a ti próprio acusarás, ao perceberes que te tornaste ainda pior.

²⁵⁴ καθεσθείς “tendo-se sentado”: o aoristo é recente (não ático!).

²⁵⁵ “metecos” eram os estrangeiros domiciliados em Atenas... mas estrangeiros! Ora, as três palavras citadas nem sequer “residiam” no dialecto ático...

²⁵⁶ Dosiadas, poeta da *Antologia*, de linguagem muito enigmática; o seu poema *Altar*, em diversos metros, dava justamente a imagem de um altar. Quanto à *Alexandra* de Lícofron, era uma tragédia de linguagem arresvada...

²⁵⁷ Refere-se, naturalmente, às obras e autores mencionados no §22: os melhores poetas, oradores, comédia e tragédia, Tucídides e Platão.

(Página deixada propositadamente em branco)

O EUNUCO

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Em 176 d.C., o Imperador Marco Aurélio (121-180, Imperador desde 161 d.C.) fundou em Atenas as “cátedras” de Retórica e Filosofia, estas distribuídas pelas escolas Platónica, Estóica, Epicurista e Peripatética, com dois lugares para cada uma. Após a primeira nomeação, as nomeações seguintes faziam-se, após a morte de um dos “catedráticos”, por concurso, em que um júri saído de entre “os melhores, os mais velhos e os mais sábios da cidade” (§2) apreciava os méritos dos candidatos. O salário era realmente “nada módico” (§3): 10.000 dracmas anuais.

Este opúsculo satírico de Luciano assenta precisamente num desses concursos, realizado por volta de 179 d.C., devido ao falecimento de um dos dois mestres peripatéticos. A ele se apresentaram, entre diversos concorrentes, os peripatéticos Díocles, o mais velho, e Bagoas, que era eunuco — facto que vai estar no centro do... concurso.

Esta obra de Luciano assume a forma de diálogo entre Licino (o próprio Luciano), que havia assistido ao debate, e o seu amigo Pânfilo. Este, encontrando Licino a rir de maneira irreprimível, pergunta-lhe o motivo de tal estado, que não era habitual no seu amigo. O motivo era precisamente o espectáculo, nada edificante, dado pelos dois filósofos, cuja sede de glória e, mais ainda, gula das 10.000 dracmas, desmentia a teoria da sua Escola, que remetia tudo isso para terceiro plano.

Ora, a discussão passou rapidamente do plano filosófico para a censura à vida pessoal de cada um. A certa altura, Díocles defende a tese de que um eunuco não pode ser professor de Filosofia, pois “*tais indivíduos deveriam ser excluídos não só dessas funções, mas também dos templos, das águas lustrais e de todas as assembleias gerais, proporcionando um espectáculo de mau agoiro e funesto, se alguém, ao sair de casa pela manhã, encara com uma tal visão... Foi longo o discurso sobre este tema, dizendo que o eunuco não é nem homem nem mulher, mas uma coisa compósita, mista e monstruosa, fora da natureza humana.*” (§6)

A este argumento respondeu Bagoas com os exemplos de três mulheres e um eunuco que se haviam dedicado à Filosofia: Aspásia, Diótima e Targélia, bem como um certo académico de origem celta, que era eunuco (Favorino, aliás hermafrodito) (§7).

A certa altura, Díocles menciona um acontecimento em que o seu adversário tinha estado no centro de um caso de adultério, pelo que este caso de imoralidade deveria, desde logo, excluí-lo do concurso, apesar de Bagoas ter sido absolvido pelo facto de ter declarado, simplesmente, que era eunuco. Ao surgir, portanto, o problema de saber se Bagoas era ou não sexualmente activo, alguém propõe que Bagoas se dispa, e, como prova decisiva, que tenha relações com uma prostituta, diante do mais venerando dos membros do júri, o qual atestaria se o homem era ou não eunuco e impotente, situação que não chega a concretizar-se, mas que tem consequências teóricas bem “patuscas”: Se Bagoas era sexualmente activo, já poderia... “filosofar”, mas ficava com a nódoa de ter sido adúltero; e se se provasse que era realmente eunuco, não poderia “filosofar”. Pela parte de Díocles, seu adversário, a acusação de adúltero tinha por consequência que o homem, afinal, não era eunuco, e que, portanto, estava no seu pleno direito de concorrer ao lugar. Mas Bagoas, por seu lado, enquanto se aguarda pelo veredicto de Roma, exercita-se a provar a sua virilidade, a fim de vencer o concurso, no que, como se disse, é preciosamente auxiliado pelo seu rival...

Enfim, Luciano termina jocosamente, perante o facto de ser necessária uma grande aptidão sexual, se a pessoa pretende... filosofar:

“Realmente, companheiro, este parece ser a melhor critério de aptidão... filosófica... e uma prova irrefutável. Assim sendo, faço votos por que o meu filho, que ainda é bastante novo, tenha, não a inteligência nem o dom de palavra, mas sim as partes pudendas preparadas para a Filosofia.”

O EUNUCO

1. PÂNFILO — Donde é que tu vens, ó Licino, e por que motivo nos apareces assim a rir? Na verdade, acontece que tu estás sempre [muito] jovial, mas neste caso parece-me que estás mais que o costume, pois não és sequer capaz de reprimir o riso.

LICINO — Venho da ágora, ó Pânfilo. Quanto ao riso, vou imediatamente fazer com que dele compartilhes comigo, quando tiveres escutado a que pleito em vias de julgamento eu assisti: o de [dois] filósofos a discutirem um contra o outro.

PÂNFILO — O que me dizes já é, só por si, verdadeiramente risível, [ou seja,] o facto de homens da Filosofia terem processos judiciais de um contra o outro, quando, mesmo que se tratasse de uma coisa importante, o diferendo deveria ser resolvido pacificamente e só entre eles.

2. LICINO — Como pacificamente, meu amigo, com esses tipos engalfinhados, que lançavam um ao outro carradas inteiras de palavras ofensivas, berrando e esgançando-se todos?!

PÂNFILO — Mas, ó Licino, será que eles, como de costume, divergiam sobre matéria doutrinária, por serem de escolas diferentes?

LICINO — De maneira nenhuma, mas por uma diferente razão. Na verdade, eram ambos da mesma escola e da mesma orientação doutrinária, mas mesmo assim foi aberto um processo, em que os jurados, que decidiam por votação, eram os melhores, os mais velhos e os mais sábios da cidade, perante os quais qualquer pessoa se envergonharia de pronunciar alguma palavra dissonante²⁵⁸, quanto mais deixar-se levar por um tão grande despudor.

PÂNFILO — Pois então faz o favor de me dizer qual a matéria do pleito, para eu saber qual foi o motivo que te levou a tamanho riso.

3. LICINO — Como sabes, Pânfilo, foi instituído pelo Imperador²⁵⁹ um salário nada módico destinado aos professores de Filosofia de cada escola, quer dizer, Estóicos, Platónicos, Epicuristas, e ainda os Peripatéticos, de valor igual para todos

²⁵⁸ “dissonante”, “fora da música”, “fora da nota (certa)”, expressão musical, *parà mélos* (παρὰ μέλος) aqui em sentido figurado.

²⁵⁹ Marco Aurélio, *Marcus Annius Verus*, 121-180 d.C.

eles. Estava determinado que, quando algum deles morresse, um outro seria colocado no seu lugar, uma vez aprovado com o voto dos melhores. O prêmio, porém, não era uma pele de boi, como diz o poeta²⁶⁰, nem uma vítima, mas dez mil [dracmas] por ano, com a incumbência de instruírem os jovens.

PÂNFILO — Sei disso. E diz-se que um deles morreu recentemente, um dos dois peripatéticos, creio eu.

LICINO — Era essa, ó Pânfilo, a “Helena” pela qual eles lutavam um contra o outro em luta singular²⁶¹. Pelo menos até aqui, nada de caricato, a não ser talvez o facto de, embora afirmando serem filósofos e desprezarem o dinheiro, logo a seguir lutarem por este como [se lutassem] pela Pátria em perigo, pelos templos nacionais ou pelos túmulos dos antepassados.

PÂNFILO — No entanto, é doutrina dos Peripatéticos não desprezar completamente os bens materiais, mas considerar que eles são um bem de terceira categoria.

4. LICINO — Dizes bem. De facto, é isso que eles afirmam... e a “guerra” entre eles era [travada] em terreno familiar²⁶²... Mas escuta agora o que veio a seguir.

Muitos outros competidores participaram nas “cerimónias fúnebres” desse tal que tinha falecido, mas sobretudo dois deles eram favoritos: Díocles, o mais velho — sabes a quem me refiro... esse tipo agressivo —, e Bagoas, um que é tido por eunuco. Já ambos tinham defendido os seus argumentos e cada um deles patenteara [grande] conhecimento da doutrina e de quanto estava identificado com Aristóteles e com as suas opiniões. Mas, por Zeus!, nenhum deles levava a melhor.

5. Então a parte final do pleito descambou no seguinte: Díocles, renunciando a patentear os seus próprios méritos, atirou-se a Bagoas, tentando criticar especialmente o tipo de vida deste. E Bagoas, do mesmo modo, contrapunha o tipo de vida do outro.

²⁶⁰ Homero, *Iliada*, XXII, 159. Trata-se da luta entre Aquiles e Heitor, em que o que estava em jogo era muito mais que uma pele de boi, mas a vida do troiano.

²⁶¹ Continuação da referência ao passo de Homero acima mencionado.

²⁶² “em terreno familiar”, pois os contendores eram da mesma escola filosófica.

PÂNFILO — Isso era natural, ó Licino... e então a maior parte da sua argumentação tinha mesmo de ser sobre esse ponto. Pela minha parte, se acontecesse ser juiz, creio que passaria mais tempo com este aspecto, considerando sobretudo quem tem uma vida mais virtuosa, em vez de julgar qual deles é mais hábil no discurso e mais merecedor de vitória.

6. LICINO — Dizes bem, e tens, nesse assunto, o meu voto concordante... Ora, quando já tinham [proferido] uma grande quantidade de injúrias e um grande número de críticas, já na parte final, Díocles afirmou que não era de maneira nenhuma lícito a Bagoas reivindicar a [cadeira de] Filosofia e o correspondente salário, por ser eunuco, mas, pelo contrário, achava ele que tais indivíduos deveriam ser excluídos não só dessas funções, mas também dos templos, das águas lustrais e de todas as assembleias gerais, proporcionando um espectáculo de mau goiço e funesto, se alguém, ao sair de casa pela manhã, encara com uma tal visão... Foi longo o discurso sobre este tema, dizendo que o eunuco não é nem homem nem mulher, mas uma coisa compósita, mista e monstruosa, fora da natureza humana.

PÂNFILO — É uma acusação insólita²⁶³, essa que tu referes, ó Licino, e eu próprio, ó companheiro, já me sinto induzido a rir, ao ouvir uma acusação tão estranha... Mas então o que respondeu o outro? Porventura terá ficado calado, ou atreveu-se a replicar a essa acusação?

7. LICINO — Primeiramente, por vergonha e timidez — característica natural nesse género de pessoas —, Bagoas ficou calado durante muito tempo, estava ruborizado e via-se que transpirava, mas, por fim, falando com voz fina e feminina, disse que Díocles não tinha razão, ao [pretender] afastar um eunuco da Filosofia, que está aberta até às mulheres. E mencionou em sua defesa [os nomes de] Aspásia, Diótima, Targélia, bem como um certo académico de origem celta²⁶⁴,

²⁶³ A acusação é insólita, uma vez que, precisamente, os eunucos desempenhavam certas funções eminentemente religiosas, e até estavam associados à pureza, à virgindade e à castidade...

²⁶⁴ “de origem celta”, *ek Keltôn* (ἐκ Κελτῶν) é a lição dos mss., nomeadamente de ΓΕ, mas este tem, à margem, uma emenda que faz a

que era eunuco²⁶⁵, e ainda há pouco tempo muito apreciado pelos Gregos. Mas mesmo a este último, se ele fosse vivo e se candidatasse a um cargo semelhante, Díocles excluí-lo-ia, sem se deixar influenciar pela sua fama na opinião da maior parte das pessoas. E citava algumas frases ditas contra ele pelos Estóicos e, especialmente, pelos Cínicos, no intuito de o ridicularizar pelo seu defeito físico.

8. E foi sobre este ponto que os jurados passaram a ocupar-se. O fulcro do debate era o seguinte: Se deve admitir-se que um eunuco se candidate à [cadeira de] Filosofia e pretenda que lhe seja confiada a orientação dos jovens. Um deles [Díocles] afirmava que o filósofo devia possuir uma boa figura e uma boa condição física, e ainda — o mais importante de tudo — ter uma longa e espessa²⁶⁶ barba, ser pessoalmente credível para os que a ele acorrem e pretendem instruir-se, e ser digno das dez mil [dracmas] que iria receber do Imperador. Ora, a condição do eunuco é pior que a dos [sacerdotes] castrados, pois estes, em determinado período, experimentaram a virilidade, ao passo que este [fulano] está mutilado logo desde o princípio e é um ser ambíguo, tal qual as gralhas, que não são classificadas nem como pombas, nem como corvos.

9. Então o outro [Bagoas,] argumentava, dizendo que o pleito não era sobre a condição física, mas que deveria antes proceder-se a uma análise ao espírito e à inteligência, bem como ao conhecimento dos princípios doutrinários. Depois invocou, como testemunha da sua argumentação, o próprio Aristóteles, o qual admirava intensamente o eunuco Hermias, tirano de Atárnea²⁶⁷, a ponto de lhe oferecer sacrifícios como se fosse aos deuses. Além disso, Bagoas atreveu-se a acrescentar o argumento de que um professor eunuco é muito mais conveniente para

personagem originária “dos Pelasgos”... que não entendo, e menos ainda que essa emenda tenha sido adoptada por A. M. Harmon (“Loeb”, V, p. 338).

²⁶⁵ Favorino (c. 80-c.150 d.C.), gaulês de Arles (*Arelate*), era hermafrodito, o que se tornava evidente pelo seu modo de falar. Intelectual muito conhecido, e até famoso, das suas muitas obras pouca coisa chegou até nós. É de estranhar que Luciano não o tenha aqui identificado claramente, ao contrário do que faz em *Demónax*, §§12-13, aliás, de forma muito humilhante...

²⁶⁶ “longa e espessa”: o gr. *bathús* (βαθύς) exprime ambas as ideias.

²⁶⁷ Atárnea, cidade e região da Mísia (Ásia Menor).

os jovens, pois não é susceptível de receber qualquer acusação [por actos] contra eles, nem poderia estar sujeito à incriminação feita a Sócrates, segundo a qual este corrompia os jovens. A seguir, no que respeita especialmente à crítica de não ter barba, atirou-lhe com esta piada... ou assim o julgava: “*Se — disse — os filósofos devessem ser julgados pelo comprimento da barba, o bode, com toda a justiça, ganharia a todos.*”

10. Nisto, uma terceira personagem — que o seu nome fique omissa — apresentou-se, dizendo: “*Senhores juizes: Se este indivíduo, de rosto imberbe, voz feminina e, além disso, com toda a aparência de eunuco, mesmo assim se despisse, poderia mostrar que é muito homem. Se não mentem as pessoas que falam a seu respeito, ele foi uma vez surpreendido em acto de adultério, ‘genitais com genitais’, como diz a tábua²⁶⁸. Nessa altura, tendo-se refugiado na designação de eunuco e tendo encontrado aí o seu asilo, foi absolvido, pois os juizes não acreditaram na acusação, apenas fundamentados no seu aspecto exterior. Agora, porém, julgo que ele dará o dito por não dito, atendendo ao salário que se perspectiva.*”

11. Ditas estas palavras, ouviu-se uma risada geral, como seria de esperar. Bagoas, porém, ficou muito perturbado, sem saber que dizer, pôs-se de todas as cores, escorria um suor frio, pois não achava bom confessar o crime de adultério, mas também não considerava aquela acusação prejudicial para si, no presente pleito.

PÂNFILO — Isso é verdadeiramente cómico, ó Licino, e creio que vos proporcionou uma diversão nada vulgar... Mas que fim teve o processo, e como é que os juizes decidiram a respeito deles?

12. LICINO — Os votos não foram unânimes, pois uns queriam despi-lo, como se faz aos escravos em praça, a fim de verificarem, pelos testículos, se ele podia... filosofar, enquanto outros alvitavam uma proposta ainda mais cómica: que mandassem vir umas mulheres de bordel, com quem ele tivesse relações e acasalasse, e que um dos juizes, o mais velho e mais digno de crédito estivesse presente, para ver se o homem estava

²⁶⁸ Tratava-se de uma placa de madeira verticalmente assente sobre um eixo (daí o nome, *áxon*: ἄξων), na qual estavam gravadas as leis.

capaz de... filosofar. Depois, como a risota se apoderasse de todos e não houvesse quem não estivesse com dor de barriga e a estrebuchar de riso, decidiram suspender a sentença e enviar o caso para a Itália.

13. Presentemente, um deles [Díocles], treina-se, como sói dizer-se, na demonstração da sua eloquência: está a redigir um discurso de acusação e pretende levar por diante a acusação de adultério, procedendo contrariamente aos seus interesses, como fazem os maus advogados, ao considerar, nessa acusação, o seu adversário no número dos machos. Quanto a Bagoas, segundo dizem, ocupa-se de outras coisas... comporta-se geralmente como um macho e mantém o processo entre mãos, esperando que finalmente vencerá, se conseguir demonstrar que não é mesmo nada inferior aos burros que cobrem as éguas. Realmente, companheiro, este parece ser a melhor critério de aptidão... filosófica... e uma prova irrefutável. Assim sendo, faço votos por que o meu filho, que ainda é bastante novo, tenha, não a inteligência nem o dom de palavra, mas sim as partes pudendas preparadas para a Filosofia.

A ASTROLOGIA

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

NOTA PRÉVIA: Esta obra, atribuída, e também negada, a Luciano, está escrita no dialecto jónico, o dialecto “da ciência”, que era também o dialecto da poesia épica... Esse facto, só por si, não basta para retirarmos a Luciano a sua autoria, pois este, ao tratar o tema da Astrologia / Astronomia, era bem capaz de imitar os autores que a ela se dedicaram e sobre ela escreveram tratados. Podemos admitir, sem qualquer dificuldade, que o facto de Luciano escrever no dialecto jónico constitui, afinal, uma manifestação do domínio desse dialecto.

O termo *Astrología* (Ἀστρολογία) significa, inicialmente, “Astronomia” (v. dics., mais outros termos da família), com o sentido que hoje damos à palavra. No entanto, a palavra acabou por ter o sentido de “Astrologia”, tal como *astrológos* (ἄστρολόγος), “astrónomo”, e posteriormente “astrólogo”. Mas o sentido exclusivamente científico é expresso, desde cedo, pelos termos *Astronomía*, *astronómos*, *astronoméō*, *astronomēma*, *astronomikós* e adv. *astronomikós* (Ἀστρονομία, ἀστρονόμος, ἀστρονομέω, ἀστρονόμημα, ἀστρονομικός e ἀστρονομικῶς) respectivamente, “Astronomia”, “astrónomo”, “estudar astronomia”, “observação astronómica”, “astronómico” e... “astronomicamente”.

No tempo de Luciano, o vocábulo *Astrología* (Ἀστρολογία) já estava geralmente reservado à observação dos astros como meio de informação e adivinhação de acontecimentos que afectam a vida humana. Naturalmente, a Astrologia aproveita os conhecimentos *científicos* da Astronomia, mas distingue-se desta no seu objectivo.

Luciano traça, em linhas gerais, a história da Astrologia, mas *nos dois sentidos*, que o leitor perceberá imediatamente.

Na origem desta ciência estão, segundo Luciano, os Etíopes, que, entre outras coisas, descobriram que “a Lua não possui luz própria, mas que esta lhe vem do Sol.” (§3), e foram os primeiros a aperceber-se dos movimentos “irregulares” de certos astros “vagabundos”, os *planetas* (§4). Dos Etíopes, esta ciência passou para os Egípcios, Líbios e Babilónios.

Os Gregos, porém, receberam a Astrologia / Astronomia directamente de Orfeu, que foi (§10) “quem primeiro lhes

transmitiu esses conhecimentos, não publicamente, pois expôs a sua doutrina, não à luz do dia, mas por meios encantatórios e linguagem mística, como era de sua índole. De facto, construiu uma lira, instituiu orgias e cantou os seus dogmas sagrados. A lira, de sete cordas, simbolizava a harmonia dos [sete] astros móveis²⁶⁹. Ao interpretar estes factos e ao agitá-los, Orfeu a todos os seres fascinava e de todos se apoderava. Na verdade, ele não via aquela sua lira, nem lhe interessava a produção musical, mas sim a outra, a grande Lira de Orfeu. Então os Gregos, em homenagem a este facto, atribuíram-lhe uma divisão no céu, e [um certo conjunto de] muitas estrelas é denominado ‘Lira de Orfeu.’”

Outros Mestres nesta arte / ciência foram Tirésias, Tiestes e Atreu, Belerofonte, Frixo, Dédalo e seu filho Ícaro, cuja acção “mitológica” Luciano interpreta simbolicamente, pois não acredita no sentido literal das fabulosas histórias de deuses e heróis:

“Os Gregos contam ainda muitas outras histórias fabulosas, em que eu não acredito mesmo nada. Como pode ser piedoso acreditar que Eneias era filho de Afrodite [Vénus], que Minos era filho de Zeus [Júpiter], Ascálafo de Ares [Marte] e Autólico de Hermes [Mercúrio]? Pelo contrário, cada um destes era [simplesmente] amado dos deuses e, ao nascerem, estavam sob a vista quer de Afrodite [Vénus], quer de Zeus [Júpiter], quer de Ares [Marte]... (§20)

Muito curiosa é a interpretação do mito de Crono (Saturno) agrilhado por seu filho Zeus (Júpiter) (§21):

“Zeus [Júpiter] não agrilhoou Crono [Saturno], nem o lançou no Tártaro, nem tramou tudo aquilo que os homens crêem, mas Crono [Saturno] move-se numa órbita exterior muito longe de nós, o seu movimento é lento e nada fácil de ser observado pelos homens, e por isso dizem que ele está imóvel e como que agrilhado. E a enorme profundidade do firmamento é denominada Tártaro.”

Depois de mais algumas interpretações “racionalistas” da Astrologia, Luciano refere as duas opiniões sobre essa actividade: Para uns, trata-se de uma falsa ciência (§27), pois os astros “*não fazem o mínimo caso das coisas humanas nem têm qualquer relação com estas, e que é por sua própria necessidade que eles avançam e recuam na sua órbita*”. Esta interpretação liga-se directamente ao ceticismo e ao ateísmo. Outros, porém

²⁶⁹ Os “[sete] astros móveis” (planetas) então conhecidos eram, além da Terra e da Lua, Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno. Úrano, Neptuno e Plutão só foram descobertos nos tempos modernos.

(§28), “*dizem que a Astrologia é verdadeira, sim, mas inútil, uma vez que os decretos emanados das Meras²⁷⁰ não podem ser alterados pela arte divinatória*”.

Finalmente (§29), Luciano dá a sua própria opinião, que é um compromisso entre as duas teorias, mas que pende nitidamente para alguma validade das suas previsões: Os astros, com os seus movimentos e colocação, exercem realmente uma acção, mas só mecanicamente, sem a mínima consciência dessa acção. E conclui:

“A Astrologia não tem o poder de transformar o mau em bom, nem de mudar seja o que for ao curso dos acontecimentos, mas, mesmo assim, tem a seguinte utilidade para aqueles que dela se servem: por um lado, ela alegra muito, e antecipadamente, aqueles que ficam a conhecer as coisas boas que estão para acontecer, e, por outro lado, aceitam mais facilmente as coisas más, uma vez que estas não chegam sem a pessoa saber, mas, devido à reflexão e à visão do futuro, considera-as mais fáceis [de suportar] e mais suaves.”

²⁷⁰ “Meras” é a adaptação “canónica” do gr. *Moîrai* (Μοῖραι), são as *Parcae* (Parcas) dos Romanos. Eram as três irmãs que presidiam ao destino irrevogável, que nem mesmo os deuses podiam alterar... quanto mais a arte divinatória.

(Página deixada propositadamente em branco)

A ASTROLOGIA

1. Este escrito é a respeito do céu e dos astros, não sobre os astros e o céu em si mesmos, mas sobre a adivinhação e a verdade que deles decorre para a vida dos homens. Esta minha obra não contém qualquer preceito nem anuncia qualquer ensinamento sobre como [devemos proceder para] nos distinguirmos na arte divinatória, mas censuro o facto de que muitos homens sábios praticam as outras ciências e as transmitem aos seus discípulos, mas só não honram nem praticam a Astrologia.

2. E no entanto, esta ciência é muito remota, nem foi recentemente que chegou até nós, mas, pelo contrário, é obra de antigos reis amados dos deuses. Os nossos contemporâneos, porém, quer por ignorância, quer por indiferença, quer por aversão ao trabalho, pensam de maneira oposta à desses reis, e, se dão com homens que fazem previsões erradas, acusam os astros e odeiam a própria Astrologia, que consideram falha de sentido e de verdade, um discurso enganoso e vazio, mas, em meu entender, não pensam correctamente. Realmente, a ignorância do carpinteiro não é culpa da própria [arte de] carpintaria, a ignorância musical do tocador de flauta não se deve a um defeito da própria música, mas eles é que são ignorantes nas respectivas artes, pois cada uma destas é, em si mesma, “sábua”.

3. Ora, os Etíopes foram os primeiros que apresentaram aos homens esta ciência. A causa disso foi, por um lado, a sabedoria do seu povo (realmente, os Etíopes são, também noutros aspectos, superiores aos outros povos), e, por outro lado, a condição [climática] favorável do país. De facto, envolve-os permanentemente um céu limpo e uma grande serenidade, não sofrem as mudanças do ano, mas vivem numa única estação. Ao verem, primeiro que os outros, que a Lua não se mostra sempre igual, mas que se torna multiforme e se apresenta ora com um aspecto, ora com outro, acharam que o fenómeno era digno de admiração e espanto. Daí que, à força de investigarem, descobriram, como causa disso, que a Lua não possui luz própria, mas que esta lhe vem do Sol.

4. Também descobriram o movimento daqueles outros astros aos quais nós chamamos *planetas*²⁷¹ — pois são, de entre todos, os únicos que se movem²⁷² —, bem como a sua natureza, o seu poder e os efeitos que cada um deles produz. Também lhes atribuíram nomes, que não eram apenas nomes, como eles julgavam, mas símbolos significativos.

5. Os Etíopes observaram esses fenómenos no céu, e depois transmitiram esse conhecimento, ainda incompleto, ao Egípcios, seus vizinhos, e os Egípcios, tendo recebido deles essa arte divinatória ainda meio trabalhada, levaram-na a maior perfeição, [pois] indicaram a medida do movimento de cada um [dos astros²⁷³] e determinaram a duração dos anos, dos meses e das horas²⁷⁴. Quanto à medida [da duração] dos meses, era a Lua e o ciclo lunar que os fixavam, enquanto o Sol e a sua órbita circular determinavam a [medida] do ano.

6. Os Egípcios assinalaram outros factos ainda mais importantes que estes. Na verdade, com base na observação de todo o firmamento e dos outros astros não-errantes, fixos e sem qualquer movimento, traçaram doze divisões destinadas aos astros que se movem, [em que] as *casinhas* [*assim chamadas²⁷⁵] representam animais, cada um deles na sua forma: umas [representam] animais marinhos, outras seres humanos, outras animais selvagens, outras aves, outras animais domésticos.

7. É daqui que [resulta que] as divindades egípcias são representadas com múltiplas formas. Na verdade, nem todos os egípcios praticam a arte divinatória com base em todas as doze divisões [do Zodíaco], mas uns utilizam um signo, e outros outro signo, e então veneram o carneiro os [que nasceram]

²⁷¹ O termo *plánēs*, acusat. *plánēta* (πλάνης, πλάνητα), ou *planētēs*, -ou (πλανήτης, -ου) significa “errante”, do v. *planāō* (πλανάω) “andar errante”, “vaguear”.

²⁷² “que se movem”, ou melhor (embora o texto não o permita) “que alteram as suas posições relativas”.

²⁷³ “dos astros”, especialmente dos astros “errantes” ou planetas.

²⁷⁴ “das horas” ou “das estações (do ano)”, pois o termo *hóra* (ώρα) tem esses (e outros!) sentidos.

²⁷⁵ Neste passo, os mss. contêm uma lacuna (de extensão variável), que tem sido diversamente preenchida. Tentei “mexer” o menos possível no texto...

virados para o *Carneiro*, e não comem peixes aqueles que são assinalados como *Peixes*, nem sacrificam um bode aqueles que se identificam com o *Capricórnio*, e assim sucessivamente, segundo o culto de cada um. E então veneram o touro, em homenagem ao *Touro* celeste; e então o [boi] Ápis, que é para eles a entidade mais sagrada, pasta [livremente] por todo o país, e até lhe dedicam nesse país um oráculo, como símbolo da arte divinatória daquele outro *Touro*.

8. Passado não muito tempo, também os Líbios adoptaram essa ciência. De facto, o oráculo dos Líbios, o de Ámon, foi instituído em relação com o céu e com a ciência sobre este, pelo que eles representam Ámon com figura de carneiro.

9. Também os Babilónios tiveram conhecimento de toda esta ciência, e até, segundo eles afirmam, primeiro que os outros [povos], mas eu creio que essa ciência chegou até eles muito mais tarde.

10. Os Gregos não receberam quaisquer noções de Astrologia nem dos Etíopes nem dos Egípcios, mas foi Orfeu, filho de Eagro e de Calíope quem primeiro lhes transmitiu esses conhecimentos, não publicamente, pois expôs a sua doutrina, não à luz do dia²⁷⁶, mas por meios encantatórios e linguagem mística, como era de sua índole. De facto, construiu uma lira, instituiu orgias e cantou os seus dogmas sagrados. A lira, de sete cordas, simbolizava a harmonia dos [sete] astros móveis²⁷⁷. Ao interpretar estes factos e ao agitá-los, Orfeu a todos os seres²⁷⁸ fascinava e de todos se apoderava. Na verdade, ele não via *aquela* sua lira, nem lhe interessava a produção musical, mas sim a outra, a grande Lira de Orfeu. Então os Gregos, em homenagem a este facto, atribuíram-lhe uma divisão no céu, e [um certo conjunto de] muitas estrelas é denominado "*Lira de Orfeu*".

²⁷⁶ "à luz (do dia)", ou seja, "pública e claramente".

²⁷⁷ Os "[sete] astros móveis" (planetas) então conhecidos eram, além da Terra e da Lua, Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno. Úrano, Neptuno e Plutão só foram descobertos nos tempos modernos.

²⁷⁸ "todos (os seres)": o neutro *pánta* (πάντα) refere-se a seres animados e inanimados...

Se alguma vez vires Orfeu representado, quer em pedra, quer em pintura, ele está sentado no centro, na atitude de quem está a cantar, com uma lira nas mãos, e à sua volta estão numerosos animais, entre os quais um touro, um homem, um leão e outros mais. Ao vê-los, lembra-te disto: Que canto [realmente], que *Lira*, que *Touro*, que *Leão* estão a escutar Orfeu. Se conheceres a causa do que [aqui] te digo, procura ver no céu cada um destes.

11. Diz-se que um tal Tirésias, homem da Beócia, gozava de grande fama pela sua arte divinatória, e que esse ensinou aos Gregos que, de entre os astros errantes, pelo facto de uns serem machos, e outros serem fêmeas, não produzem todos os mesmos efeitos. Pelo facto de ele ter os dois sexos, dizem que é “anfíbio”; ora fêmea, ora macho.

12. Quando Atreu e Tiestes disputavam o trono paterno, já os Gregos se interessavam muito abertamente pela Astrologia e pela ciência do céu, e então o povo de Argos decidiu que ficaria rei aquele que fosse superior ao outro em sabedoria. Então Tiestes indicou-lhes e assinalou o *Carneiro* que está no céu, donde se conta a história, segundo a qual Tiestes tinha um cordeiro de ouro. Atreu, por seu lado, fez-lhes um discurso a respeito do Sol e dos seus nasceres, dizendo que o Sol e o firmamento não têm um movimento igual, mas movem-se em sentido contrário um do outro²⁷⁹, e aquilo que agora nos parece serem ocasos, por serem [realmente] ocasos do firmamento, são [afinal] nasceres do Sol. Tendo Atreu dito estas palavras, os Argianos elegeram-no rei, e este obteve grande glória como sábio.

13. E a respeito de Belerofonte penso o seguinte: Não creio de maneira nenhuma que ele tivesse um pássaro como cavalo²⁸⁰, mas o que me parece é que ele, ao perseguir esta ciência e ao familiarizar-se com os astros, subiu ao céu, não [montado] num cavalo, mas por meio da inteligência.

²⁷⁹ Enquanto o Sol tinha a sua própria órbita, as estrelas estavam incrustadas na “esfera dos astros fixos”, e era esta que rodava, deixando que as estrelas mantivessem as suas posições relativas.

²⁸⁰ Trata-se do famoso cavalo alado...

14. E o mesmo tenho a dizer de Frixo, filho de Atamante, de quem se conta que se deslocou pelo ar [montado] num carneiro de ouro. E o mesmo a respeito do ateniense Dédalo. A história sobre este é estranha, mas afigura-se-me que não está fora [do âmbito] da Astrologia, mas que este a utilizou bastante e a transmitiu ao seu filho.

15. Ícaro, porém, levado pela sua juventude e imprudência, e aventurando-se por temas inconvenientes, elevou-se, *mas em espírito*, até ao pólo²⁸¹, e então precipitou-se do alto da verdade, perdeu completamente a razão e mergulhou no mar das coisas insondáveis... mas os Gregos contam uma história diferente a seu respeito e chamam ao golfo situado nesse mar, naturalmente, [golfo] Icário.

16. Provavelmente, também Pasífae, tendo ouvido Dédalo falar do *Touro* que se vê no entre os astros, bem como da Astrologia em si mesma, ficou apaixonada pela sua história, donde se julga que foi Dédalo quem a induziu a unir-se ao [famoso] touro²⁸².

17. Além disso, há aqueles que dividiram esta ciência em partes, tendo cada um deles estudado diferentes aspectos: uns reuniram conhecimentos sobre a Lua, outros sobre Júpiter²⁸³, outros sobre o Sol, a respeito das respectivas órbitas, seu movimento e sua influência.

18. Foi Endímion²⁸⁴ quem organizou os conhecimentos relativos à Lua.

19. Faetonte determinou a rota do Sol, mas sem grande exactidão, pois morreu, deixando a obra incompleta. Aqueles que desconhecem estes factos julgam que Faetonte era filho de

²⁸¹ O pólo era o ponto mais alto, na vertical, da abóbada celeste.

²⁸² Trata-se do touro enviado a Minos, rei de Creta, para o ajudar na conquista do trono. Sua mulher, Pasífae, apaixonou-se pelo belo animal, donde nasceu o célebre Minotauro...

²⁸³ É claro que o nome do planeta é, em grego (antigo e moderno) *Zeus*.

²⁸⁴ A lenda refere a paixão de Selene, a Lua, pelo formoso pastor Endímion. Quanto aos conhecimentos astronómicos (e astrológicos) de Endímion, devem provir de alguma versão menos conhecida...

Hélio²⁸⁵, e contam a respeito dele uma história nada credível, dizendo que ele foi a casa de Hélio, seu pai, pedindo-lhe que o deixasse conduzir o carro da luz, e que Hélio consentiu e lhe ensinou as regras da condução de cavalos. Então Faetonte subiu para o carro, mas, quer pela sua pouca idade, quer por inexperiência, umas vezes conduzia rente ao solo, e outras muito afastado da Terra, pelo que ora o frio, ora o calor insuportável, quase destruíam a humanidade. Irritado com esse comportamento, Zeus terá fulminado²⁸⁶ Faetonte com um poderoso raio de fogo. E tendo ele caído, as irmãs²⁸⁷ tê-lo-ão rodeado e terão chorado muito a sua morte, até que mudaram de forma, e actualmente são choupos, que destilam sobre ele âmbar, na forma de lágrimas. Ora, as coisas não se passaram desse modo, nem é piedoso acreditar nisso, pois nem Hélio teve um filho, nem o seu filho morreu.

20. Os Gregos contam ainda muitas outras histórias fabulosas, em que eu não acredito mesmo nada. Como pode ser piedoso acreditar que Eneias era filho de Afrodite, que Minos era filho de Zeus, Ascálafo de Ares e Autólico de Hermes? Pelo contrário, cada um destes era [simplesmente] amado dos deuses e, ao nascerem, estavam sob a vista quer de Afrodite, quer de Zeus, quer de Ares... Na verdade, os astros que dominavam uma casa no momento do nascimento das pessoas, esses, como que seus pais, tornam as pessoas em tudo semelhantes a eles, na tez da pele, no aspecto físico, nas façanhas e na inteligência, e então Minos foi rei, porque Zeus²⁸⁸ era dominante, Eneias era formoso, por vontade de Afrodite, e Autólico era ladrão, porque a arte do furto lhe viera de Hermes.

21. E mais: Zeus não agrilhoou Crono, nem o lançou no Tártaro, nem tramou tudo aquilo que os homens crêem, mas

²⁸⁵ Hélio, o Sol.

²⁸⁶ “terá fulminado”: A oração infinitiva (dizem que) Zeus fulminou...” indica precisamente que Luciano (ou o presumível orador) não assume a veracidade da lenda, Como a verbo que anuncia a infinitiva ficou muito para trás, deí um jeito à tradução, em expressão dubitativa.

²⁸⁷ As irmãs são as cinco Heliades, filhas de Hélio e da oceânide Clímene.

²⁸⁸ Zeus... quer dizer, o planeta Júpiter, a que os Gregos sempre chamaram Zeus. O mesmo se diga, a seguir dos planetas Afrodite (Vénus) e Hermes (Mercúrio). O facto de adptarmos as designações latinas pode, como aqui, causar problemas de tradução.

Crono²⁸⁹ move-se numa órbita exterior muito longe de nós, o seu movimento é lento e nada fácil de ser observado pelos homens, e por isso dizem que ele está imóvel e como que agrilhado. E a enorme profundidade do firmamento é denominada *Tártaro*.

22. É principalmente através do poeta Homero e dos poemas de Hesíodo que nós conhecemos as antigas concordâncias de linguagem com os astrólogos. Quando Homero descreve a corrente de Zeus e os bois de Hélio, eu interpreto isso como sendo os dias e as cidades que Hefesto²⁹⁰ representou no escudo [de Aquiles], ou os coros e as vindimas^{****291}. E aquilo que é dito por ele [Homero,] a respeito de Afrodite e do adultério com Ares, também não tem origem em mais nada, senão nesta ciência [a Astrologia]. Na verdade, foi a conjunção de Vénus e Marte que ocasionou o episódio poético de Homero. Noutros passos do poema, Homero distinguiu a função de cada um, dizendo, a respeito de Afrodite:

Tu, porém, as doces obras || do casamento persegue.

E a sobre a guerra:

*Tais actos respeitarão || ao veloz Ares e a Atena.*²⁹²

23. Ao verem tudo isto, os antigos faziam grande uso da adivinhação e não a consideravam uma actividade supérflua, mas, pelo contrário, não fundavam cidades nem se faziam rodear de muralhas, nem celebravam sacrifícios²⁹³, nem desposavam mulher, sem antes consultarem os oráculos sobre cada um desses assuntos. Na verdade, para eles, os oráculos não estavam fora [do âmbito] da Astrologia, mas, em Delfos, a virgem possui o dom da profecia, como símbolo da *Virgem* celeste, e o dragão que está sob a trípole fala, porque existe um *Dragão* que brilha

²⁸⁹ Crono, aqui, é o planeta (Saturno): v. nota *supra*.

²⁹⁰ Hefesto (o Vulcano dos Romanos) é o deus ferreiro.

²⁹¹ Parece haver aqui uma lacuna, algo como “eu entendo isso como sendo ... ??”.

²⁹² *Iliada*, V, 429 e 430.

²⁹³ “nem celebravam sacrifícios” é um sentido possível de *oúte phónous ergázonto* (οὔτε φόνους ἐργάζοντο), cf. Ésq., *Sete Contra Tebas*, 44: *taureíou phónou* (ταυρείου φόνου) “sacrifício de um touro”. Outras inyerpretações, como “nem travavam combates” (E. Talbot, “Hachette”, 1857), ou “slay no men” (A. M. Harmon, “Loeb”, V, p. 365) parecem-me forçadas, sobretudo a última.

entre as estrelas, e o oráculo de Apolo em Dídimos²⁹⁴ é assim chamado, creio eu, derivado dos *Gêmeos* celestes.

24. A tal ponto a adivinhação se lhes afigurava uma arte sagrada, que Ulisses, cansado de vagabundear e querendo conhecer exactamente o seu destino, desceu ao Hades, não

... *para visitar os mortos* || *e o lugar desprazível*²⁹⁵,

mas por desejo de falar com Tirésias. E logo que chegou ao local que Circe lhe tinha indicado, tendo aberto uma cova e sacrificado carneiros, apareceram muitos mortos, entre os quais a sua própria mãe, os quais pretendiam beber o sangue [das vítimas], mas ele não o consentiu a ninguém, nem mesmo à sua própria mãe, antes que Tirésias provasse [o sangue] e que ele o obrigasse a revelar-lhe o futuro. Ulisses suportou ver a sombra de sua mãe a sofrer de sede.

25. Por outro lado, Licurgo outorgou aos Lacedemónios toda uma constituição inspirada no céu, e fez uma lei, segundo a qual nunca [*<*saem em campanha*>*²⁹⁶] nem avançam para a guerra, antes de ser Lua cheia. De facto, ele considerava que a força da Lua crescente não era a mesma que a da Lua minguante, e que todos os acontecimentos eram regidos por ela.

26. Os Árcades são os únicos que não admitiram esta ideia nem prestaram honras à Astrologia, e até dizem, por insensatez e ignorância, que são mais antigos que a Lua.

27. Portanto, os nossos antepassados eram muito dados à adivinhação, mas, entre os nossos contemporâneos, alguns dizem que é uma impossibilidade para os homens descobrir um qualquer objectivo da arte divinatória, que ela não é nem fiável nem verdadeira, que nem Marte nem Júpiter²⁹⁷ se movem por nossa causa, mas eles não fazem o mínimo caso das coisas

²⁹⁴ Dídimos, local próximo de Mileto. Como subst., gr. *didūmoi* (Δίδυμοι) significa “gêmeos”. Luciano estabelece aqui uma relação difícil de praxir, pois não podemos verter o nome da localidade como... Gêmeos. Fica a nota...

²⁹⁵ Homero, *Odisseia*, XI, 94.

²⁹⁶ Os mss. Γ e E têm aqui uma lacuna de, respectivamente, cerca de 12 e 9 letras. A. M. Harmon (“Loeb”, V, p. 366) sugere algo como ἐξελαυνέιν...

²⁹⁷ Marte... Júpiter: o gr. diz, naturalmente, Ares... Zeus...

humanas nem têm qualquer relação com estas, e que é por sua própria necessidade que eles avançam e recuam²⁹⁸ na sua órbita.

28. Outros, porém, dizem que a Astrologia é verdadeira, sim, mas inútil, uma vez que os decretos emanados das Meras²⁹⁹ não podem ser alterados pela arte divinatória.

29. Por mim, tenho a dizer, a respeito destas duas opiniões, que os astros executam realmente a sua própria órbita no céu, mas é como um [simples] acessório do seu movimento, que sobrevém o efeito sobre cada um de nós. Ou pretendes que, quando um cavalo galopa, ou quando aves ou homens se agitam em bando³⁰⁰, saltam pedras ou voam pedaços de palha devido ao vento provocado pela corrida, mas que, no caso da rotação dos astros, nada acontece? Ou [pretendes] que mesmo de um pequeno fogo chega até nós alguma emanção, mas esse fogo não arde, em um pouco, por nossa causa, nem se importa com o nosso aquecimento, mas que nós não recebemos qualquer emanção vinda dos astros? Na verdade, a Astrologia não tem o poder de transformar o mau em bom, nem de mudar seja o que for ao curso dos acontecimentos, mas, mesmo assim, tem a seguinte utilidade para aqueles que dela se servem: por um lado, ela alegra muito, e antecipadamente, aqueles que ficam a conhecer as coisas boas que estão para acontecer, e, por outro lado, aceitam mais facilmente as coisas más, uma vez que estas não chegam sem a pessoa saber, mas, devido à reflexão e à visão do futuro, considera-as mais fáceis [de suportar] e mais suaves.

É isto o que eu penso da Astrologia.

²⁹⁸ “avançam e recuam”, gr. *anastrephontai* (ἀναστρέφονται): por isso os planetas são chamados... *planētai* (πλανήται) “errantes”.

²⁹⁹ “Meras” é a adaptação “canônica” do gr. *Moīrai* (Μοῖραι), são as *Parcae* (Parcas) dos Romanos. Eram as três irmãs que presidiam ao destino irrevogável, que nem mesmo os deuses podiam alterar... quanto mais a arte divinatória.

³⁰⁰ “se agitam em bando”, “... tumultuosamente”, “... em tropel”: aceito a lição (*lectio difficilior*) dos mss. ΩΖ, *kloneoménōn* (κλονεομένων), em vez da outra (*lectio facilior*), *kineoménōn* (κινεομένων), “movendo-se”, a qual dá uma ideia mais frouxa do que se pretende dizer.

(Página deixada propositadamente em branco)

**Ο “PSEUDOLOGISTA”
ΟΙ
SOBRE A PALAVRA ἀποφράς**

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

A palavra que serve de título a este libelo de Luciano, *Pseudologistaís* (Ψευδολογιστής), refere-se a um indivíduo que pretende passar por orador (escritor) “aticista”, e que para isso “cata” palavras raras, usadas ocasionalmente por autores atenienses da “belle époque”, e com as quais julga deixar os seus ouvintes (e talvez também leitores) boquiabertos de admiração por tanta erudição. Trata-se, afinal, do defeito dos diversos “barroquismos”, “gongorismos” e “cultismos” que se seguem aos períodos clássicos, com excessos de imitação que roçam, e ultrapassam, as fronteiras do razoável, como acontecia com o “*Pseudologista*”. Como traduzir, então, o título grego? *O Falso* (ou *Mau*) *Gramático*? *O Falso* (e *Petulante*) *Erudito*? *O Linguísta Falhado*? Bailly, s. u., traduz por “faux ou mauvais raisonneur, titre d’un ouvrage de Lucien”, mas, na lista de autores, tem “*Pseudol. Le Pseudologiste*”; Liddell-Scott-Jones, na lista de autores, diz “*Pseudol. = Pseudologista*” (na adaptação latina), e na entrada da palavra limita-se a informar: “name of a treatise by Lucian”, mas dá a palavra como equivalente a ψευδολογικός, “*speaking falsely, lying*”, e remete para Aristf., *Rãs*, 1521, de contexto diferente do da obra de Luciano; E. Pessoneaux, *Dict. grec-français*, traduz por “faux grammairien”; C. Alexandre, *Dict. grec-français* traduz por “faux calculateur, mauvais raisonneur”; A. M. Harmon (“Loeb”, V) verte por “The Mistaken Critic”; finalmente, E. Talbot, *Oeuvres complètes de Lucien...*, “Hachette”, 1897, traduz, ou melhor, *adapta* directamente do gr.: “Le Pseudologiste”. Também não poderíamos verter por “*Pseudoaticista*”, por dois motivos: 1º (e mais importante), o título não permite a ideia de “aticista”; 2º, o homem não era propriamente um falso aticista, mas um *mau* e *exagerado* aticista. Enfim, à falta de melhor, adopto a adaptação simples do título grego: *O “Pseudologista”*, com umas aspas... atenuantes.

Além do título principal, este libelo contém, como muitas outras obras de Luciano, um subtítulo ou título alternativo, sobre o qual os mss. divergem:

1 — Ψευδολογιστής ἢ Περὶ τῆς ἀποφράδος, [κατὰ Τιμάρχου]³⁰¹

(*Pseudologistés é Perì tês apophrás, [katà Timárkhou]*)

O Pseudologista ou acerca da [palavra] ἀποφράς (apophrás), [contra Timarco];

2 — Περὶ τῆς ἀποφράδος ἢ κατὰ Τιμάρχου

(*Perì tês apophrás é katà Timárkhou*)

Acerca da [palavra] ἀποφράς (apophrás) ou contra Timarco.

No que respeita à identificação do “Pseudologista” com um tal Timarco, transcrevo a nota do §27 a *A...timarco*:

*Este passo levou alguns a concluir que a personagem se chamava Timarco, e que o fulano era homónimo do famoso Timarco contra quem Êsquines pronuncia um discurso, em que alude à vida dissoluta desse seu inimigo. A associação ao Timarco de Êsquines é inevitável, mas Luciano terá pretendido transformar o nome, que etimologicamente (e enganadoramente!) significa “chefe dos honrados”, em “chefe dos desonrados”, “rei dos infames”. Em port., poderíamos jogar com a oposição, p. ex., entre Honorato e... *Des...(H)onorato (?)... mas, além do mais, o acrescento não é de uma só letra, como no caso grego...*

Um outro problema é o que se refere à palavra que desencadeia toda a diatribe, o adj. *apophrás* (ἀποφράς), que corresponde ao lat. *nefastus, nefandus, infandus*, e que se aplica especialmente a um dia *nefasto*, segundo a superstição de Gregos e Romanos, aliás explicada pelo próprio Luciano, §17:

“Nós até evitamos os coxos do pé direito, especialmente quando topamos com eles logo de manhã. E se alguém, logo ao sair de casa, vir um [sacerdote] castrado ou um eunuco, ou um macaco, volta imediatamente para trás e torna a entrar em casa, por conjecturar que os actos desse dia não lhe serão favoráveis, a julgar por aquele abominável e agoirento primeiro presságio. Se, no início [de qualquer coisa], ou à porta de casa, ou logo na primeira saída [à rua], ou de manhãzinha em todos os dias do ano, uma pessoa der de caras com um debochado que comete e se submete a actos inenarráveis, que é bem conhecido por esse facto, um tipo perjuro, um perdido, um miserável, um patife, será que não o evita e não compara esse fulano a um dia apophrás (ἀποφράς) [‘nefasto’]?”

Aqui, porém, surge uma questão, que consiste em aplicar o adj. não só a “dia”, *hēméra* (ἡμέρα), mas também a palavras

³⁰¹ κατὰ Τιμάρχου acrescentado à margem em Γ.

como “homem”, “vida”, “boca”... *dia nefasto, homem nefasto, boca nefasta, vida nefasta*, uso que Luciano defende com muita veemência (pois esse era o ponto importante!), mas que não deixa de ser algo forçado. Afinal, o “Pseudologista”, ou Timarco ou fosse lá quem ele fosse, não estava completamente fora da razão, ao criticar Luciano por este lhe chamar... *apophrás* (ἄποφράς)... “nefasto”, ou “de mau agoiro”, “agoirento”... “abominável”...

Mas vejamos, em resumo, a causa da “guerra” que Luciano declarou (e promete continuar a fazer) contra o “Pseudologista”. Foi o caso que o nosso homem pronunciara em Olímpia um discurso, que, afinal, era da autoria de Luciano. A própria maneira de declamar o que não lhe pertencia suscitou a risota dos ouvintes, mas, sobretudo, os comentários dos eruditos, que conheciam a origem do texto... Sobretudo, o próprio Luciano, que estava presente, não se conteve e desatou a rir às gargalhadas, ostensivamente, de modo que o orador viu bem de quem se tratava. “*Foi este incidente que os pôs em guerra*” (§7). Daí o desejo de vingança, cuja oportunidade surgiu algum tempo depois. Foi o caso que, na festa do Ano Novo, Luciano, “*vendo aproximar-se aquele abominável charlatão, declamador de discursos alheios (cujo carácter por acaso ele conhecia muito bem, tal como o seu impudor, a sua vida debochada, o que se dizia que ele costumava fazer e o que tinha sido surpreendido a fazer)*, disse para um dos seus amigos: ‘É tempo de fugirmos desta funesta visão, cuja aparição vai transformar este nosso dia tão agradável em [dia] *apophrás* (ἄποφράς) [“nefasto”]’ (§8).”

Aí o “Pseudologista” “agarrou” a almejada ocasião de vingança, e desatou a rir daquela palavra, que, segundo Luciano, ele desconhecia, palavra usual entre os Atenienses, pelo que o seu desconhecimento por parte de um “aticista” era verdadeiramente imperdoável. É claro que Luciano, sentindo-se ofendido com a troça, retorquiu da maneira que ele muito bem dominava: uma declamação pública, que pusesse a nu não só a ignorância linguística do fulano, mas sobretudo a sua longa vida de devassidão e de vícios sexuais de toda a espécie. De facto, o título (quer o título principal, quer o subtítulo... ou os dois subtítulos³⁰²) não deixava prever que boa parte do discurso fosse, não sobre a palavra *apophrás* (ἄποφράς) e, por arrastamento, sobre o estilo do petulante “aticista”, mas

³⁰² V. *supra*, a respeito do(s) título(s) que consta(m) dos mss.

sobre o comportamento moral do homem. Quer dizer: Luciano aproveita a ocasião, para dar ao seu inimigo duas lições: uma de “aticismo” comedido, e outra de moral, esta realmente muito dura, impressionantemente cruel, a demonstrar a toda a gente que... com Luciano não se brinca. Aliás, não foi, e não seria, a primeira vez que Luciano atacou os seus inimigos naquilo que mais poderia desacreditá-los socialmente: a devassidão sexual.

Resta concluir, fazendo notar as dificuldades, ou ainda mais, as impossibilidades, que um texto como este suscita aos tradutores. Realmente, como dar a equivalência em port. de palavras áticas do período clássico, que, na época de Luciano, eram geralmente desconhecidas ou, pelo menos, desusadas, a não ser por pretensiosos eruditos, que queriam a toda a força restaurar os *bons velhos tempos*? Muitas dessas palavras eram de formação ocasional e tão raras, que, a julgar (*tanto quanto possível*) pelos nossos grandes dicionários, só ocorrem nesta obra, atribuídas ao “Pseudologista”, ou escassamente num ou noutro escritor mais antigo... Além disso, o sentido de tais palavras, fora do seu contexto, é muitas vezes difícil de apreender.

Enfim, esta obra de Luciano presta-se, não a ser traduzida para um público geral, mas sim para servir de base a uma boa dúzia de aulas de Grego.

O “PSEUDOLOGISTA” OU SOBRE A PALAVRA ἄποφράς

1. Que tu desconheces a palavra ἄποφράς (*apophrás*) [“nefasto”], é coisa bem evidente. Na verdade, como poderias tu, a respeito desta palavra, acusar-me de ser um bárbaro em termos de linguagem, por eu dizer, referindo-me a ti, que tu eras semelhante a um ἄποφράς (*apophrás*) [“nefasto”] (realmente, por Zeus!, recordo-me de ter comparado o teu carácter a um dia desse tipo), se não fosses completamente ignorante dessa palavra? Pois eu vou ensinar-te, daqui a pouco, o que quer dizer a palavra ἄποφράς. Mas por agora cito-te a famosa frase de Arquíloco, que diz “*apanhaste a cigarra pela asa*”, se é que já ouviste falar de um certo fazedor de iambos, um tal Arquíloco, natural de Paros, homem absolutamente franco e dado ao desbragamento de linguagem, que não hesitava nem um pouco em usar o insulto, sobretudo se se tratava de flagelar aqueles que incorressem na ira dos seus iambos. Ora, esse tal [Arquíloco], ao ouvir um desses tipos dizer mal dele, disse que o fulano tinha apanhado a cigarra pela asa, comparando-se a si próprio, Arquíloco, com a cigarra, que é por natureza palradora sem qualquer necessidade, e que, quando a seguram pela asa, canta ainda mais estridentemente. “*Também tu, infeliz criatura — disse ele —, com que intenção estás a irritar contra a tua própria pessoa um poeta palrador, que só procura pretextos e matéria para os seus iambos?*”³⁰³

2. Também eu te faço a mesma ameaça, sem, por Zeus!, querer comparar-me a Arquíloco (Mas como? Muito longe disso!), mas por saber que há na tua vida coisas dignas de milhares de iambos, contra as quais creio que nem o próprio Arquíloco bastaria, precisando de chamar também o Semónides³⁰⁴ e o Hipónax³⁰⁵ para o ajudar, nem que fosse num único dos teus

³⁰³ Esta mesma ideia de exacerbar o que está quieto, e com isso provocar um mal maior, é repetida quase no fim do discurso, no começo do §32, q.v.

³⁰⁴ Semónides (não *Símónides*) de Amorgo(s), poeta satírico; não confundir com Simónides de Ceos, poeta lírico. A confusão gráfica deve ser antiga, do tempo em que o η já havia evoluído para [i]. Os mss. de Luciano têm a grafia Σιμωνίδης.

³⁰⁵ Hipónax, poeta satírico, que usou de extrema crueldade contra os seus inimigos, a ponto de dois deles, os escultores Búpalo e Aténis (que o haviam representado com toda a sua fealdade) se terem enforcado.

vícios, a tal ponto, com toda a tua impudência, fizeste parecer crianças Orodócides³⁰⁶, Licambes e Búpalo, nos iambos daqueles [poetas]. Até parece que foi algum dos deuses que, naquele momento, levou aos teus lábios o riso, por eu ter usado a palavra ἀποφράς (*apophrás*) [“nefasto”], de modo que ficasse completamente à vista o facto de tu seres mais iletrado que os citas e ignorante de coisas vulgares e ao alcance de toda a gente, e de forma de tu proporcionasses uma excelente ocasião de falar contra ti, a um homem livre, que te conhece desde a tua terra natal e que não se retrai de dizer, ou melhor, de apregoar cá para fora tudo o que tu actualmente fazes de noite e de dia, além dos teus muitos actos passados.

3. Mesmo assim, talvez seja inútil e supérfluo falar-te abertamente em estilo pedagógico. Na verdade, nem tu te tornarias melhor devido à minha crítica (não mais do que um escaravelho que fosse instado a não fazer rolar “aquelas coisas”, ele que está a isso acostumado), nem eu creio que haja alguém que ainda desconheça os actos que tu te atreves a cometer e com que tu, um velho, prevaricas contra ti próprio. Tu és um debochado que não engana [ninguém] nem passa despercebido. Nem é sequer preciso que alguém te dispa dessa pele de leão, para ficar patente que não passas de um burrialho, a não ser para alguém que nos tenha chegado recentemente [do país] dos Hiperbóreos, ou que seja a tal ponto [como] um natural de Cime³⁰⁷, para não ficar a saber, com um simples olhar, que tu és o mais desavergonhado dos burros, sem esperar até te ouvir zurrar... a tal ponto os teus vícios andam por aí divulgados, desde há muito, antes de mim, por toda a parte e repetidamente, pelo que tens, nesse aspecto, uma fama nada pequena, ainda maior que a de Arífrades e do sibarita Hemíteon, maior que a do famoso Bastas de Quios, este um especialista em actos desse tipo.

Mesmo assim, e embora possa dar a impressão de que falo de vícios já velhos e relhos³⁰⁸, tenho de lhe fazer referência, a

³⁰⁶ Orodócides (cujo nome só conhecemos daqui), Licambes e Búpalo, criticados respectivamente por Semónides, Arquíloco e Hipónax.

³⁰⁷ Cf. *Os Fugitivos*, §13 (referência a uma fábula de Esopo): “...o burro de Cime, o qual, tendo vestido uma pele de leão e tendo-se posto a zurrar horrivelmente, pretendia fazer-se passar por leão”.

³⁰⁸ “velhos e relhos” traduz (sem tração!) o adj. *hēōlos* (ἧωλος).

fim de não incorrer na acusação de ser a única pessoa que os ignora.

4. Ou melhor, tenho de chamar aqui um dos Prólogos³⁰⁹ de Menandro, a Refutação³¹⁰, divindade amiga da Verdade e da Franqueza, e que não é a mais insignificante das personagens que sobem à cena, inimiga somente de vós, os que temeis a sua língua, por ela conhecer tudo e expor claramente tudo quanto sabe a vosso respeito. Ora, seria bem engraçado, se essa personagem quisesse avançar para aqui e contar aos espectadores³¹¹ toda a matéria da peça.

Vamos lá então, ó Refutação, tu que és o mais excelente dos Prólogos e das divindades, trata de informar, desde já e claramente, os auditores de que não foi por motivo fútil, nem por espírito de ódio, nem, como sói dizer-se, “*de pés por lavar*”³¹², que nós elaborámos³¹³ este discurso, mas sim para nos vingarmos de algo não só particular, mas também de interesse comum, e por odiarmos este fulano, devido à sua impudência. Depois de dizeres essas simples palavras e de expores previamente o assunto, retira-te imediatamente e com a tua bênção, e deixa o resto connosco. Na verdade, imitar-te-emos e exporemos boa parte da sua vida, de modo que não terás nada de que nos acusar em termos de franqueza e de verdade. Mas, minha cara Refutação, não me elogies perante estes [ouvintes], mas também não exprimas antes de tempo o que convém a este fulano. Realmente, não fica bem que acorram à tua boca, como divindade que és, essas palavras relativas a pessoas tão desprezíveis.

5. “*Pois aqui este fulano, que se diz sofista — é já o Prólogo que pronuncia estas palavras —, foi uma vez a Olímpia, a*

³⁰⁹ O Prólogo aparecia como uma personagem, que apresentava a temática geral da peça.

³¹⁰ “Refutação”: O termo grego é masculino, *Élegkhos* (“Ἐλεγχος”), que não houve maneira de verter por um nome masculino... talvez “Contraditório”... V. *Os Ressuscitados* ou *O Pescador*, §17 e nota,

³¹¹ Percebe-se que Luciano está perante um auditório, numa das usuais *declamations*. Logo a seguir é mais preciso, falando de *auditores* ou *ouvintes*.

³¹² “*de pés por lavar*”, expressão difícil de entender, mas que deve provir de alguma história bem conhecida de Luciano e dos seus ouvintes.

³¹³ “nós elaborámos”: plural majestático = “eu elaborei”; o mesmo a seguir...

fim de recitar perante os que se tinham deslocado à festa³¹⁴ um certo discurso escrito desde há muito tempo³¹⁵. O tema do escrito era o seguinte: ‘Pitágoras impedido — por um ateniense, creio eu — de participar nos mistérios de Elêusis, por ser bárbaro, pois o próprio Pitágoras afirmava que, antes de ser quem era, fora Euforbo³¹⁶.’ Sucedida, porém, que o seu discurso, tal como o da gralha de Esopo³¹⁷, era composto de muitas ‘penas’ alheias. Pretendendo, porém, não dar a impressão de estar a recitar coisas já velhas, mas sim a improvisar aquilo que afinal estava escrito no livro, pediu a um dos seus parentes (um tal de Patras e que se ocupava principalmente de processos judiciais), depois de este lhe propor uns quantos temas de discurso, que lhe seleccionasse o de Pitágoras. O homem assim fez, e exortou a audiência a escutar o famoso discurso sobre Pitágoras.”

6. *“Na seqüência [do discurso], o fulano não foi mesmo nada convincente na sua declamação, ao pronunciar de enfiada um texto desde há muito pensado e decorado³¹⁸, apesar de a Impudência, sendo < deusa³¹⁹ >, o ter ajudado, lhe ter estendido uma mão e ter lutado a seu favor. Mas foi muita a risota entre os ouvintes: uns, dando de vez em quando uma olhadela para o tal tipo de Patras, davam a entender que não lhes passava despercebido o facto de este ter colaborado na fraude, ao passo que outros, reconhecendo*

³¹⁴ “os se tinham deslocado à festa”: o gr. *panēgūristēs* (πανηγυριστής) significa “aquele que vai (ou assiste) a uma festa solene”, chamada *panēgūris* (πανήγυρις). O port. *panegirista* não convém, pois ganhou um sentido muito diferente.

³¹⁵ “escrito desde há muito tempo”... ver-se-á, a seguir, que “... foi escrito *por outro*”.

³¹⁶ Euforbo, herói troiano (por isso, “bárbaro”), foi morto por Menelau. Faz-se aqui referência à metempsicose.

³¹⁷ Fábula “A gralha e as pombas” (nº 163 de “Belles Lettres”). A gralha branqueou as penas, a fim de se juntar às pombas e participar da sua comida. Tudo muito bem... enquanto não soltou a sua voz...

³¹⁸ Quer isto dizer que o discurso devia antes ser pronunciado mais lentamente e com algumas pausas, que dessem a impressão de naturalidade, ou seja, o homem não usou a técnica do actor, o qual, embora com o texto bem memorizado, não o pronuncia de enfiada...

³¹⁹ O texto tem aqui uma lacuna, não assinalada nos mss.; sigo a sugestão de Cobet; outra sugestão, de Headlam, acrescenta um simples prevérbio ao participio *oúsa* (οὔσα): *párousa* (πάρουσα) “(a Impudência,) estando a seu lado”. Em ambos os casos, aceita-se perfeitamente a divinização da impudência.

as próprias frases, passaram toda a audição tendo como único trabalho tentar ver, em confronto uns com os outros, o estado da sua memória no que tocava a descobrir a qual dos afamados sofistas um pouco anteriores a nós, nas chamadas ‘declamações’, pertencia cada uma das expressões”.

7. “Entre todos estes encontrava-se também o próprio autor do discurso, que fazia igualmente parte dos que riam. E como não havia ele de rir de um atrevimento tão manifesto, tão incrível e tão despuadorado? Então (sem poder conter o riso), enquanto o outro, esganiçando a voz em estilo — cuidava ele — de música, entoava uma espécie de canto fúnebre em honra de Pitágoras, este [ouvinte], tentando ver naquele — como diz a fábula — um burro a tocar lira, rebentou a rir mesmo de gosto... e esse homem era... eu próprio, o autor [do discurso]. Aí o orador virando-se [para os espectadores], viu [de quem se tratava]. Foi este incidente que os pôs em guerra, e o tal facto recente vem daí³²⁰.”

8. “Era o princípio do ano, ou melhor, o terceiro dia a contar da Grande Lua Nova³²¹, dia esse em que os Romanos, segunda antiga tradição, fazem votos por todo o [resto do] ano e celebram sacrifícios, segundo um ritual que o rei Numa lhes estabeleceu, pois estão convencidos de que os deuses, especialmente nesse dia, atendem às suas preces. Foi, portanto, nessa festa e nesse dia sagrado, que aquele que noutra ocasião tinha feito troça em Olímpia a propósito do suposto Pitágoras, vendo aproximar-se aquele abominável charlatão, declamador de discursos alheios (cujo carácter por acaso ele conhecia muito bem, tal como o seu impudor, a sua vida debochada, o que se dizia que ele costumava fazer e o que tinha sido surpreendido a fazer), disse para um dos seus amigos: ‘É tempo de fugirmos desta funesta visão, cuja

³²⁰ “o tal facto recente vem daí”: Os mss. apresentam discrepâncias, que os editores modernos tentam sanar. Sigo a lição de A. M. Harmon (“Loeb”, V, p. 382).

³²¹ A Grande Lua Nova dos Gregos correspondia às calendas romanas, ou seja, o 1º dia do mês. Em termos romanos, o dia acima mencionado era *a. d. III non. Ian.* (*ante diem tertium nonnas Ianuarias*); como, em Janeiro, as *nonae* eram no 5º dia desse mês, “três dias antas das *nonae*” significa o dia 3 de Janeiro.

aparição vai transformar este nosso dia tão agradável em [dia] *apophrás* (ἀποφράς) [“nefasto”]³²².

“Ao ouvir isto, o tal sofista pôs-se logo a rir da palavra ἀποφράς, como se ela fosse um vocábulo estrangeiro e alheio aos Gregos, e então tentou vingar-se — cuidava ele — do homem que anteriormente se tinha rido dele, e disse para toda a gente: “Αποφράς!... Que é que isto quer dizer? Será um fruto? Uma planta? Um objecto? Será Ἀποφράς alguma coisa que se coma, ou que se beba? Eu é que nunca ouvi [tal palavra], nem nunca seria capaz de entender o que ela significa.”

9. “O fulano pensava que estava a falar contra esta pessoa, aqui presente³²³, tentando suscitar uma risota geral a propósito de ἀποφράς, sem se aperceber de que estava a acarretar contra si próprio a maior prova da sua ignorância. Foi por esse motivo que aquele que escreveu este discurso nos³²⁴ mandou à frente, a fim de mostrar que este tão afamado³²⁵ sofista desconhece termos comuns a todos os gregos, que até mesmo as pessoas das oficinas e das lojas certamente conhecem.”

10. Foram estas as palavras da Refutação. Pela minha parte — pois estou pessoalmente encarregado do resto da “peça” —, seria justo divulgar, desde já e como que da trípode délfica, os teus actos, quer na tua cidade natal, quer na Palestina, quer no Egipto, quer na Fenícia, quer na Síria, e depois, sucessivamente, na Grécia e na Itália e, sobretudo, agora em Éfeso, os quais [actos] constituem o cúmulo do teu desvario, o ponto alto e o coroar do teu carácter. Na verdade, uma vez que, como diz o provérbio, “Tu, que és troiano, contrataste actores trágicos”³²⁶, já é tempo de ouvires contar os teus vícios...

³²² Como o outro não entendeu a palavra (v. a seguir), não me pareceu muito razoável traduzir logo por “nefasto” (“nefando”, infausto, “abominável”...); o termo port. *infando* talvez servisse, na suposição de que o outro não o entenderia...

³²³ O Prólogo (Refutação) refere-se, é claro, a Luciano, que irá falar a seguir.

³²⁴ “nos”, plural majestático = “me”.

³²⁵ “tão afamado”, *aoídimos* (αοίδιμος), “digno de ser cantado”, “famoso”, mas também, em mau sentido, “famigerado”; com o port, *afamado*, tentei dar as duas conotações.

³²⁶ Tantas foram as desgraças de Tróia, que se torna supérfluo representar aí tragédias.

11. ... Ou melhor, ainda não, mas falemos primeiro de *apophrás* (ἄποφράς).

Ora então diz-me cá, pela Afrodite Pública³²⁷, pelas Genetíides e por Cibebe: Porque é que te pareceu censurável e merecedor de risota o vocábulo *apophrás* (ἄποφράς)? Ou, por Zeus!, será que ele não é propriedade dos Gregos, mas irrompeu até estes, proveniente, digamos, do contacto com os Celtas, os Trácios ou os Citas, e por isso tu, que sabes tudo o que respeita aos Atenenses, logo o excluístes e o mandaste anunciar como banido do Helenismo, e é daí que vem a risota por eu barbarizar, falar estrangeiro e ultrapassar as normas áticas?

“Mas — perguntariam aqueles que sabem do assunto mais do que tu — *que outro vocábulo haverá tão nacional como este [é] para os Atenenses?*” Pois seria mais fácil demonstrares que Erecteu e Cécrope eram estrangeiros e intrusos entre os Atenenses, do que demonstrares que o termo *apophrás* (ἄποφράς) não é nativo e autóctone da Ática.

12. Na verdade, há muitas coisas a que os Atenenses dão o mesmo nome que todas as outras pessoas [da Grécia], mas aqueles são os únicos que chamam *apophrás* (ἄποφράς) [“nefasto”] a um dia impuro, abominável, de mau agouro e inútil... igual a ti... Eis, pois, que, de passagem, acabas agora mesmo de aprender o que é que, para os Atenenses, significa um dia *apophrás* (ἄποφράς) [“nefasto”]. Quando as autoridades públicas não executam as suas funções, nem são admitidos processos em tribunal, nem se celebram sacrifícios, nem se faz nenhuma transacção que requeira bom augúrio, esse é um dia *apophrás* (ἄποφράς) [“nefasto”].

13. Este costume foi instituído por diversas razões entre os diferentes povos. Uns, tendo sido vencidos em grandes batalhas, logo classificaram os dias em que sofreram essas desgraças como sendo inúteis e inválidos para actos legais; outros... Mas, por Zeus!, talvez seja inoportuno e já fora de tempo reeducar um

³²⁷ “Afrodite Pública” faz alusão à prostituição de rua; as Genetíides eram duas divindades, Genetíide, propriamente, e Colíade, em cujo templo aquele fora recebida, são divindades ligadas aos nascimentos e aos actos sexuais em geral, e identificadas com Afrodite. *Cibebe*, forma menos usual que *Cibele*, a Grande Deusa, de origem oriental, ligada aos cultos orgiásticos...

homem, um velho, e explicar-lhe essas coisas, quando ele não sabe sequer matérias prévias³²⁸. Estas ficam mesmo para o fim, e então, se as aprenderes, serás, a nossos olhos, uma pessoa instruída... Mas como, meu caro? Na verdade, é desculpável que tu desconheças outras palavras, as que estão fora da “rota batida” e são desconhecidas do vulgo, mas no que respeita a *apophrás* (ἀποφράς), não poderias, mesmo que quisesse, dizer de outra maneira, pois é uma designação única e unívoca entre todas³²⁹.

14. *“Pois seja — dirá alguém —, mas, entre as palavras antigas, umas podem ser usadas, e outras não, ou seja, as que não são familiares à maioria das pessoas, para não confundirmos quem nos ouve, nem ferirmos os ouvidos do próximo.”* Eu, porém, meu caro, talvez tenha cometido um erro, ao aplicar essa palavra a teu respeito. Na verdade, eu devia falar contigo na língua nacional dos Paflagónios, dos Capadóciolos ou dos Bactrianos, para que tu percebesse as minhas palavras e para que essas te fossem agradáveis. Julgo, porém, que à generalidade dos Gregos devemos dirigir-nos na língua grega. Além disso, ainda que os Atenenses, com o decorrer dos tempos, tivessem alterado muitas coisas no seu dialecto, este vocábulo, muito especialmente este, continuou a ser usado como sempre foi e por todos eles.

15. Eu poderia mencionar aqueles que, antes de nós, empregaram esse vocábulo, se não fosse perturbar-te com esse procedimento, ao citar nomes, para ti estranhos e desconhecidos, de poetas, oradores e historiadores... É melhor não nomear os que usaram [tal vocábulo], pois toda a gente os conhece. Mas se tu me apontares um só que seja, de entre os antigos, que não tenham utilizado esse vocábulo³³⁰, que — como sói dizer-se — te seja erigida um estátua de ouro em Olímpia. Ora, um tipo já velho, já passado da idade, que desconhece tais coisas, desconfio que também não sabe que a cidade de Atenas fica

³²⁸ Entre as matérias prévias ao estudo da História, está, naturalmente, o conhecimento da língua... e é aí que Luciano quer chegar.

³²⁹ Quer dizer que se trata de uma palavra sem qualquer sinónimo, única para o sentido de “nefasto”.

³³⁰ Luciano só não se arrisca a perder a aposta, porque... aposta na ignorância do outro.

na Ática, que Corinto fica junto do Istmo e que Esparta fica no Peloponeso.

16. Resta, talvez, dizeres que conhecias realmente a palavra, mas [apenas] censuraste o seu uso inadequado. Ora bem: também sobre este ponto vou defender-me convincentemente contra ti, e tu toma atenção, a menos que pouco te importe não perceber nada deste assunto... Então... desde muito antes do nosso tempo, os antigos já tinham lançado muitas palavras como esta contra indivíduos desse tempo, parecidos contigo, e que também eram, ao que parece, uns tipos de costumes debochados, uns fulanos abomináveis e de péssimo carácter. Então, a um chamavam *Coturno*, comparando o seu modo de vida ambíguo com este tipo de calçado³³¹; a outro [chamavam] *Truculência*, pelo facto de ser um orador muito turbulento, que perturbava as assembleias; a outro [chamavam] *o Sétimo Dia*, porque, como fazem as crianças no feriado do sétimo dia, também ele brincava, ria e fazia piadas a respeito dos assuntos sérios do Povo. Assim sendo, por Adónis!, não me permitirás, também a mim, comparar um tipo execrável, habituado a todas as maldades, a um dia de mau agiouro e de maus auspícios?

17. Nós até evitamos os coxos do pé direito, especialmente quando topamos com eles logo de manhã. E se alguém, logo ao sair de casa, vir um [sacerdote] castrado ou um eunuco³³², ou um macaco, volta imediatamente para trás e torna a entrar em casa, por conjecturar que os actos desse dia não lhe serão favoráveis, a julgar por aquele abominável e agoirento primeiro presságio. Se, no início [de qualquer coisa], ou à porta de casa, ou logo na primeira saída [à rua], ou de manhãzinha em todos os dias do ano, uma pessoa der de caras com um debochado que comete e se submete a actos inenarráveis, que é bem conhecido por esse facto, um tipo perjuro, um perdido, um miserável,

³³¹ O coturno era um calçado de origem oriental, usado na Grécia por mulheres, mas também, no teatro, indiferentemente por personagens masculinas e femininas. Faz-se, pois, alusão a indivíduos de orientação sexual dupla...

³³² V. *O Eunuco*, §8: “a condição do eunuco é pior que a dos [sacerdotes] castrados, pois estes, em determinado período, experimentaram a virilidade, ao passo que este [fulano] está mutilado logo desde o princípio e é um ser ambíguo”.

um patife, será que não o evita e não compara esse fulano a um dia *apophrás* (ἀποφράς) [“nefasto”]?

18. Mas não és tu um desses tipos? Se bem conheço o teu descaramento³³³, não negarás o facto, tu que até pareces ter muito orgulho em que a fama das tuas façanhas não desapareça, mas, pelo contrário, és por isso bem conhecido e bem badalado. No caso, porém, de contestares e negares que és uma pessoa desse género, quem acreditará em ti? Os teus concidadãos? ... Sim, é lícito começar por aqui... Mas eles conhecem [muito bem] a tua primeira educação, como te entregaste àquele miserável soldado e foste por ele corrompido e o serviste em todos os seus actos, até que ele — como sói dizer-se —, “*tendo feito de ti um farrapo todo esburacado*”, te mandou fora.

19. Eles estão, naturalmente, bem lembrados do teu papel de jovem atrevido, no teatro, ao representares juntamente com os dançarinos e pretendendo ser director de companhia. Ninguém podia entrar em cena antes de ti, nem anunciar o título da peça, mas tu, muito bem ataviado, com sandálias douradas e uma veste [digna] de tirano, eras mandado à frente, a pedir a benevolência dos espectadores, e então retiravas-te cheio de coroas e debaixo de aplausos, nesse tempo muito estimado pelas pessoas... Mas agora és um orador e um sofista, e se aquelas pessoas ouvirem essas tais coisas a teu respeito, dirão aquele passo da tragédia³³⁴, em que lhes parece “*verem dois sóis*” e “*duas Tebas*”, e virá à mente de todos o conhecido: “*Esse dos tempos de outrora, será o mesmo que agora?*”³³⁵. Por isso, farás bem em não pões lá os pés, em não te aproximares dessa gente, mas, pelo contrário, em ficares voluntariamente exilado da tua terra, que até não é “*dura no Inverno*” nem “*penosa no Verão*”³³⁶, mas a mais bela e a maior de todas as cidades da Fenícia. Na verdade, o facto de seres confrontado e conviveres com aqueles que te conhecem e ainda estão recordados dos acontecimentos de

³³³ “descaramento” tenta traduzir um sentido derivado de *andreia* (ἀνδρεία), “virilidade”, “coragem”. “ousadia”...

³³⁴ Eurípides, *Bacantes*, parte dos vv. 918 e 919, certamente citados de memória...

³³⁵ Talvez seja interessante dar o correspondente em port.: *Quem te viu e quem te vê!*

³³⁶ Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, 640, citado de memória, com a devida adaptação.

outrora, seria para ti como uma autêntica corda ao pescoço... Mas... para que estou eu aqui a divagar? Sim, de que é que tu te envergonharias? Que acção considerarias tu vergonhosa para lá dos limites? Estou também informado de que possuis lá na tua terra grandes propriedades³³⁷... aquela miserável e minúscula torre, comparado com a qual o tonel do Sinopeu³³⁸ parece o palácio de Zeus.

Nunca nem de maneira alguma poderias convencer os teus concidadãos de que não és a criatura mais debochada de todas, uma afronta comum a toda a cidade.

20. Talvez pudesses induzir os outros habitantes da Síria a votarem a teu favor, se lhes disseses que a tua vida não tem nada de perverso nem de censurável?! Por Hércules!, toda a Antioquia viu o teu procedimento, quando, tendo seduzido aquele juvenzinho que veio de Tarso... Bem... talvez seja uma vergonha para mim pôr isso a nu... Mas sabem-no e bem se lembram aqueles que, naquela ocasião, vos surpreenderam e te viram, a ti, abaixado de joelhos no chão³³⁹, e o outro a fazer... o que tu bem sabes... se não estás completamente desmemoriado...

21. As pessoas no Egipto [em geral] talvez não te conheçam, elas que, na sequência das tuas admiráveis façanhas na Síria, te receberam quando tu fugias por causa daquela coisa de que falei, [e também]³⁴⁰ perseguido pelos negociantes de roupa, de cujos estabelecimentos³⁴¹ levaste³⁴² vestes caríssimas, de que tinhas uma grande provisão. Mas Alexandria sabe não poucas

³³⁷ “grandes propriedades”, certamente por ironia, como se vê logo a seguir. O que Luciano pretende dizer é que o homem não possuía na sua terra bens que justificassem estabelecer-se lá.

³³⁸ O Sinopeu (da cidade de Sinope, na Paflagónia, Ásia Menor) é o filósofo cínico Diógenes, cuja “abitação” era um tonel.

³³⁹ “abaixado de joelhos no chão”, é a posição “de gatas”, apoiado nas mãos e nos joelhos...

³⁴⁰ “e também” não está no texto, mas é evidente que se trata de outro episódio, a seguir mencionado.

³⁴¹ “de cujos estabelecimentos” ou “dos quais (comerciantes)”, cf. *parà tou̅ patrós* (παρὰ τοῦ πατρός), “de casa do pai”...

³⁴² “levaste”, aliás, part. aor., “tendo levado”, emenda minha, *eparámenos* (ἐπαράμενος), em vez da lição dos mss., *priámenos* (πριάμενος), “tendo comprado”, que não admite a conotação “... sem pagar”, já fortemente sugerida pelo verbo que proponho... e pelo contexto: Porque é que os comerciantes haviam de persegui-lo, a não ser por... calote?

coisas a teu respeito, nem, por Zeus!, devia ser classificada em segundo lugar em relação a Antioquia, pois a tua devassidão ficou ali mais a nu, a tua falta de vergonha era mais insana, a tua fama nessa matéria era ainda maior, e procedias sempre de cara descoberta.

Houve somente um homem que acreditou em ti, quando tu negavas ter cometido qualquer desses actos, que se constituiu teu protector e que foi o teu último empregador³⁴³, um homem dos mais excelentes entre os Romanos. Permitir-me-ás, porém, que eu omita o seu nome, mesmo perante toda esta gente, que sabe a quem estou a referir-me. Entre outras coisas, no que respeita aos actos descarados por ti praticados, e que esse homem suportou, para quê falar disso? Mas quando ele te surpreendeu agarrado aos joelhos do juvenzinho Enópion, seu escanção... que é que achas? Terá ele acreditado em ti, que tu não eras dessa laia, ao ver esse trabalho? Claro que não... a menos que fosse completamente cego. Pelo contrário, manifestou logo o seu conceito [sobre a tua pessoa], expulsando-te de sua casa e celebrando, como sói dizer-se, um ritual purificador, após a tua saída.

22. Também a Acaia³⁴⁴ e toda a Itália está cheia das tuas “obras” e da tua reputação daí resultante. Que essa fama te faça bom proveito! Assim, àqueles que, actualmente, em Éfeso, se espantam com os actos por ti praticados, eu, pela minha parte, digo o seguinte, que é a coisa mais verdadeira, ou seja, que eles não se espantariam, se conhecessem as tuas primeiras façanhas. Todavia, também aprendeste nesta terra algo de novo, que tem que ver com mulheres.

23. Então não assentaria que nem uma luva³⁴⁵ chamar a um tal fulano *apophrás* (ἀποφράς) [“nefasto”]? Mas, por Zeus!, porque é que ainda te atreverias a beijar-nos na boca, depois desses teus actos? Pois é esse o acto mais ultrajante que tu cometes, especialmente em relação àqueles que menos o mereceriam,

³⁴³ Não deve tratar-se da relação entre senhor e *cliente*, mas sim entre patrão e assalariado, este, talvez, mestre de primeiras letras do(s) filho(s) do senhor, como se lê no §25 (aliás, não necessariamente comprovativo).

³⁴⁴ “Acaia” era a designação da província romana que compreendia a Grécia (sem a Macedónia).

³⁴⁵ “que nem uma luva”: o gr. joga com a imagem de “(assentar) que nem um sapato”

[ou seja,] os teus discípulos³⁴⁶, aos quais já bastava, só por si, “gozar”³⁴⁷ com os erros da tua boca, o carácter bárbaro das tuas palavras, a aspereza da tua voz, o atabalhoamento [das palavras], a desordem [das ideias], o seu aspecto completamente dissonante, e coisas do género. Beijar-te depois de tudo isto, que tal não aconteça, ó [deus] preservador de desgraças! Melhor seria beijar uma áspide ou uma víbora! Neste caso, o perigo seria a mordedura e a dor, mas chamando-se o médico, este acalmaria [a dor]. No caso do teu beijo, porém, e do veneno dele proveniente, quem poderia chegar próximo dos santuários ou dos altares?³⁴⁸ Que divindade ainda atenderia ao suplicante? Quantos vasos de água lustral... quantos rios seriam precisos?

24. E és tu, uma pessoa dessa laia, que troçavas das palavras e das frases dos outros, quando tu próprio cometes tais e tão grandes proezas?! Eu cá³⁴⁹, se não conhecesse a palavra *apophrás* (ἀποφράς) [“nefasto”], teria antes ficado envergonhado, mas de facto, disse-a e não poderia negar [que a disse]. Mas nenhum de nós te censurou por dizeres³⁵⁰ *brōmolōgos* (βρωμολόγος)³⁵¹ [“que diz palavras fétidas”], ou *tropomásthlētes* (τροπομάσθλητες) [“homens sem carácter”³⁵²], ou *rhēsimetreîn* (ῥησιμετρεῖν) [“medir o tempo do discurso”], ou *athēniō* (ἄθηνιῶ) [“ter ganas de visitar Atenas”], ou *anthokrateîn* (ἀνθοκρατεῖν) [“ser rainha das flores”], ou *sphēndikízein* (σφενδικίζειν) [“atingir

³⁴⁶ “discípulos”... ou “ouvintes”...

³⁴⁷ “gozar”, gr. *apolaúein* (ἀπολαύειν) pode ter, como aqui (e em port.), o sentido irónico de “fazer pouco de”, “troçar de”.

³⁴⁸ Poderá entender-se que a pestilência causada pelo beijo envenenado impediria a vítima de aceder aos santuários e aos altares (?). Ou então, “de que valeria uma pessoa procurar [socorro] nos santuários ou nos altares?”.

³⁴⁹ “Eu cá”, gr. (simplesmente) *egō* (ἐγώ), ou seja, ao contrário da tua pessoa...

³⁵⁰ Seguem-se vocábulos que só ocorrem aqui (excepto *rhēsimetreîn*, que ocorre também em *Lexifanes*, §9. Trata-se, pois, de neologismos inventados pelo “pseudologista”, de gosto mais ou menos duvidoso.

³⁵¹ O vocábulo *brōmolōgos* (βρωμολόγος), qq parece só ocorrer aqui, mas que era imediatamente inteligível, e até nem é censurável do ponto de vista da formação, também deveria sugerir, pela proximidade fónica, *bōmolōgos* (βωμολόγος), “ladrão de altares” (e aqui, também de discursos alheios, cf. §§5-7, 25), ou, fig., “charlatão”.

³⁵² Sentido discutível; outras interpretações: “dignos do chicote”; “dissimulados”...

com uma funda³⁵³], ou *kheiroblimâsthai* (χειροβλιμᾶσθαι) [“apalpar com a mão”]. Que o facundo Hermes te esmague miseravelmente, meu miserável, a ti mais às tuas palavras. Sim, em que livros é que as encontras? Talvez sepultadas algures num cantinho das lamúrias de algum poeta, cobertas de bolor e teias de aranha, ou então tiradas dos *Poemetos* de Filénis³⁵⁴, que tens sempre à mão. Realmente, essas palavras são dignas de ti e da tua boca.

25. E já que mencionei a boca, que dirias tu, se a tua língua te citasse em tribunal — suponhamos que assim acontecia —, acusando-te de acto criminoso ou³⁵⁵, no mínimo, de injúria, e dissesse: *“Fui eu, meu ingrato, quem, pegando em ti, pobre e carente e desprovido de meios de subsistência, fiz, em primeiro lugar, que tu fosses bem recebido nos teatros, pondo-te a representar ora Nino³⁵⁶, ora Metíoco³⁵⁷, ora, passado pouco tempo, Aquiles³⁵⁸. Depois desta fase, sustentei-te durante um longo tempo, ensinando-te a pôr meninos a soletrar. E agora, fiz com que tu, ao recitares os discursos alheios, passasses por um sofista, e conferi-te, assim, uma glória que de maneira nenhuma mereces. Portanto, que razão de queixa tens tu contra mim, para me tratares deste modo e me ordenares que execute actos dos mais vergonhosos e serviços abomináveis? Não me bastavam já as tarefas [que cumpro] durante o dia, ou seja, mentir, jurar falso e deitar cá para fora tantas sandices e tantas patéticas, ou melhor, vomitar a porcaria das tuas palavras, mas nem sequer durante a noite me deixas ter, desgraçada de mim, algum descanso: pelo contrário, eu, que sou só uma, sirvo-te para tudo, sou vilipendiada e conspurcada,*

³⁵³ O verbo assim inventado pretende ser sinónimo de *sphendonizein*.

³⁵⁴ Parece tratar-se de uma colecção de poemas ou epigramas eróticos, ao que parece de fraca qualidade, mas de certa divulgação entre poetas e intelectuais de segunda categoria (?).

³⁵⁵ “ou”: sigo os mss., ἢ, pois não vejo motivo que justifique emendar para καὶ “e”. Trata-se, sim, de um a acusação em alternativo: ou por crime “concreto”, ou (menos grave) por simples ofensa verbal.

³⁵⁶ Nino, fundador mítico da cidade de Nínive, casou com Semíramis, que lhe sucedeu depois da sua morte. Trata-se de mitologia asiática, dirigida a um público asiático, como on exemplo seguinte.

³⁵⁷ Metíoco, jovem frígio, apaixonado por Parténope. Esta, porém, fizera voto de castidade, acabando por ir para a Campânia (Nápoles), onde se consagrou a Dioniso.

³⁵⁸ Como se vê, o actor vai subindo de acordo com o prestígio das personagens que assume.

decidiste fazer de mim uma mão, em vez de língua, que tu insultas como se fosse de outra pessoa e inundas de todos os vícios. A minha função consiste somente em falar; quanto a “fazer” e “deixar fazer”³⁵⁹ esses tais actos, é coisa que está cometida a outros órgãos. Antes quisera que alguém me cortasse, como a de Filomela.³⁶⁰ Mais felizes são, pois, em meu entender, as línguas daqueles que comeram os próprios filhos.”

26. Pelos deuses!, se a tua língua dissesse estas palavras, ganhando voz própria e invocando como sua testemunha a tua barba, que resposta lhe darias? Sem dúvida aquela que recentemente deste a Glauco, quando este te censurou por um acto acabado de praticar, ou seja, que foi por esses mesmos actos que te tornaste, em pouco tempo, famoso e conhecido de toda a gente, e [retorquiste] como poderias tornar-te assim tão célebre [só] à conta dos discursos?... e ainda, que era muito apetecível um homem tornar-se, fosse por que meio fosse, glorioso e ilustre. A seguir, enumerar-lhe-ias as tuas muitas alcunhas, todas quantas tinhas recebido por essas nações. Por isso, muito me admiro de que tenhas ficado tão indignado ao ouvir [a palavra] *apophrás* (ἀποφράς) [“nefasto”], mas que não fiques irritado com as outras alcunhas.

27. Na Síria, eras apelidado de *Loureiro-Rosa*³⁶¹, por uma razão, que eu, por Atena!, me envergonho de contar, pelo que,

³⁵⁹ “fazer e deixar fazer” (“fazer e suportar”), *poiēin kai páskhein* (ποιεῖν καὶ πᾶσχειν) tem sentido sexual, *activo* e *passivo*.

³⁶⁰ Filomela era filha de Pandión, rei de Atenas, e irmã de Procne. O marido desta, Tereu (em história longa de contar...), violou a cunhada, e então, para que esta não o denunciasse, cortou-lhe a língua, o que não impediu Filomela de narrar, num bordado, este episódio. Procne vingou-se do violador, dando-lhe a comer Ítis, filho de Procne e do seu marido. Este, ao descobrir o caso, perseguiu as duas irmãs, que suplicaram o socorro divino. Os deuses transformaram Procne em rouxinol e Filomela em andorinha, e o próprio Tereu foi transformado em poupa...

³⁶¹ *Loureiro-rosa, aloendro, loendro, rododendro, cevadilha*, arbusto do qual Luciano dia (*Lúcio* ou *O Burro*, §17): “... quanto às rosas, porém, não eram rosas autênticas, mas daquelas que nascem do loureiro selvagem; as pessoas é que lhes chamam “rosas de loureiro”, *aliás um funesto alimento para tudo o que é burro ou cavalo: segundo se diz, quem as comer morre imediatamente.*” Vê-se que o fulano era mesmo “venenoso”, mas deve haver aqui uma conotação sexual que Luciano prefere não explicitar. Quanto à “equivocalência” em port., v. nota *infra*.

no que me toca, deve ficar omitida. Na Palestina, [eras chamado] *Silveira*³⁶², devido, creio eu, às “espinhas” da tua barba, que por vezes começava a picar, pois ainda te barbeavas. No Egipto, [chamavam-te] *Angina*, de sentido evidente³⁶³. De facto, pouco faltou, segundo se diz, para ficares asfiziado, quando te ofereceste a um marinheiro, desses dos navios de três velas³⁶⁴, o qual irrompeu contra ti e te atafulhou a boca. Quanto aos bons dos Atenenses, homenagearam-te, pondo-te o nome, nada enigmático, mas, com o acrescento de uma única letra, de *A...timarco*³⁶⁵. Realmente, convinha que tu tivesses alguma coisa a mais em relação àquela personagem... Na Itália, oh!, foste alcunhado com aquele nome heróico, o de *Ciclope*, pelo facto de uma vez teres decidido representar a personagem, com a sua impudência, com a indumentária antiga³⁶⁶ e segundo o episódio de Homero³⁶⁷. Então tu, deitado no chão e já embriagado, com uma escudela³⁶⁸ na mão, imitavas a lubricidade de Polifemo, enquanto um jovem por ti contratado, com um tronco em riste, muito afiado, avançava contra ti, fazendo de Ulisses, a fim de te vaziar o olho:

Errou, porém, o alvo, || e a lança se desviou;

³⁶² *Silveira* ou *sebe de Espinhos*. Como no caso *supra*, dei a preferência a um nome que tem alguma correspondência am port., aqui, naturalmente, sem essa conotação etimológica.

³⁶³ “de sentido evidente”, alusão a varias formas de sexo oral, p. ex., v. §21... mas mais explicitamente logo a seguir...

³⁶⁴ Nomeadament a vela principal requeria muita força para ser içada. Sugere-se que os tripulantes destes navios eram uns matulões “respeitáveis”, de físico e de... sexo...

³⁶⁵ Este passo levou alguns a concluir que a personagem se chamava *Timarco*, e que o fulano era homónimo do famoso Timarco contra quem Ésquines pronuncia um discurso, em que alude à vida dissoluta desse seu inimigo. A associação ao Timarco de Ésquines é inevitável, mas Luciano terá pretendido transformar o nome que etimologicamente (e enganadamente!) significa “chefe dos honrados”, em “chefe dos desonrados”, “rei dos infames”. Em port., poderíamos jogar com a oposição, p. ex., entre *Honorato* e... **Des...(H)onorato* (?)... mas, além do mais, o acrescento não é de uma só letra...

³⁶⁶ “com a indumentária antiga”... do Ciclope, nu ou quase nu...

³⁶⁷ Aqui convinha ler o célebre canto IX da *Odisseia*, em que a brutalidade de Polifemo está magnificamente descrita. Imagina-se como seria a representação feita por este actor...

³⁶⁸ Tratava-se, é claro, de uma enorme malga, naturalmente de madeira, a condizer com a estatura do gigante.

*sua ponta se escapou || direita à base do queixo.*³⁶⁹

Na verdade, não vem mesmo nada fora de propósito que eu, falando da tua pessoa, faça uma piada nua e crua³⁷⁰: É que tu, o Ciclope, escancarando a boca e abrindo-a ao máximo de par em par, deixavas que o outro te “cegasse” a... queixada, ou melhor, qual Caríbdis, procuravas engolir... *Útis* (Οὔτις) [*Ninguém*]³⁷¹ todo inteiro, juntamente com os marinheiros, o leme e as velas, tudo isso sob os olhares dos espectadores. No dia seguinte, davas como única justificação a bebedeira, atiravas as culpas para cima do vinho.

28. Será que tu, enriquecido por tantas e tais alcunhas, agora te envergonhas da [alcunha] *apophrás* (ἀποφράς) [“nefasto”]? Pelos deuses!, diz-me cá o que é que sentes, quando a generalidade das pessoas te acusa de *lesbiázein* (λεσβιάζειν)³⁷² e *phoinikízein* (φοινικίζειν)? Será que, à semelhança de *apophrás* (ἀποφράς) [“nefasto”], também desconheces estes dois e cuidas, talvez, que estás a ser elogiado com eles? Ou será que, devido às tuas relações, os conheces [muito bem], e só desdenhas de *apophrás* (ἀποφράς), por te ser desconhecido, e por isso o exclusas da lista de palavras? Então sofres um castigo nada imerecido, pois és muito falado até nos gineceus. Sim, ainda recentemente, em Cízico, quando te atreveste a procurar casamento, a tal excelente mulher, uma vez bem informada de tudo [a teu respeito], disse: “*Nunca aceitaria um marido que precisasse, ele também, de um marido!*”

29. E é em tal estado [de ignorância], que tu te preocupas com palavras, e troças e humilhas os outros?! Mas tens razão, pois

³⁶⁹ O primeiro verso é tirado de dois versos da *Iliada* (XIII, 605 e XI, 233); o segundo reproduz V, 293, todos num contexto de luta entre guerreiros, aqui tomados metaforicamente e aproveitados para um ataque muitíssimo maldoso (v. a seguir).

³⁷⁰ “fazer uma piada nua e crua” é uma interpretação talvez demasiado extensa de *psükhrologeîn* (ψυχρολογεῖν), lit.^{te} “falar friamente”.

³⁷¹ “*Útis* (Οὔτις) [*Ninguém*]” foi como Ulisses, manhosamente, disse que se chamava... Faz lembrar o *Todo o Mundo e Ninguém* de Gil Vicente...

³⁷² “*lesbicizar*”: “ter o vício lésbico”; “*fenicizar*”: “ter o vício fenício”. “Ter o vício lésbico”, aplicado a homens, deve referir-se, naturalmente, à homossexualidade masculina (cf. Aristófanes, *Vespas*, 1346). Quanto a *phoinikízein* (φοινικίζειν), sugiro que se trate do sexo oral (aqui praticado por homens).

nem todos nós podemos falar do mesmo modo que tu. Como assim? Quem seria tão grandiloquente num seu discurso, que pedisse, em vez de uma *espada*, um *tridente*, para [matar] três adúlteros³⁷³. Ou que, ao apreciar Teopompo no livro *Trikáranos* (Τρικάρανος) [“O (Homem de) Três Cabeças”], dissesse que este, com um discurso *de tripla farpa*³⁷⁴, tinha destruído cidades ilustres? Ou que o mesmo [homem de três cabeças] tinha *tridentado*³⁷⁵ a Grécia e era um Cérbero nos seus discursos? Outro dia, acendeste uma candeia, para procurar, creio eu, um certo “irmão”³⁷⁶ desaparecido. E muitas outras coisas, que não vale a pena mencionar, a não ser aquela que recordam os que a ouviram: Um certo ricaço, ao que parece, e dois pobres eram inimigos. Ora, referindo-te ao rico, tu disseste: “*Ele matou tháteron tôn penétōn*” (θάτερον τῶν πενήτων), “*uma das duas (coisas) pobres*”³⁷⁷. Como os presentes, naturalmente, desatassem a rir, tu, tentando corrigir e alterar o erro, disseste: “*Ou mèn oún... allà háteron autōn apékteinēn*” (Ὁὐ μὲν οὖν... ἀλλὰ ἄτερον αὐτῶν ἀπέκτεινεν), “*Não, não é assim... mas ele matou o [nominativo!!!] outro [acusativo!!!]*”. E deixo de parte os arcaísmos, como *triōn mēnoîn* (τριῶν μηνοῖν),

³⁷³ Enfim, não deixa de revelar uma certa imaginação a ideia de matar três adúlteros com um só golpe de *tridente*.

³⁷⁴ O adj. *triglōkhis* (τριγλώχης), “*de tripla farpa*”, “*de tripla ponta*”, aplica-se a uma flecha, cf. *Iliada*, V, 393, XI, 507... O termo, aplicado a um discurso, não deixa de ser, pelo menos, ousado.

³⁷⁵ *Tridentar*, gr. *triainōō* (τριαινόω), em sentido figurado, muito forçado. A comparação com o cão tricéfalo, Cérbero, vem no mesmo sentido...

³⁷⁶ O gr. *adelphós* (ἀδελφός) não admite grandes divagações semânticas. Podemos admitir que o homem queria dizer outra coisa, p. ex. (com todos os riscos!), acusat. *délphaka* (δέλφακα) “bacorinho”.

³⁷⁷ Surge aqui um insolúvel problema de tradução: Em vez de (acusat. *masc.*) *tôn héteron* (τὸν ἕτερον) “um dos dois”, diz (acusat. *neutro*) *tháteron* (θάτερον), át. = *tò héteron* (τὸ ἕτερον) “uma de duas coisas”. Perante a risota dos ouvintes, tenta emendar para *háteron* (ἄτερον), que pretende ser (mas não pode!) át. = *ho héteron* (ὁ ἕτερον), em que o art. *nominat. masc.* se liga ao *acusat. masc.* Quer dizer: a forma ἄτερον é impossível! Foi pior a emenda que o o soneto! Naturalmente, não há tradução possível, pois todas elas requerem uma nota explicativa... própria de uma aula...

“de três... dois meses”³⁷⁸, ou *anēmēmia* (ἀνημεμία)³⁷⁹, “falta de vento”, “tempo sereno”, ou *pétamai* (πέταμαι)³⁸⁰, “voar”, ou *ekkhúnein* (ἐκχύνειν)³⁸¹ “verter”, “despejar”, e outras belezas que florescem nos teus discursos.

30. O que tu fazes impellido pela miséria, ó propícia Adrasteia³⁸²!, eu não o censuraria a ninguém, pois tais actos são desculpáveis, [por exemplo,] se alguém, pressionado pela fome, recebeu de um seu concidadão dinheiro a guardar, e depois jura que não o recebeu, ou se descaradamente reclama, ou melhor, volta a reclamar [o que já recebeu], ou rouba roupa, ou se pratica a agiotagem. Não, não me refiro a esses casos. Realmente, não é de modo nenhum odioso que uma pessoa se defenda da miséria por todos os meios. O que já não se admite é que tu, pobre como és, gastes somente em prazeres aquilo que te advém da tua impudência. Permitir-me-ás, no entanto, que te elogie num caso, que foi muito manhosamente executado por ti, quando tu falsificaste³⁸³ conscientemente, qual obra de um outro Córax³⁸⁴, a *Arte [Retórica]* de Tísias, com a qual sacaste trinta estateres³⁸⁵ de ouro àquele velho estúpido, que,

³⁷⁸ Autêntico barbarismo, pois o dual só pode usar-se com o numeral *dois* ou alusão a duas coisas. Como não temos o dual, poderíamos exemplificar (não traduzir!) com “*de um... meseῖς*”, em que forçamos o singular a jogar com o plural! O erro resulta, em parte, do facto de o dual já ter caído em desuso...

³⁷⁹ Forma rara, por *nēmēmia* (νημεμία).

³⁸⁰ Raro e poético, por *pétomai* (πέτομαι).

³⁸¹ Raro e tardio, por *ekkhēin* (ἐκχεῖν).

³⁸² Adrasteia é epíteto de Némesis, deusa justiceira, que castiga o orgulho desmedido, precipitando os soberbos na mais baixa condição. A sua invocação, neste passo, constitui uma prece do próprio Luciano, para que a deusa não lance na miséria...

³⁸³ “falsificaste”, ou “contrafizeste”, ou seja, o homem não fez obra própria, mas apresentou o exemplar da *Arte* de Tísias como se fosse autógrafa, donde o seu valor elevado.

³⁸⁴ Córax de Siracusa (séc. V a.C.) foi o fundador da Retórica; o seu discípulo Tísias compôs, com base na obra e aulas do mestre, uma *Arte Retórica*, que, portanto, não era obra original. Uns mss. dizem, neste passo (genit.) *diskórakos* (δισκόρακος) “duas vezes Córax” (ou *kórax*, “corvo”... “ladrão”); outros têm *duskórakos* (δυσκόρακος) “maldito Córax”. É claro que em grego são perceptíveis os dois sentidos... especialmente o de “corvo-ladrão”.

³⁸⁵ O estáter de ouro (aliás raro) valia 20 dracmas em Atenas, mas a equivalência variava segundo ligares e épocas; a transacção terá sido feita

iludido pela menção de Tísias, te pagou pelo livro setecentas e cinquenta dracmas.

31. Embora tenha ainda muita coisa para dizer, deixo tudo isso de parte, mas somente acrescento um conselho: Continua a agir da maneira que mais te agrada e não deixes de dizer essas asneiras [que se voltam] contra ti, mas, quanto a *essa outra coisa*³⁸⁶, deixa-te disso. Na verdade, não seria decente convidar para nossa casa os que se comportam desse modo, nem beber à sua saúde, nem partilhar com eles os mesmos alimentos, nem, depois das leituras públicas, admitir essa coisa dos beijos, especialmente no caso daqueles que desde há longo tempo tornaram a tua boca... *apophráda* (ἀποφράδα)³⁸⁷ [“nefasta”]. E uma vez que comecei por te dar um conselho amigo, lá vai mais um: Por favor, deixa de besuntar os teus cabelos grisalhos com óleo perfumado, e deixa de depilar com resina³⁸⁸ somente “aquelas partes”. Se uma certa e determinada³⁸⁹ doença te aflige, há que cuidar de todo o corpo, mas se não tens uma doença desse tipo, para que queres tornar limpas, lisas e macias aquelas partes que não devem ser vistas? Numa só coisa és atilado, nos cabelos grisalhos³⁹⁰ e no facto de não os tingires de negro, a fim de constituírem uma capa da tua devassidão. Por Zeus!, conserva-os nesse estado, e, principalmente os [pelos] da barba, não os conspurques nem os ofendas ainda mais, a

em dracmas, mas parece que o velhote foi enganado no “câmbio”, fazendo 1 estáter = 25 dracmas.

³⁸⁶ De modo lapidar, Luciano refere os dois aspectos que têm sido matéria de crítica ao seu inimigo: as asneiras linguísticas (que dão o título à obra) e o comportamento moral (não anunciado no título).

³⁸⁷ ἀποφράδα, em acusativo (nome pred. do compl. dir.); o adj. *apophrás* (ἀποφράς) usa-se sobretudo a nomes femininos (esp.^{te} *hêméra*, ἡμέρα “dia”), mas aqui está no neutro, e a seguir, §32, no masculino.

³⁸⁸ A depilação era feita por meio de um emplastro de cera ou de resina de pinheiro, que, ao ser arrancado, trazia consigo os pelos... neste caso públicos... e adjacentes...

³⁸⁹ Julgo que Luciano se refere a um ataque parasitário, ou doença de pele (sarna?), que se espalham por todo o corpo; por isso traduzo *tis* (τις) por “uma certa (e determinada)”, e não por “alguma”, “uma qualquer”, que na maior parte dos casos só requer tratamento local, e não de todo o corpo.

³⁹⁰ “cabelos grisalhos”, gr. *poliai* (subent. *trikhēs*), mas, logo a seguir, com a mesma palavra (subentendida), faz-se referência aos *pelos* da barba.

não ser de noite e na escuridão, pois à luz do dia... isso não!, é absolutamente selvagem e animalesco.

32. Estás a ver como seria melhor deixar o lago de Camarina³⁹¹ sossegado e não trocar da palavra *apophrás* (ἀποφράς) [“nefasto”], que irá tornar toda a tua vida *apophráda* (ἀποφράδα) [“nefasta”]?... Ou falta ainda qualquer coisa? Pelo menos na parte que me toca, nunca te faltará mesmo nada, pois ainda não sabes como despejaste sobre ti toda a carroça³⁹², quando devias antes, finório e raposão³⁹³ como és, encolher-te de medo, assim que um homem peludo e — na expressão antiga — de “negras nalgas” te fixasse com expressão dura. É possível que agora mesmo te rias, ao ouvir estas palavras, *paipálē* (παιπάλη), “finório”, e *kínados* (κίναδος), “raposão”³⁹⁴, como (dois) enigmas e (duas) charadas, uma vez que tais vocábulos são desconhecidos das tuas obras³⁹⁵. Então, é uma boa oportunidade para as “acusares”... se é que o vocábulo *apophrás* (ἀποφράς) [“nefasto”] não te pagou já em triplo ou em quádruplo. Realmente, como

³⁹¹ Camarina, cidade da Sicília e respectivo lago, o qual exalava vapores pestilentos. Os habitantes da cidade, querendo escoar as águas do lago, foram primeiro consultar o oráculo de Apolo, que lhes respondeu: *Mé kineîn Kamarínan* (Μὴ κινεῖν Καμαρίναν) “Não mexer no [lago de] Camarina”. A população não fez caso do aviso, e daí resultaram foram graves doenças. A expressão passou a provérbio, algo como “*Não agitar águas turvas*”, ou, com alcance geral, “*Não mexer no assunto*”, “*Não mexer na porcaria*”, ou outras formulações mais “cruas”... Neste caso, aplica-se ao facto de o homem ter censurado Luciano, com o que provocou a sua ira, que o levou a escrever um discurso particularmente cruel.

³⁹² Imagem sugestiva da carroça que despeja a carga, inclinando-se para trás e deixando escorregar de uma vez e com força a dita carga.

³⁹³ “finório e raposão”, gr. *paipálē kai kínados* (παιπάλη καὶ κίναδος), vocábulos que Luciano supõe que o outro não conheceria. O primeiro significa “flor de farinha”, fig.^{ic} “tipo esperto”, e o segundo tem mais ou menos o mesmo significado. A lição de quase todos os mss. no que respeita ao segundo, *kínaidos* (κίναιδος) “devasso”, não se ajusta à ideia de *palavra rara*. Mesmo os sentidos de “finório” e “raposão” são inadequados ao contexto, em que se diz, a seguir, que estas (duas) palavras são “desconhecidas das tuas obras” / ou “... actividades”, *tôn sôn érgōn* (τῶν σῶν ἔργων).

³⁹⁴ “finório”... “raposão”: Haveria que traduzir por palavras muito raras em port., pois Luciano termina com exemplos de vocábulos que supõe serem desconhecidas do seu inimigo. Talvez “flor de farinha” e “zorro”...

³⁹⁵ V. *supra*, nota a “finório e raposão”.

costumava dizer o bom do Eurípides, “*das bocas desenfreadas, da insânia e da falta de lei, o fim é a desgraça*”³⁹⁶.

³⁹⁶ Luciano cita, provavelmente de memória e com alterações de forma (que não de sentido), que resultam em prosa, Eurípides, *Bacantes*, 385-387: Ἀχαλίνων στομάτων / ἀνέμου τ' ἀφροσύνης / τὸ τέλος δυστυχία: (*akhalínōn stomátōn / anémou t' aphrosúnēs / tò télos düstükhía*): “das bocas desenfreadas / e da insânia sem lei / o final é a desgraça”.

ASSEMBLEIA DOS DEUSES

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

A mitologia e a religião dos Gregos (também dos Romanos...) sempre foram muito vulneráveis a influências estranhas. De facto, os Gregos não negavam a existência dos deuses de outros povos, pois consideravam que cada povo tinha os seus, e, quando dois povos entravam em conflito um com o outro, os respectivos deuses, *lá em cima*, que se aviessem. Também Roma acolheu uma quantidade impressionante de deuses estranhos à mitologia indo-europeia. Enfim, a ideia do deus *único verdadeiro*, sendo todos os outros *inexistentes*, tem a sua raiz no Cristianismo.

Nestas condições, verifica-se, à sombra do expansionismo romano, uma mistura de de religiões que abrange todo o Império, de Leste a Oeste (mais do que de Oeste a Leste!), a ponto de impressionar certos espíritos mais clarividentes, como é o caso de Luciano, que imagina um “quadro” como que anexo aos seus *Diálogos dos Deuses*, em que, numa Assembleia olímpica, vai tratar-se do escândalo que resulta do facto de “*muitos tomarem lugar no nosso banquete, sem o merecerem*”.

Dada por Zeus a palavra a quem dela quiser usar, logo se ergue o deus Momo, que ocupa toda a sessão com a análise do problema, em que o próprio Zeus tem grandes culpas no “cartório”, ao gerar bastardos em quantidade impressionante. Mesmo as deusas não estão livres de censura, ao enamorarem-se de jovens humanos... Enfim, Momo acaba por ler uma proposta de resolução (ou de decreto), pela qual se põe termo ao abuso, obrigando os pretensos deuses a apresentar certificado de origem.

Esta *Assembleia dos Deuses* pode não passar de uma brincadeira luciânica, mas, como muitas das leves “piadas” de Luciano, tem a sua parte de seriedade. Nitidamente, Luciano, ao criticar a religião e a mitologia gregas de absorver tudo quanto é divindade, integra-se, paradoxalmente, ou talvez não, nas ideias cépticas e ateias, as quais, à multidão de entidades divinas, contrapõem, pura e simplesmente, a *inexistência* de deuses. Acabamos por compreender o monoteísmo cristão, o qual, pelo menos, punha ordem no... Universo, mas gerando outra contradição: o da religião única e verdadeira, base única de salvação, contraposta a todas as outras, que *condenam* toda a gente à penas infernais.

(Página deixada propositadamente em branco)

ASSEMBLEIA DOS DEUSES

1. ZEUS — Deixai de murmurar, ó deuses, e de vos juntardes pelos cantos falando ao ouvido uns dos outros, escandalizados com o facto de muitos tomarem lugar no nosso banquete, sem o merecerem. E já que foi convocada uma assembleia para tratar desse assunto, que cada um emita abertamente a sua opinião e proceda à acusação. E tu, Hermes, faz a proclamação, segundo a lei.

HERMES — Escutai! Silêncio! Quem é que, de entre os deuses de pleno direito³⁹⁷, aos quais isso é permitido, pretende usar da palavra? A decisão [a tomar] é sobre os metecos³⁹⁸ e os estrangeiros.

MOMO — Eu, Momo, ó Zeus, se é que me permites usar da palavra.

ZEUS — A proclamação já o permite, pelo que não necessitas nada da minha autorização.

2. MOMO — Nesse caso, afirmo que alguns de nós se comportam muito mal, pois não lhes basta terem passado de humanos a deuses, mas ainda por cima, se não fizerem do seu séquito e dos seus criados personalidades iguais a nós, já cuidam que não fizeram nada de grandioso e ousado. Solicito, pois, ó Zeus, que me permitas que fale com toda a franqueza. Realmente, não poderia fazê-lo de outra maneira, pois todos sabem como eu sou solto de linguagem, não sendo capaz de calar seja o que for que não esteja certo. Sim, ponho tudo isso a nu e digo publicamente o que me parece, sem temer seja quem for e sem esconder, por vergonha, a minha opinião, de tal modo, que, para muita gente, apareço como um tipo insuportável e maldizente por natureza, e por eles cognominado de “acusador público”. Pois então, já que isso me é permitido

³⁹⁷ “deuses de pleno direito”, adaptação da fórmula usada nas assembleias humanas: “cidadãos de pleno direito”.

³⁹⁸ Os metecos eram estrangeiros residentes em Atenas, e que, mediante o pagamento de 1/6 dos seus rendimentos, gozava de certos direitos cívicos; a seguir fala-se de “estrangeiros”, que, ou seja, indivíduos que estão de passagem por um certo tempo (seis meses?), após o qual ou saem da cidade, ou se inscrevem como metecos.

e foi proclamado, e já que tu, ó Zeus, também me permites falar à minha vontade, vou falar, sem omitir seja o que for.

3. Realmente — afirmo eu —, muitos, não contentes com o facto de participarem connosco das nossas assembleias e de se banquetear em pé de igualdade connosco — e isso apesar de serem semimortais³⁹⁹ —, ainda por cima trouxeram cá para o céu os seus criados e os da sua *confraria*⁴⁰⁰, e aqui os registaram fraudulentamente, e agora recebem as distribuições [de alimentos] em pé de igualdade connosco participam também nos sacrifícios, sem nos terem pago a taxa de residência⁴⁰¹.

ZEUS — Nada de enigmas, ó Momo! Fala com clareza e em termos precisos, especificando também os seus nomes, pois até agora o teu discurso tem sido dirigido assim para o meio da multidão, de tal modo, que as tuas palavras retratam muitos, aplicando-se ora a uns, ora a outros. Mas o que é preciso é que tu, franco como és, fales sem a menor hesitação.

4. MOMO — Ainda bem, ó Zeus, que me incitas à franqueza. De facto, procedes mesmo como um rei, verdadeiramente magnânimo, pelo que vou dizer os seus nomes. Por exemplo, aqui este valentíssimo Dioniso, meio-homem como é, nem sequer grego por parte da mãe, neto de um certo mercador sírio-fenício chamado Cadmo, e que mesmo assim foi galardoado com a imortalidade... enfim, não falo propriamente da sua pessoa, nem da mitra [que ele usa], nem da embriaguez, nem da maneira de andar, pois todos, julgo eu, vêem como ele é, de sua natureza, amaricado e efeminado, meio louco, tresandando a vinho logo desde manhã. Este tipo introduziu entre nós toda uma tribo, arrasta consigo um coro, que ele dirige, e além disso transformou em deuses o Pã, o Sileno e os Sátiros, uns rudes campónios, quase todos eles cabreiros,

³⁹⁹ “semimortais”: o gr. diz “mortais por metade”, *thnētoi ex hēmiseias* (θνητοὶ ἐξ ἡμισείας), “mortais por metade”; o gr. tem o composto *hēmithnētos* (ἡμίθνητος), mas também *hēmitheos* (ἡμίθεος), “semideus”. Momo (Luciano!), porém, prefere, em vez da metade *divina*, acentuar a metade *humana*, e mesmo assim numa expressão analítica, nitidamente *mais forte*.

⁴⁰⁰ O gr. diz (acusat.) *thiasōtas* (θιασώτας), “membros de um *thiasos* (θίασος), “grupo de celebrantes rituais” (especialmente acompanhantes de Dioniso”. Aqui, Momo quereria dizer algo como o nosso “tropa fandanga”...

⁴⁰¹ A “taxa de residência”, *metoikion* (μετοίκιον), 12 dracmas pagas pelos *metoikoi* (μέτοικοι) “metecos”.

uns saltimbancos de aspecto físico muito estranho. Um deles tem cornos, parece uma cabra na parte inferior [do corpo], tem uma barba espessa, pouco diferindo de um bode; outro é um velho calvo, de nariz achatado, e que anda a maior parte das vezes montado num burro... é da Lídia; quanto aos Sátiros, têm orelhas espetadas, também são calvos e cornudos, semelhantes ao cabritos recém-nascidos, de cornos a despontar... estes são da Frígia. Todos eles têm caudas. Estais a ver que espécie de deuses é que este tipo nos traz?

6. ZEUS — Ó Momo, não me fales de Asclépio⁴⁰² nem de Hércules., pois estou a ver aonde vais chegar no teu discurso. De facto, um deles cura e livra das doenças, e “*vale por muitos outros*”⁴⁰³, enquanto Hércules, meu filho, comprou a imortalidade à custa de não poucos trabalhos. Por isso, não os acuses.

MOMO — Sim, vou guardar silêncio, atendendo à tua pessoa, embora tenha muita coisa que dizer [a seu respeito]. De facto, se mais nada houvesse, ainda conservam os sinais do fogo⁴⁰⁴... Mas, se me fosse permitido usar da liberdade de expressão a teu respeito, teria muito que dizer...

ZEUS — A meu respeito? Sim, é absolutamente permitido. Mas será que me acusas, também a mim, de ser estrangeiro?

MOMO — Pelo menos em Creta, não só é possível ouvir essa acusação, mas também contam outra coisa a teu respeito, e até mostram o teu túmulo. Eu, porém, não acredito neles, nem nos habitantes de Égio, na Acaia, que afirmam que tu foste uma criança trocada por outra⁴⁰⁵.

7. Mas eu proponho-me falar de assuntos que são altamente dignos de censura.

De facto, a origem de tais ilegalidades e a causa de a nossa assembleia andar abastardada, foste tu, ó Zeus, quem tal coisa

⁴⁰² Asclépio (o Esculápio dos Romanos) era filho de Apolo e de uma mortal (cujo nome varia segundo diversas lendas); Hércules era filho de Zeus e de Alcmena, esposa de Anfitrião.

⁴⁰³ Homero, *Iliada*, XI, 514, aliás referido a Macáon, filho de Asclépio e também ele médico.

⁴⁰⁴ Asclépio foi retirado do corpo de sua mãe, Corónis, quando esta, morta por Apolo por motivo de infidelidade a este deus, fora lançada na fogueira; Quanto a Hércules. imolou-se numa fogueira, que assim o despojou da sua parte humana.

⁴⁰⁵ Esta versão (algo obscura) só ocorre neste passo de Luciano...

provocou, ao teres relações com humanas, descendo até elas ora sob uma forma, ora sob outra, de tal modo, que nós receamos que alguém te apanhe e te sacrifique, quando te transformas em touro, ou que algum ourives te derreta, quando te transformas em ouro, e que então, em vez de Zeus, fiques feito num colar, numa bracelete ou nuns brincos. Mas tu é que encheste o céu de todos estes... semideuses... pois não posso designá-los com outro nome. E o mais ridículo de tudo é quando, de repente, se ouve dizer que Hércules foi feito deus, mas que Euristeu, que mandava nele⁴⁰⁶, está morto, e de facto o templo de Hércules, que era um escravo, está perto do túmulo de Euristeu, seu amo; e o mesmo [se passa] em Tebas com Dioniso, um deus, enquanto os seus primos, Penteu, Actéon e Learco, são os mais desventurados dos homens.

8. Então, desde que tu, ó Zeus, abriste as portas [do céu] a estes fulanos e pendeste para as mortais, todos passaram a imitar-te... e não só as divindades do sexo masculino, mas também — o que é a coisa mais vergonhosa — as do sexo feminino. Na verdade, quem não conhece [os casos de] Anquises⁴⁰⁷, Titono, Endímion, Iásion e outros? Mas acho que devo passar por cima de tudo isso, pois a minha censura seria longa [de contar].

ZEUS — Também não digas nada, ó Momo, a respeito de Ganimedes⁴⁰⁸, pois ficarei muito incomodado, se tu importunares o jovenzinho, criticando-o devido à sua origem.

MOMO — Será que também não posso falar da águia, dizendo que também esta se encontra no céu, poisada sobre o ceptro real e com o ninho praticamente por cima da tua cabeça e com todo o aspecto de [ser uma] divindade?

9.⁴⁰⁹ Ou deveremos omiti-la, só por causa de Ganimedes?

⁴⁰⁶ Durante um período da sua vida, Hércules serviu como escravo em casa de Euristeu, rei de Tirinte e Micenas.

⁴⁰⁷ Anquises foi amado por Afrodite, donde nasceu Eneias; Titono foi amado por Eos (Aurora); Endímion suscitou a paixão de Selene (Lua); Iásion amou Deméter...

⁴⁰⁸ Ganimedes, filho mais novo de Trós, herói epónimo dos Troianos... Foi raptado por Zeus (na forma de águia ou por uma águia enviada por Zeus), que fez dele seu escanção e seu amante...

⁴⁰⁹ Sigo a numeração da “Loeb”; outros colocam o §9 mais acima, no início da fala de Momo.

Mas... ó Zeus, o Átis⁴¹⁰, o Coribante⁴¹¹ e o Sabázio... donde é que eles nos chegaram aqui aos trambolhões? Ou o famoso Mitra, da Média, com o seu *kándüs* [veste persa] e a sua tiara, que nem sequer fala grego, pelo que não compreende quando alguém bebe à sua saúde? Então os Citas e, entre eles, os Getas, ao verem isto, mandam-nos passear, e eles próprios conferem a imortalidade e aclamam como deuses a quem muito bem entendem, e foi desse modo que Zamólxis⁴¹², um escravo, foi, não sei lá como, inscrito sem nós darmos por isso.

10. E no entanto, ó deuses, isto ainda não é nada... Tu aí, ó cabeça-de-cão, egípcio vestido com faixas de linho, quem és tu, meu caro? Como é que pretendes ser um deus, assim a ladrar?⁴¹³ E aqui este boi de Mênfis⁴¹⁴, com a pele às listas, por que carga de água é adorado, emite oráculos e tem os seus profetas? Sinto pejo de nomear íbis, macacos, bodes e outros animais ainda mais ridículos, vindos do Egípto e, não sei lá como, introduzidos no céu. Como é que vós, ó deuses, suportais vê-los em pé de igualdade [convosco], ou mesmo mais venerados? E tu, ó Zeus, como admites que te façam nascer cornos de carneiro?⁴¹⁵

11. É verdadeiramente vergonhoso isso que tu referes a respeito dos Egípcios. Mesmo assim, ó Momo, na sua maior parte esses animais são [apenas] símbolos misteriosos, e uma pessoa não iniciada não deve fazer troça.

MOMO — Mas então, ó Zeus, será que precisamos mesmo de [iniciação em] mistérios, para sabermos que deuses são deuses, e cinocéfalos são cinocéfalos?!

⁴¹⁰ Átis... Sabázio, deuses frígios, associados a orgias...

⁴¹¹ Os Coribantes (plural) eram divindades de origem asiática, associados a Cibele, e que se entregavam a danças frenéticas... Aqui, o singular parece remeter para um dos coribantes que (segundo uma vaga versão) foi morto pelos outros... Não se percebe por que motivo não se inclui todo o grupo...

⁴¹² Zamólxis, ou Zalmóxis, da Trácia, cuja história Luciano retira de Heródoto, IV, 95.

⁴¹³ Trata-se do deus egípcio Anúbis, com cabeça de cão (ou de chacal).

⁴¹⁴ O famoso boi Ápis.

⁴¹⁵ Trata-se da adaptação de Zeus à religião egípcia, na figura de “Zeus-Ámon”.

ZEUS — Ora bem, digo eu, deixemos essa coisa dos Egípcios. Noutra altura trataremos desses temas com mais vagar. Mas agora fala de outros casos.

12. MOMO — Por exemplo, ó Zeus, Trofónio, e — o que mais me sufoca — Anfíloco, o qual, apesar de filho de um homem abominável e assassino de sua mãe, emite profecias na Cilícia, o valentão, mentindo a maior parte das vezes e charlateando por dois óbolos. Por isso é que tu, ó Apolo, deixaste de ser apreciado, pois hoje em dia qualquer pedra e qualquer altar emite oráculos, desde que seja aspergida com óleo, tenha uma coroa de flores e disponha de um charlatão, como há tantos por aí. Agora até já a estátua do atleta Polidamante, em Olímpia, cura as pessoas atacadas de febre, tal como a de Teógenes em Tasos, e as pessoas, em Tróia, oferecem sacrifícios a Heitor, e, no Quersoneso ao largo [de Tróia], a Protesilau. Assim, à medida que nos íamos tornando mais numerosos, iam também aumentando os perjúrios e os sacrilégios [dos homens], os quais, numa palavra, acabaram por nos desprezar — e com toda a razão.

13. Isto a respeito dos bastardos e fraudulentamente inscritos. Mas, ao ouvir tão grande quantidade de nomes estranhos, de entidades que não se acham entre nós e completamente impossíveis de existir, farto de rir, ó Zeus!, dessa situação. Sim, onde raio está a tão gabada *Areté* (Ἀρετή) [Virtude], ou a *Phúsis* (Φύσις) [Natureza], ou a *Heimarménē* (Εἰμαρμένη) [Predestinação], ou a *Túkhē* (Τύχη) [Sorte], entidades inexistentes e nomes vazios de conteúdo, inventados por esses pobres de espírito dos filósofos? E no entanto, mesmo improvisados, de tal modo convencem os homens, que já nenhum quer oferecer-nos sacrifícios, convencido de que, mesmo imolando-nos dez mil hecatombes, a Sorte executaria o que já está destinado e foi desde o princípio fiado para cada um. Portanto, ó Zeus, gostaria de te perguntar se viste para aí a Virtude, ou a Natureza, ou a Predestinação. Na verdade, sei que tu estás sempre a ouvir esses nomes nas discussões dos filósofos... a menos que sejas tão surdo, que não os oiças gritar.

Embora tenha ainda muitas coisas para dizer, fico-me por aqui, pois estou a ver muitos irritados com o que estou a dizer, e a assobiar-me, especialmente aqueles a quem a minha franqueza de linguagem atingiu.

14. Para concluir, ó Zeus, se assim o entenderes, passo imediatamente a ler o decreto que trago redigido sobre esta matéria.

ZEUS — Pois lê. Na verdade, nem tudo o que tu censuraste deixa de ser razoável, pelo que temos de pôr termo a muitas desses abusos, para que não se tornem mais numerosos.

MOMO, lendo — DECRETO. À Sorte propícia.

Em sessão convocada nos termos legais, no sétimo dia do mês < *Metageitnion* >⁴¹⁶, sendo Zeus “presidente”⁴¹⁷, Posídon “vice-presidente”, Apolo “vogal” e Momo, filho de Noite, secretário, Hipno emitiu a seguinte proposta:

“Considerando que muitos estrangeiros, não só gregos, mas também bárbaros, de modo nenhum dignos de partilhar connosco do direito de cidadania, tendo-se, não se sabe como, inscrito [nos nossos registos] e já tidos por deuses, já encheram o céu a ponto de a nossa sala de banquetes estar a abarrotar com uma multidão de tipos barulhentos que falam muitas línguas, de uns fulanos juntos aos magotes;

“Considerando que já há falta de ambrósia e de néctar para a turba-multa de bebedores, a ponto de um quartilho já custar uma mina;

“Considerando que, devido à sua grosseria, desbancaram os velhos e genuínos deuses e, contra todas as normas tradicionais, reivindicaram para si próprios os lugares de preferência e pretendem gozar das maiores honrarias lá na Terra,

15. “Aprouve ao Senado e ao Povo:

“Que seja convocada uma Assembleia [a ter lugar] no Olimpo, no [dia do] solstício de Inverno, e que sejam eleitos como juízes sete deuses de pleno direito, sendo três da antiga Assembleia do tempo de Crono, e quatro de entre os doze [deuses], entre os quais Zeus.

⁴¹⁶ O mês *Metageitniôn* (Μεταγειτινῶν) corresponde à segunda quinzena de Agosto...

⁴¹⁷ O gr. diz que Zeus “exercia as funções de prítane”, *eprütáneue* (ἐπρυτάνευε), que aqui devemos entender como “de presidente”; as duas funções seguintes referem-se, naturalmente, aos membros da presidência que ladeiam o presidente, pelo que lhes dou a designação mais “óbvia” (!). Afinal, o problema resulta do facto de a sociedade divina não estar juridicamente organizada à maneira de Atenas, pelo que, especialmente para um ateniense, estas designações só se aceitariam com reticências...

“Que estes juízes só entrem em funções depois de prestarem o juramento legal pelo Estige⁴¹⁸.”

“Que Hermes convoque a reunirem-se todos quantos reclamem pertencer à nossa Assembleia, e que esses se apresentem trazendo consigo testemunhas ajuramentadas e certidões de nascimento.

“Que se apresentem um por um, e os que os juízes, depois de os examinarem, declarem que eles são deuses, ou então que os recambiem para os respectivos sepulcros e para os túmulos dos seus antepassados.

“Caso algum dos reprovados e uma vez por todas rejeitados pelos juízes seja surpreendido a pôr os pés no céu, que esse seja precipitado no Tártaro.

16. “Que cada um [dos deuses] desempenhe as funções que lhe competem, que Atena não se ocupe de curar, nem Asclépio de emitir oráculos, que Apolo, sendo um só, não faça tantas coisas, mas opte por uma única: a de ser ou profeta, ou citarista, ou médico.

17. “Que se avisem os filósofos de que não devem inventar nomes vazios nem divagar sobre assuntos que não entendem.

18. “Quanto àqueles aos quais já foram dedicados templos ou altares sacrificiais, que lhes sejam retiradas as suas imagens e que estas sejam substituídas pelas de Zeus, ou de Hera, ou de Apolo, ou de um qualquer dos outros [deuses], mas a cidade pode erigir-lhes um túmulo e erguer-lhes uma coluna, em vez de um altar.

“Se alguém desobedecer à proclamação e se recusar a apresentar-se aos juízes, que esse seja condenado à revelia.”

Eis o [texto do] decreto.

19. ZEUS — Justíssimo, ó Momo. Então, quem é a favor, que levante o braço... ou melhor, fica assim mesmo, pois apercebo-me de que haverá muitos que não iriam aprovar⁴¹⁹...

⁴¹⁸ Estige é um dos rios do reino de Hades. Este juramento era o mais solene de todos.

⁴¹⁹ Notar a “democraticidade” (!) do processo: Põe-se o decreto à votação... mas, afinal, não se vota... porque Zeus prevê que não irá ter a maioria! É Luciano no seu melhor!

Bem, agora retirai-vos, mas, logo que Hermes fizer a proclamação, vinde cá, trazendo cada um, bem à vista, os elementos identificadores e os certificados bem claros, o nome do pai e da mãe, porquê e de que maneira se tornou deus, [e indique] a sua tribo e membros da sua fratria. Assim, se houver algum que não apresente estes documentos, os juízes não quererão saber se ele tem [ou não tem] na Terra um grande templo e se os homens o consideram [ou não] uma divindade.

(Página deixada propositadamente em branco)

AS DÍPSADAS

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Luciano começa por descrever o clima e as condições inóspitas da parte meridional da Líbia (§§1-2), para a seguir se referir à terrível fauna que habita essas regiões, nomeadamente certas espécies de répteis (§3). Entre eles, contam-se os mais terríveis de todos, as dípsadas, serpentes cuja mordedura causa uma inextinguível sensação de sede — daí o seu nome, derivado de *dípsa* (δίψα) “sede” —, de tal modo, que, quanto mais água se bebe, mais se quer beber (§§4-8).

Este pequeno opúsculo, lido sem qualquer contexto, sugere uma composição (“escolar”) sujeita ao tema proposto pelo título: *As dípsadas*. Trata-se, porém, de uma *eisagōgēō* (εἰσαγωγή) ou “introdução” a uma declamação pública, que não nos é possível identificar.

O orador, antes de entrar na matéria da declamação, faz perante a assistência uma mais ou menos breve introdução, na qual, muitas vezes, começa por um assunto que parece não ter que ver com o tema anunciado, mas que, por artes de associação mais ou menos feliz, acaba por desembocar no assunto.

Neste caso, depois dos §§1-8, sobre o deserto da Líbia e os animais nele viventes, entre os quais as terríveis dípsadas, Luciano faz a esperada, mas dificilmente adivinhada, ligação, desvendando o motivo por que traz à colação o caso da dípsada e da sua mordedura: Tal como a pessoa mordida por essa cobra, também ele, Luciano, sente uma “sede” inextinguível e incurável de estar perante um auditório atento e tão querido. É algo forçado... mas a “habilidade” tem o seu preço: *“Quanto mais vezes me apresento diante de vós, mais desejo que tal aconteça, e esta minha ‘sede’ inextinguível vai-me queimando por dentro, e dá a impressão de que nunca será extinta por tanta e tamanha ‘bebida’.”*

(Página deixada propositadamente em branco)

AS DÍPSADAS

1. As zonas meridionais da Líbia são de um areal muito espesso e de um solo ardente, extremamente desértico, completamente infértil, todo ele uma planície, sem qualquer verdura, qualquer erva, sem plantas e sem água, a não ser, eventualmente, algum pequeno resto de água da chuva deixada em concavidades⁴²⁰, [uma água] espessa e, além disso, malcheirosa, imbebível, mesmo para uma pessoa extremamente sequiosa. Por estes motivos, a região é desabitada. Realmente, como se poderia habitar uma terra tão inóspita, tão árida, tão infértil e tão atingida por uma longa seca? Além disso, a própria canícula, o ar extremamente ardente e abrasante e a areia aquecida ao máximo, tudo isso torna a região inacessível.

2. Somente os Garamantes, que habitam perto, raça esguia e ligeira, que habitam em tendas e vivem geralmente da caça, às vezes lá vão caçar, sobretudo aí pelo solstício do Inverno, depois de verem que a divindade fez chover, que é quando boa parte do calor abranda e a areia fica molhada e mais ou menos “pisável”. A caça é aos burros selvagens, às enormes avestruzes, [aves] terrestres, e sobretudo aos macacos e, às vezes, aos elefantes, pois somente estes [animais] aguentam a sede e resistem durante muito fustigados por um sol forte e causticante. Mesmo assim, os Garamantes, logo que consomem os víveres que tinham levado consigo, regressam imediatamente, com receio de que a areia, voltando a ficar abrasada, se torne difícil de pisar e impraticável e que então eles, apanhados como que numa armadilha, percam a vida mais a caça, pois isso seria inevitável, se o sol, ao fazer subir a humidade e secando rapidamente a região, aquecesse excessivamente e emitisse uma radiação ainda mais forte, uma vez aumentada ao atingir os vapores húmidos, pois estes são um alimento para o fogo.

3. E no entanto, todos os flagelos de que falei — a canícula, a sede, o deserto e o facto não se poder colher nada do solo — parecer-vos-ão⁴²¹ menos penosos do que aquele a que vou referir-me, devido ao qual a região é absolutamente de evitar.

⁴²⁰ “em concavidades”, entenda-se: de terreno, ou de rochas (?).

⁴²¹ Notar que Luciano se dirige a um auditório...

É o caso que répteis de diversos tipos, de tamanho enorme, muito abundantes, de aspecto monstruoso e de um veneno impossível de combater, estão espalhados por toda a região, uns subterrâneos, aninhados numa cova da areia, e outros que vivem à superfície, como sapos, áspides, víboras, cerastas, vacas-loiras⁴²², serpentes, anfisbenas⁴²³, dragões⁴²⁴ e escorpiões de duas espécies: uma terrestre, que caminha no solo, muito grandes e de cauda multiarticulada; outra voadora e apetrechada de asas, que são uma membrana semelhante às asas dos gafanhotos, das cigarras e dos morcegos. Tantos e tais animais voadores tornam aquela parte da Líbia mesmo nada acessível.

4. Mas o mais terrível de todos os répteis que o areal desenvolve é a díp sada, serpente não muito grande, semelhante à víbora, de mordedura violenta e com um veneno espesso que causam imediatamente dores infundáveis. Causa uma sensação de queimadura, putrefacção e inchaço, e as suas vítimas ficam prostradas e gritam como [se estivessem] numa fogueira. Mas aquilo que mais aflige e mais atormenta as pessoas é o sofrimento homónimo desse réptil, pois as vítimas ficam com uma sede desmesurada e — a coisa mais paradoxal de todas — quanto mais bebem, mais querem beber, pelo que o desejo aumenta cada vez mais, e não poderia nunca extinguir-se a sede, e mesmo que lhe dessem a beber o próprio Nilo ou toda a água do Istro⁴²⁵, só aumentarias o ardor, ao “regares” o mal, como se alguém quisesse apagar o fogo com azeite.

5. Dizem os médicos que a causa disso é o facto de o veneno, muito espesso, então diluído no líquido, correr melhor, assim se tornando mais líquido e espalhando-se por uma área mais extensa.

6. Eu, pessoalmente, nunca vi ninguém a sofrer tal tormento, e, ó deuses!, oxalá nunca veja nenhuma pessoa castigada desta maneira, pois nunca por nunca pus os pés na Líbia, e ainda bem, mas apenas ouvi falar de uma inscrição, que um

⁴²² “”Nome vulgar de um género de coleópteros, cujas pinças são muito desenvolvidas” (dic. “Lello”).

⁴²³ “Répteis sáurios...” (dics.).

⁴²⁴ Trata-se, não de dragões da lenda, mas de grandes lagartos.

⁴²⁵ Istro é o nome antigo do actual Danúbio.

dos meus amigos me recitou, e que ele próprio leu, afixada numa estela [funerária] e referente a um homem que lá tinha morrido. Contou-me ele que, partindo da Líbia para o Egipto, viajava ao longo da Grande de Sirte, pois não havia outro caminho. Aí, deu com um túmulo na praia, mesmo chegado à linha de água, e com uma estela funerária erigida sobre ele, na qual estava representado o género de morte [do defunto]. Nela estava gravada a imagem de um homem, na posição em que se representa Tântalo à beira de um lago no gesto de recolher água, obviamente para beber. Um bicho, a dípsada, colada ao homem, estava enroscada à volta do seu pé, e umas mulheres, em grande número e carregando cântaros, despejavam água sobre ele. Junto do homem, estavam uns ovos como os daquelas avestruzes que, como disse, os Garamantes caçam. Estava também gravada [na estela] uma inscrição, que não me parece mal referir:

*Foi deste, julgo eu, veneno ardente, || que Tântalo padeceu,
que não deixava acalmar || sua sequiosa dor.*

*De Dánao as filhas não podiam || um tonel destes encher,
por muitos jarros que vertam || com incansável labor.*⁴²⁶

Há ainda outros versos, em número de quatro, a respeito dos ovos e da maneira como [o homem] ao tentar apanhá-los, foi mordido... mas desses já não me recordo.

7. Os povos da vizinhança recolhem os ovos e utilizam-nos, não apenas para os comerem, mas servem-se deles como utensílios, depois de os esvaziarem, fazendo deles vasos, pois não praticam a cerâmica, pelo facto de todo o solo ser de areia. Se por acaso acham [ovos] maiores, fazem deles chapéus, dois de cada ovo, pois cada metade de um ovo, desde que sirva na cabeça, constitui um chapéu.

8. Ora, as dípsadas ficam de emboscada junto dos ovos, e logo que um homem se aproxima, lançam-se de dentro da areia e mordem o desgraçado. Então este sofre daquilo que eu acabei de contar um pouco atrás, sempre a beber e a ter cada vez mais sede, sem nunca se saciar.

⁴²⁶ Tentei, como em muitos outros casos, metrificar a tradução, o que leva a algumas pequenas “liberdades”. Os vv. 1 e 3 (hexâmetro *grego*) têm na trad. o esquema 10 || 7, e os vv. 2 e 4 (pentâmetro *grego*) vão na forma port. 7 || 7.

9. Dissertei sobre esta matéria, não, por Zeus!, com a intenção de rivalizar com o poeta Nicandro⁴²⁷, nem para que vós ficásseis a saber que eu não me descuidei do estudo da natureza dos répteis da Líbia. Na verdade, esse elogio caberia antes [fazê-lo] aos médicos, que necessitam de possuir tal conhecimento, a fim de poderem ajudar as pessoas através da sua arte... Ora, parece-me — mas, pelo deus da amizade!⁴²⁸, não leveis a mal se eu faço uma comparação com animais — que padeço, em relação a vós, de um mal idêntico ao mal, em relação à bebida, de que sofrem aqueles que foram mordidos por uma díp sada. É que⁴²⁹, quanto mais vezes me apresento diante de vós, mais desejo que tal aconteça, e esta minha “sede” inextinguível vai-me queimando por dentro, e dá a impressão de que nunca será extinta por tanta e tamanha “bebida”. Naturalmente, é claro! Sim, onde é que eu poderia encontrar uma “água” tão transparente e tão límpida? Nesta ordem de ideias, perdoai-me pelo facto de eu próprio, “mordido” na minha alma por esta tão agradável e tão saudável “mordedura”⁴³⁰, em atafulhar de boca escancarada, enfiando a cabeça na “fonte”. Oxalá nunca me falte essa “corrente” vinda de vós, oxalá essa vossa solicitude em me escutar, deixando de “escorrer”, não me deixe de boca aberta e ainda com mais sede! Vede como a minha “sede” de vós não me impede de continuar a beber incessantemente. Realmente, para citar Platão, “ninguém se farta do que é belo”.

⁴²⁷ Nicandro de Cólofon (c. 140 a.C.), poeta didáctico, escreveu os *Thēriaká* (Θηριακά), sobre animais selvagens, nomeadamente répteis, em que se refere às sua mordeduras e modos de tratamento...

⁴²⁸ O “deus da amizade!” é, especialmente, *Zeus Filios*.

⁴²⁹ Luciano desvenda aqui o motivo por que traz à colação o caso da díp sada e da sua mordedura: Tal como a pessoa mordida por essa cobra, também ele, Luciano, sente uma “sede” inextinguível e é incurável de estar perante um auditório atento e tão querido. É algo forçado... mas a “habilidade” tem o seu preço.

⁴³⁰ “mordido”... por esta... “mordedura”: tradução literal, com o uso (característico do grego) do chamado “acusativo de relação”, cf. port. *correr uma corrida...* (memorável...), *viver uma vida...* (desgraçada...).

AS SATURNAIS

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

As Saturnais eram as festas em honra de Saturno, velho deus itálico ligado à agricultura, mas também (algo artificialmente) identificado com Crono, o igualmente velho deus grego. Segundo a mitologia grega, Crono, filho de Úrano, mutilou genitalmente o pai e tomou o seu lugar de soberano absoluto, que instituiu na Terra a chamada “Idade do Ouro”, em que os homens, feitos precisamente de ouro, eram justos, e em que o solo dava abundantemente todos os produtos, sem necessidade de trabalho humano.

Crono gerou, com sua irmã e esposa Reia (ambos filhos de Úrano, o Céu, e de Geia, a Terra), muitos filhos, entre os quais Zeus. Ora, informado por Úrano e por Geia de que um dos seus filhos o destituiria do trono, ia-os devorando à medida que eles nasciam. Só escapou o menino Zeus, por um artifício de sua mãe, que o escondeu e, em sua substituição, deu a Crono uma pedra envolta em panos, que este devorou tão rapidamente, que nem deu por nada! Esta parte do mito é (na boca do próprio Crono) claramente contestada por Luciano, bem como a história do seu agrilhoamento, da sua precipitação no Tártaro, da sua destituição violenta, e enfim, no que respeita aos aspectos mais ou menos macabros da história do velho deus, o qual, na tradição romana, nunca perde completamente a sua caracterização itálico-romana. Luciano até interpreta metafórica e... cientificamente, o facto de o planeta Saturno ser “lento”, v. *A Astrologia*, §21: “*Zeus [Júpiter] não agrilhoou Crono [Saturno], nem o lançou no Tártaro, nem tramou tudo aquilo que os homens crêem, mas Crono [Saturno] move-se numa órbita exterior muito longe de nós, o seu movimento é lento e nada fácil de ser observado pelos homens, e por isso dizem que ele está imóvel e como que agrilhoado. E a enorme profundidade do firmamento é denominada Tártaro.*”

As festas em honra de Saturno, as Saturnais, eram celebradas, no início, num único dia, correspondente ao “nosso” 17 de Dezembro, mas no reinado de Domiciano (Imperador entre 81 e 96 d.C.) acaba por se celebrar entre os dias 17 e 23 de Dezembro, sendo os últimos seis dias dedicados às mais variadas e atrevidas diversões, bem como a banquetes, tudo num clima de grande folia e de (pelo menos teórica) igualdade

social. Durante todo esse período, eram suspensas todas as actividades escolares, militares, administrativas e jurídicas, negócios... As Saturnais (*Saturnalia*), juntamente com as Lupercais (*Lupercalia*), celebradas em 15 de Fevereiro, estão na origem do posterior Carnaval.

Ora, Luciano, um sírio fortemente helenizado, não podia deixar de estranhar esse ambiente de grande liberdade, que funcionava como curta pausa das agruras da vida, que atacavam sobretudo as classes mais pobres e mais miseráveis. O próprio sacerdote e profeta de Saturno, quase inactivo durante todo o ano, levava uma vida muito modesta, e é ele (aliás... Luciano!) que desencadeia o problema da desigualdade social, num diálogo com o deus que ele representava (§§1-9). Em resumo, Crono desresponsabiliza-se dos males do mundo, dizendo que quem governa é Zeus... Ele só tem alguma jurisdição em assuntos relativos aos seus sete dias de festa.

O mesmo sacerdote e profeta, aqui designado por *Cronósolon*, ou seja, “Crono legislador... como Sólon”, vai expor a legislação recebida directamente do seu Senhor. Para nós, esta parte constitui, para nós, uma boa informação do clima e dos costumes reinantes nesses dias de... “Carnaval” (§§13-18)⁴³¹.

A obra continua, agora sob a forma epistolar e com o título de “*Epístolas Saturnais*”, *Epistolai Kronikai* (Ἐπιστολαὶ Κρονικαί):

— 1. Do sacerdote e profeta de Crono ao seu Senhor (§§19-24), queixando-se da sua pobreza e assumindo idêntica situação de todos os pobres vexados pelos ricos;

— 2. De Crono para o seu sacerdote (§§25-30). A vida dos ricos está cheia de atribulações e grandes preocupações, de que os pobres nem sequer suspeitam. Em todo o caso, Crono promete escrever aos ricos;

— 3. De Crono dirigida aos ricos (§§31-36). Assume uma posição mais ou menos conciliadora, em que aconselha os ricos a cederem algo, para não perderem tudo...;

— 4. Dos ricos para Crono (§§36-39). Os ricos queixam-se da arrogância e insaciedade dos pobres, aos quais não se pode dar nada, que não exijam logo mais... Em todo o caso, se os

⁴³¹ A obra mais completa (ainda que algo tardia) relativa às Saturnais é a de Macróbio (séc. V d.C.), *Saturnaliorum libri*, em sete livros sob forma de um *symposium* (diálogo em ambiente de banquete).

pobres prometerem não ultrapassar os limites do “razoável”, serão admitidos à sua mesa... O §39 merece citação especial:

“São estes e outros os motivos pelos quais nós decidimos que, daí em diante, e por razões da nossa segurança, eles não tivessem acesso às nossas casas. Se, porém, na tua presença, eles se comprometerem a pedir, como agora dizem, só o que é razoável, e a não cometer, nos jantares, nenhum acto ofensivo, então que se juntem a nós e connosco jantem... e boa sorte! Além disso, como tu nos aconselhas, enviar-lhes-emos parte dos nossos mantos e desembolsaremos a quantidade de ouro que nos for possível; numa palavra, não lhes faltaremos com coisa nenhuma. E que eles, por seu lado, deixem de nos falar numa linguagem artificiosa, e sejam nossos amigos, em vez de bajuladores e parasitas. E tu não nos acusarás de nada, desde que eles se comprometam a proceder como devem.”

Como nota final, não podemos deixar de entrever, através das personagens — sacerdote de Crono e classe pobre; os ricos; o próprio Crono — uma autêntica posição “de classe”, em que Luciano alinha claramente com o “moderado” Crono-Saturno: Tudo muito bem... *“desde que eles se comprometam a proceder como devem”... τὰ δέοντα ποιεῖν (τὰ δέοντα ποιεῖν).*

(Página deixada propositadamente em branco)

AS SATURNAIS

I — SACERDOTE E CRONO

1. SACERDOTE — Ó Crono, já que pareces mesmo ser um rei... pelo menos por estes dias, e te são oferecidos sacrifícios, e são por nós celebrados rituais propiciatórios, que graça especial é que eu, na sequência destas cerimónias, poderia receber de ti, se ta pedisse?

CRONO — Para já, é bom que tu já tenhas reflectido no que é que debes pedir... a não ser que pretendas que o rei seja também adivinho, para saber o que te é mais agradável solicitar. Pela minha parte, e na medida do possível, não rejeitarei⁴³² a tua prece.

SACERDOTE — Mas há já muito tempo que eu reflecti nisso. Na verdade, vou falar dessas coisas comuns e óbvias, como riqueza, muito ouro, ser dono de propriedades e possuir muitos escravos, vestes garridas e fofas, prata, marfim e todas as outras coisas preciosas. Portanto, meu excelente Crono, dá-me alguma parte desses bens, de modo que também eu possa usufruir um pouco do teu reino⁴³³ e não seja o único privado deles durante toda a vida.

2. CRONO — Estás a ver? O que me pediste não está ao meu alcance, pois eu não poderia distribuir tais bens. Por isso, não fiques aborrecido, se não os conseguires, mas pede-os antes a Zeus, logo que o poder lhe seja em breve devolvido. É que eu detenho o poder a termo fixo. Realmente, todo o meu reinado se resume a sete dias, pelo que, passado esse prazo, passo logo a ser um cidadão comum, um no meio da multidão. E mesmo durante esses sete dias, não me é consentido tratar de coisas importantes e de interesse público, mas sim beber, embebedar-me, gritar, dizer piadas, jogar aos dados, nomear os reis da festa, obsequiar os criados, cantar todo nu, bater palmas freneticamente, ser algumas vezes lançado de cabeça em água

⁴³² A ideia de “rejeitar”, “desaprovar”, especialmente da parte das divindades, manifestava-se por um gesto da cabeça levantada ao alto e algo inclinada para trás: *ananeúō* (ἀνανεύω); a ideia contrária é expressa por *kataneúō* (κατανεύω) ou *epineúō* (ἐπινεύω), “baixar a cabeça”.

⁴³³ Recorde-se que o reino de Saturno (Crono) era o da Idade do Ouro...

fria⁴³⁴, andar de cara enfarruscada. É isto o que me é permitido fazer. Quanto a essas coisas importantes, como a riqueza e o ouro, é Zeus quem as distribui a quem muito bem entende.

3. SACERDOTE — Mas nem mesmo esse, ó Crono, as concede fácil e prontamente. Eu, pelo menos, já o tenho invocado, suplicando-lhe em alta voz, mas ele não me atende de maneira nenhuma; pelo contrário, empunhando a égide, brandindo o raio e olhando duramente, aterroriza os que o incomodam. E se alguma vez atende [às preces de] alguém e o torna rico, procede sem critério, e então, pondo de lado os honestos e virtuosos, despeja a riqueza sobre os homens mais perversos e insensatos, na sua maioria criminosos e debochados... Bem... o que eu pretendo saber é o que tu próprio podes fazer.

4. CRONO — Nada que não tenha grande importância geral nem seja completamente despreciando, mesmo se analisarmos a coisa em comparação com as virtudes do poder absoluto... a não ser que te pareçam de somenos importância [por exemplo] ganhar aos dados, quando, fazendo rolar o dado, aos outros sai o “1”, enquanto a ti sai sempre o “6”. De facto, muitos já ganharam, por este meio, muito mais do que o necessário à sua subsistência, e para esses o dado propício e rendoso vai ter um movimento favorável, enquanto outros, completamente “nus”⁴³⁵, mal conseguiram salvar-se a nado, depois de o “barco” ter sido despedaçado contra este minúsculo “escolho” que é o dado. Além disso, vá de beber, vá de ser considerado melhor cantor que outro no banquete, vá de lançar à água os outros criados, como castigo pelo seu serviço desajeitado, e por fim, vá de seres proclamado glorioso vencedor e de receberes como prémio uma salsicha. Estás a ver como isso é bom? Depois, ao ganhares por virtude dos ossinhos⁴³⁶, tornas-te o único rei a mandar em todos, pelo que não és mandado cumprir ordens ridículas, mas tu próprio tens o direito de dar ordens, [como]

⁴³⁴ Recorde-se que a festa era em Dezembro (17 a 23).

⁴³⁵ “nus”, sentido figurado (como o resto do período), “falidos”, por terem perdido tudo ao jogo.

⁴³⁶ Jogo com quatro ossinhos, cada um deles com quatro faces numeradas: 1, 3, 4, 6. As faces não eram iguais, pelo que a menos provável (mais estreita) tinha o valor mais elevado. A face menos valiosa era o “cão”, e a de valor mais elevado era a de “Vénus”. A combinação máxima era quando saíam os quatro números diferentes.

ordenar a um que grite qualquer coisa vergonhosa sobre a sua própria pessoa, a outro que dance todo nu, ou que carregue com a tocadora de flauta e dê assim três voltas à casa... Como podem estas acções deixar de ser provas da minha generosidade? Se criticas esta minha realeza de não ser autêntica e constante, procedes de maneira ingrata, ao constatares que eu próprio, que distribuo tais benefícios, tenho um reinado de curta duração. Portanto, pede com toda a confiança uma das graças que me é possível conceder, como jogos de dados, ser rei [das festas], cantar, e tudo o mais que eu enumerei, na certeza de que eu não te aterrorizarei com a minha égide nem com o meu raio.

5. SACERDOTE — Mas, ó tu, o mais excelente dos Titás, eu não necessito de tais favores... mas responde-me antes a uma coisa, que eu gostava muito de saber; se me responderes, ter-me-ás dado uma paga suficiente pelo meu sacrifício, e de agora em diante liberto-te dessa dívida.

CRONO — É só perguntar, que eu responder-te-ei, se porventura souber.

SACERDOTE — Então, em primeiro lugar, o seguinte, se é verdade o que ouvimos dizer a teu respeito, ou seja, que tu devoraste os filhos [que tiveste] de Reia, e que esta, tendo surripiado Zeus, deu-te dissimuladamente [a comer] uma pedra, em vez do bebé, e que este, chegado à idade adulta, depois de te vencer numa guerra, te expulsou do teu reino e em seguida te lançou no Tártaro, agrilhoando-te a ti e a todos os aliados que tinham sido arregimentados por ti.

CRONO — Meu caro, se não estivéssemos em tempo de festa e não fosse permitido às pessoas embriagarem-se e ofenderem à vontade os seus senhores, ficarias a saber que eu posso muito bem irritar-me com o facto de tu me fazeres essa pergunta, sem respeito pelas minhas cãs e por uma velha divindade.

SACERDOTE — Mas eu, ó Crono, não afirmo isso vindo de mim mesmo, mas [quem o diz] é Hesíodo e Homero, e até receio dizer que quase todas as outras pessoas acreditam nessa coisa a teu respeito.

6. CRONO — Então tu achas que esse pastor⁴³⁷, esse charlatão, sabe alguma coisa de jeito sobre a minha pessoa? Repara nisto: Haverá algum homem (já não digo algum deus), que

⁴³⁷ Hesíodo.

tenha a coragem de devorar conscientemente os seus filhos, a não ser que, qual outro Tiestes, desse com um irmão ímpio⁴³⁸? E se estivesse assim tão louco, como lhe passaria despercebido o facto de estar a comer uma pedra em vez do menino, a não ser que tivesse os dentes insensíveis à dor? Também não nos guerreámos, nem Zeus tomou o poder pela força, mas, pelo contrário, fui eu que abdiquei e lho entreguei voluntariamente. E quanto ao facto de eu não ter sido agrilhado nem estar no Tártaro, tu mesmo o constatas, creio eu, se não és cego como Homero.

7. SACERDOTE — Mas então, ó Crono, por que motivo abandonaste o poder?

CRONO — Vou explicar-te. Em resumo, [foi] por ser já [muito] velho e sofrer de gota devido à minha idade avançada. Por isso é que a maioria das pessoas imagina que eu estou agrilhado. Na verdade, já não tinha força para afrontar a injustiça dos tempos actuais, pois tinha de estar constantemente a acorrer acima e abaixo, de raio em riste, a fim de fulminar os perjuros, os ladrões de templos, os violentos, e então a coisa tornou-se muito trabalhosa e própria de gente nova. Por isso, abdiquei a favor de Zeus... e fiz eu muito bem... Além disso, tive por bem dividir o poder pelos meus filhos⁴³⁹, enquanto eu ando a maior parte das vezes calmamente em festins, sem me preocupar com os suplicantes, sem ser incomodado por pessoas que solicitam graças desencontradas, sem trovejar, sem relampejar, sem ser algumas vezes obrigado a mandar granizo. Pelo contrário, levo esta agradabilíssima vida de velho, bebendo o néctar, tagarelando com Jápeto⁴⁴⁰ e os outros da minha idade, enquanto Zeus é que governa, assoberbado de mil preocupações. No entanto, decidi tirar para mim estes poucos dias, nas condições que referi, e retomar o poder, a fim de recordar aos homens como era a vida durante o meu reinado, em que todos os produtos, sem serem semeados nem lavrados, nasciam espontaneamente,

⁴³⁸ Este “irmão ímpio”, Atreu, cozinhou os filhos de Tiestes e deu-lhos a comer, com excepção dos braços e das cabeças, que lhe mostrou no fim da refeição!

⁴³⁹ Zeus ficou como soberano do Olimpo e da terra dos homens; os outros dois (que Zeus fez com que Crono os devolvesse à vida) são Posídon, senhor do mar e seus habitantes, e Hades, também chamado Plutão, que reinava sobre os mortos nas regiões subterrâneas.

⁴⁴⁰ Jápeto, filho de Úrano e de Geia (Terra), é, portanto, irmão de Crono.

não na forma de espigas, mas como pães já prontos [a comer], e a carne já vinha cozinhada, e o vinho corria como autênticos rios, e as fontes eram de mel e de leite. Todos os homens eram bons e feitos de ouro⁴⁴¹. Eis a razão deste meu efêmero reinado, e por isso se assiste por todo o lado a algazarra, cantos, jogos e igualdade para todos, escravos ou homens livres. De facto, durante o meu reinado, ninguém era escravo [de ninguém].

8. SACERDOTE — Mas eu, ó Crono, imaginava que tu eras muito amigo dos escravos e dos agrilhoados, devido àquela história de tu honrares aqueles que padeceram como tu [padeceste], uma vez que também tu tinhas sido escravo e te lembravas dos grilhões...

CRONO — Mas não deixarás de dizer tais asneiras?

SACERDOTE — Dizes bem, vou deixar. Em todo o caso, responde-me ainda a uma coisa: O jogo dos dados era habitual entre os homens do teu tempo?

CRONO — Claro que sim. No entanto, não [se jogava] a talentos nem a dezenas de milhar de dracmas⁴⁴², mas sim, no máximo, a nozes⁴⁴³, de modo que aquele que perdia não ficasse aflito nem se lamentasse de ser o único privado de sustento.

SACERDOTE — E procediam muito bem. Realmente, a que é que eles jogariam, se eles próprios eram feitos completamente de ouro? Mas, enquanto tu falavas, ocorreu-me esta ideia: Se alguém trouxesse para este nosso mundo um desses homens feitos de ouro e o apresentasse à multidão de pessoas, que tormentos da parte destas é que o desgraçado não passaria?! Estou certo de que se atirariam a ele e o despedaçariam, tal como as Ménades fizeram a Penteu, ou as mulheres trácias a Orfeu, ou cães a Actéon, lutando uns com os outros no sentido de apanharem a melhor parte, uma vez que, nem mesmo neste tempo de festa estão livres de serem gananciosos, mas, pelo contrário, na sua maioria fizeram da festa uma fonte de rendimento. Depois, uns saem de casa para pilharem os amigos no banquete, outros injuriam-te sem razão, e até atiram

⁴⁴¹ “feitos de ouro”, em sentido, não figurado, mas *próprio*, v. um pouco adiante.

⁴⁴² Aqui, “talentos e dezenas de milhar de dracmas” significam uma quantia indeterminada, mas elevada, algo como “balúrdios de dinheiro”.

⁴⁴³ “a nozes”: em port, diz-se “a feijões”.

com os dados, que não têm culpa do que as pessoas fazem deliberadamente.

9. Mas diz-me mais uma coisa: Porque é que tu, um deus tão frágil e tão velho, escolheste a época mais desagradável para a tua festa, precisamente quando a neve cobre tudo, o vento norte é muito forte, quando não há nada que não esteja congelado pelo frio, quando as árvores estão secas, nuas e sem folhas, os prados sem graça e sem flores e os homens curvados, como velhinhos, junto da lareira? Na verdade, esta época não é boa para velhos nem apropriada para quem quer divertir-se.

CRONO — Meu caro, já estás a fazer muitas perguntas, quando o que é preciso é beber. Sim, já me tiraste tempo de festa, e não foi pouco, filosofando sobre assuntos que não são absolutamente necessários. Pois deixa-te lá dessas coisas. Abanquemos já, façamos barulho e vivamos em plena liberdade; depois joguemos aos dados à moda antiga, a nozes, escolhamos os reis [da festa] e obedeçamos às sua ordens. Deste modo daremos razão ao provérbio, que diz que “*Os velhos são novamente crianças*”⁴⁴⁴.

SACERDOTE — Pois então, ó Crono, que não possa beber todo aquele que não aprovar as tuas palavras. Portanto, bebamos. Realmente, já respondeste cabalmente às minhas perguntas anteriores. Creio mesmo que irei escrever num livro esta nossa conversa, com o que eu próprio te perguntei e com o que tu tão amavelmente me respondeste, [livro esse] que darei a ler aos meus amigos, pelos menos aos que são merecedores de ouvir as tuas palavras.

CRONÓSOLON⁴⁴⁵

10. É isto o que diz Cronósolon, sacerdote e profeta de Crono, e legislador das normas relativas à sua festa:

Quanto aos procedimentos que os pobres devem seguir, a esses enviei um outro livro, que eu redigi, e estou ciente de que

⁴⁴⁴ Ou “Os velhos são crianças duas vezes”, *dis paides hoi gérontes* (δὲς παῖδες οἱ γέροντες).

⁴⁴⁵ *Kronosólōn* (Κρονοσόλων), quer dizer: “Crono legislador, como Sólon, mas das Saturnais”... mas o início do discurso não diz exactamente isso: q. v.

eles se conformarão às normas [aí contidas], ou então ficarão sujeitos às severas penalizações que estão determinadas contra os prevaricadores.

Mas também vós, ó ricos, deveis cuidar de não transgredir nem escutar displicentemente estas prescrições. Todo aquele que assim não proceder, fique sabendo que não é a mim, o legislador, que ele despreza, mas sim o próprio Crono, que me escolheu para legislar em relação à sua festa... e não foi em sonho que ele me apareceu, mas conversou recentemente comigo, às claras e estando eu bem acordado. Ele encontrava-se, não agrilhado nem de rosto engelhado, como o representam os pintores, que receberam [essa imagem] das idiotices dos poetas, mas, pelo contrário, empunhava uma foicinha muito afiada e, quanto ao resto, era jovial, vigoroso e regamente equipado. Foi com este aspecto que eu o vi, e as palavras que ele pronunciou, igualmente divinas, parecem-me dignas de ser aqui ditas, à maneira de prefácio.

11. Vendo-me cabisbaixo e caminhando pensativo, ele, como era natural, sendo deus, soube imediatamente qual era a causa da minha tristeza, nomeadamente que eu estava apoucado com a minha pobreza, vestido com uma simples túnica imprópria para esta estação do ano⁴⁴⁶. De facto, o frio e o vento norte eram intensos, e havia muito gelo e muita neve, e eu estava muito pouco defendido contra isso. Ora, com a rápida aproximação das festa, eu verificava que, enquanto as outras pessoas se preparavam para sacrifícios e banquetes, eu não possuía quase nada para festejar. Então o deus, aproximando-se por detrás, puxando-me por uma orelha e abanando-me, como tinha por costume ao vir até mim, disse: *“Que é isso, ó Cronósolon? Pareces triste...”* E eu respondi: *“E não é caso para isso, meu Senhor, quando vejo que uns patifes e malvados enriquecem excessivamente e são os únicos que levam uma vida de luxo, enquanto eu e muitos outros homens instruídos estamos reduzidos à indigência e ao desespero? Mas não quererás tu, meu Senhor, acabar com tal situação e restaurar as coisas no sentido da igualdade?”* E ele respondeu: *“De um modo geral, não é fácil alterar a tua situação, [que foi] determinada por Cloto e pelas outras [duas] Parcas, mas naquilo que está no âmbito da festa, vou corrigir a vossa pobreza. E a*

⁴⁴⁶ Recorde-se que as festas de Saturno eram entre 17 e 23 de Dezembro.

correção é como segue. Vai, pois, ó Cronósolon, e redige-me as normas que devem observar-se durante a festa, para que os ricos não festejem só lá entre eles, mas convivam convosco, as pessoas de bem.” E eu: “Mas eu não sei...”

12. “Eu mesmo — disse ele — te instruirei.” E começou, acto contínuo, a instruir-me. E logo que fiquei instruído de tudo, ele disse: “Diz-lhes que, caso não procedam deste modo, não é em vão que eu empunho esta foicinha afiada... ou eu seria bem ridículo, se, depois de ter castrado Úrano, meu pai, não fizesse de todos os ricos prevaricadores uns eunucos, de modo que passem a mendigar para a [Grande] Mãe⁴⁴⁷, tocando flauta e tímpanos, feitos [sacerdotes] castrados⁴⁴⁸”. Foi neste termos a sua ameaça. Por isso, é bom para vós que não violeis as ordens divinas.

1. PRIMEIRAS LEIS

13. Que, dentro do período da festa, ninguém tenha qualquer actividade, quer pública, quer privada, com excepção das que são dirigidas aos divertimentos, ao prazer e à alegria. Que somente os cozinheiros e os pasteleiros estejam em actividade.

Que haja igualdade para todos, escravos ou homens livres, pobres ou ricos.

Que não seja permitido a ninguém zangar-se, escandalizar-se ou fazer ameaças.

Que não seja permitido cobrar contas aos que andam ocupados com a festa de Crono.

Que durante a festa ninguém queira saber de dinheiro ou de vestuário, que ninguém celebre escrituras, que não pratique atletismo durante as Saturnais, nem se ocupe de discursos ou de declamações [públicas], a não ser de alguns [discursos] cómicos e juvenis, que exprimem troça e brincadeira.

⁴⁴⁷ A Grande Mãe é Cíbele, em cujo culto se incluíam os sacerdotes mendicantes.

⁴⁴⁸ “[sacerdotes] castrados”, gr. *bákēloi* (βάκηλοι), v. *O Eunuco*, §8: “... a condição do eunuco é pior que a dos [sacerdotes] castrados, pois estes, em determinado período, experimentaram a virilidade, ao passo que este [fulano] está mutilado logo desde o princípio...”.

2. SEGUNDAS LEIS

14. Que, muito tempo antes da festa, os ricos inscrevam numa tabuleta o nome de cada um dos seus amigos, e que tenham dinheiro pronto [a distribuir], na importância de um décimo do rendimento anual⁴⁴⁹, bem como vestuário supérfluo e artigos um tanto grosseiros para seu uso, e não poucos recipientes de prata. Que tudo isso esteja imediatamente disponível.

Que, na véspera da festa, seja celebrado à volta da casa um sacrifício expiatório, por meio do qual sejam expulsos da casa a mesquinhez, a avareza, a sede do lucro e todos os vícios desse género que coabitam com a maior parte das pessoas.

Que, logo que tenham tornado a casa pura, ofereçam um sacrifício a Zeus “Dispensador de Riqueza”, a Hermes “Liberal” e a Apolo “Magnânimo”.

Depois, que, no final da tarde, seja lida a mencionada lista de amigos.

15. Que, tendo separado [os presentes] destinados a cada um segundo o seu mérito, eles sejam, antes do pôr do Sol, enviados aos amigos. Todavia, que as pessoas que levam os presentes não sejam mais que três ou quatro, que sejam os mais fiéis de entre os criados e já de idade avançada. Que seja anotado num livrinho o que foi enviado e a sua quantidade, para que nenhuma das partes suspeite dos portadores. Que estes criados, depois de beberem cada um uma única taça [de vinho], se retire, sem pedir mais nada. Que às pessoas cultas seja enviado tudo a dobrar, pois é justo que tenham dois quinhões. Que os bilhetinhos apensos aos presentes sejam de pequenas dimensões e muito concisos nas palavras. Que ninguém transmita palavras hostis nem elogie os presentes enviados.

Que um rico não envie nada a outro rico, e que, durante as Saturnais, um rico não festeje com outro de igual categoria. Que ninguém fique com nenhum dos presentes que foram preparados para serem enviados, nem se arrependa do presente [que deu].

⁴⁴⁹ Uma nota como a que se segue não é habitual, mas... lê-se no *Correio da Manhã* de 03 de Maio de 2012, p. 2: Em título: “*Milionários solitários*”; e em destaque enquadrado: “*Não quererão os nossos milionários seguir o exemplo dos americanos e doar metade da fortuna?*”. Onde é que eu já li isto? Resposta *supra!*

Se alguém, no ano anterior, ficou, por estar ausente, privado da sua parte, que receba também esta.

Que os ricos liquidem as dívidas em nome dos seus amigos pobres, bem como a renda de casa dos devedores que não possam pagá-la. Em resumo, [os ricos] devem cuidar de se informar do que os outros necessitam.

16. Que quem recebe não se queixe da parte recebida, e que considere coisa grande o que quer que lhe tenha sido enviado. Que uma ânfora de vinho, ou uma lebre, ou uma galinha gorda não sejam consideradas um presente de Saturnais, e que também não sejam objecto de troça os presentes das Saturnais.

Que o pobre envie ao rico, como paga, por exemplo... o homem culto [enviará] um livro dos antigos, uma obra elogiosa e própria de um festim, ou então, se possível, uma obra própria, e que o rico a receba de cara muito jovial, e que, ao recebê-la, a leia imediatamente. Caso a ponha de lado ou a mande para longe, fique sabendo que se sujeita à ameaça da foicinha, ainda que tenha enviado os presentes adequados. Que as outras pessoas enviem, ou coroas de flores, ou grãos de incenso.

Caso um pobre envie a um rico uma peça de vestuário, ou prata, ou ouro acima das suas posses, que o artigo enviado fique como propriedade do Estado e que, uma vez vendido, o dinheiro reverta para o tesouro de Crono⁴⁵⁰, e que o pobre, no dia seguinte, apanhe golpes de férula nas mãos, dadas pelo rico, em número não inferior a duzentas e cinquenta.

3. LEIS RELATIVAS AO BANQUETE

17. Lavar-se logo que o ponteiro do relógio de sol marque seis pés⁴⁵¹, mas que antes do banho se jogue às nozes e aos ossinhos.

Que cada um se sente onde calhar. Que a condição social, ou a família, ou a riqueza tenham pouco que ver com qualquer privilégio.

Que todos bebam do mesmo vinho, e que não haja qualquer pretexto para o rico, como dor de estômago ou de cabeça, para que, por esse motivo, seja o único a beber do melhor vinho.

⁴⁵⁰ “tesouro de Crono”, em Roma, e em latim, *aerarium Saturni*.

⁴⁵¹ “seis pés”, sendo 1 pé = c. 30cm, equivalem a c. 1,80m. Este comprimento da sombra do ponteiro significa o fim da tarde.

Que a dose de carne seja igual para todos. Que os ajudantes [de mesa]⁴⁵² não mostrem especial preferência por ninguém, que não sejam lentos, e que as doses que lhes compete trazer não sejam servidas quando eles muito bem entenderem⁴⁵³. Que não sejam apresentadas, a um grandes doses, e a outro [doses] excessivamente pequenas, a um a coxa do porco, e a outro a faceira, mas que haja igualdade para todos.

18. Que o escanção olhe atentamente, do seu posto de observação, para cada um, mais do que para o seu próprio amo, que tenha o ouvido bem afinado, e que haja taças de todo o feitio. E que cada um possa, caso queira, fazer uma saúde. Que todos, caso queiram, possam beber à saúde de todos, depois de um rico ter bebido primeiro à saúde [de outro]. Que ninguém seja obrigado a beber, se não puder [fazê-lo].

Que não seja permitido a ninguém, que queira fazê-lo, introduzir no banquete um dançarino ou um citarista aprendiz recente.

Que o critério nos gracejos seja o serem inofensivos para toda a gente.

Que se jogue somente a nozes. Se alguém jogar a dinheiro, que fique sem comer até ao dia seguinte.

Que cada um fique ou se retire logo que quiser.

Sempre que um rico oferece um banquete aos seus criados, que os seus amigos o ajudem, juntamente com ele.

Que cada um dos ricos faça inscrever e leia estas normas numa coluna de bronze colocada no centro do pátio. Também há que saber que, durante o tempo em que esta coluna permanecer de pé, nem fome, nem peste, nem fogo, nem qualquer outra catástrofe entrarão nas suas casas. Se, porém — oxalá tal não aconteça! —, a coluna for derrubada, que os deuses as livrem do que está para lhes acontecer.

⁴⁵² Os ajudantes [de mesa], neste caso designados por *diákonoi* (διάκονοι), são amigos do dono da casa, que, na ocasião, o ajudam no serviço de mesas. V. §18: “*Sempre que um rico oferece um banquete...*”

⁴⁵³ “... que as doses... .. entendam”: Discordo da interpretação de A. M. Harmon (“Loeb”, VI, p. 113): “... *nor be dismissed* [scil. *the waiters*] *until the guests choose what they are to take home*”. Esta interpretação é talvez sugerida pelo costume que muitos tinham de surripiar e esconder comida para levarem para casa. Aqui, porém, poderiam levar os restos para casa...

EPÍSTOLAS SATURNAIS

1. EU⁴⁵⁴ PARA CRONO: SAUDAÇÕES

19. Já anteriormente te tinha escrito, comunicando-te em que situação me encontro e como, dada a minha pobreza, corerei o risco de ser o único que não toma parte na festa que tu anunciaste, acrescentando ainda — bem me recordo — que é extremamente absurdo que alguns de nós sejam excessivamente ricos e vivam luxuosamente, sem partilharem do que possuem com os mais pobres, enquanto estes são consumidos pela fome, nomeadamente ao aproximarem-se as Saturnais. Ora, com tu, nessa ocasião, não me respondeste, julguei dever lembrar-te essa situação. Conviria, pois, que tu, excelentíssimo Crono, depois de eliminares a desigualdade e de pões os bens à disposição de todos, só depois disso ordenasses que se celebrasse a festa. Mas, como as coisas estão, “*ou formiga ou camelo*”⁴⁵⁵, como diz o provérbio. Ou melhor, imagina um actor de tragédia, caminhando com um dos pés enfiado numa base alta, como são os coturnos trágicos, e com o outro pé descalço. Então, se caminhasse desta maneira, estás a ver que o homem ficaria, necessariamente, ora mais alto, ora mais baixo, conforme o pé que pusesse à frente. Tal é a desigualdade cá na nossa vida. Uns, calçados com os coturnos que a Sorte lhes proporcionou, pavoneiam-se para nós, enquanto nós, a maioria, caminhamos a pé e rasteiros, nós que, como sabes, seríamos capazes de representar e de nos movermos nada pior que eles, se houvesse quem nos apetrechasse com equipamento igual ao deles.

20. E no entanto, oiço os poetas dizerem que, em tempos antigos, as coisas não se passavam deste modo entre os homens, quando tu eras rei absoluto, mas que a terra, sem ser semeada nem lavrada, lhes proporcionava os bens, como comida abundante e já pronta para cada um, os rios eram correntes, uns de vinho, outros de leite, outros de mel. Ainda mais importante, dizem eles que esses homens eram feitos de ouro e que a pobreza não se aproximava sequer deles. Nós, porém, certamente que nem mesmo seríamos considerados como sendo de chumbo,

⁴⁵⁴ Trata-se do sacerdote de Crono, mencionado logo no início.

⁴⁵⁵ Ou seja, ou se é muito pobre, ou muito rico. O provérbio português mais próximo é: “*Nem oito, nem oitenta*”.

mas de algum metal mais vil; o alimento, para a maioria, [é conseguido] à custa de muito trabalho, e a pobreza, a indigência, o desespero, os “*ai de mim!*”, os “*como arranjar...?*”, os “*ó sorte maldita!*” e suspiros deste género são mais que muitos entre nós, os pobres.

Nós, como bem sabes, afligir-nos-íamos menos com esta situação, se não víssemos os ricos a viver no meio de tanta prosperidade, rodeados de tanto ouro, de tanta prata, possuidores de tantas vestes, de escravos, de carros, casas de habitação, campos, mas que, sendo donos de todos estes bens em grande quantidade, não nos dão sequer uma pequena parte, e nem mesmo se dignam lançar um olhar para a arraia-miúda.

21. É sobretudo isto, ó Crono, que nos sufoca, e achamos mesmo uma situação intolerável que um indivíduo deitado em tapetes de púrpura goze atafalhado de tamanhos bens, felicitado pelos seus convidados e permanentemente a participar em festins, enquanto eu e as pessoas como eu sonhamos com a maneira de irmos buscar quatro óbolos, para que pudéssemos⁴⁵⁶ dormir de barriga cheia, depois de paparmos um caldinho de farinha de trigo ou de cevada, com agrião, ou tomilho, ou cebola. Portanto, ó Crono, muda e altera esta situação no sentido da igualdade de vida, ou então, em último recurso, ordena a esses tais ricos que não sejam somente eles a gozar das coisas boas, mas que, de uns tantos⁴⁵⁷ medimnos⁴⁵⁸ de ouro, distribuam uma quénice por todos nós, e que, das suas roupas, ofereçam as que já estiverem carcomidas da traça, coisa que não deveria aborrecê-los, uma vez que mais vale dar-nos, para nós vestirmos, roupas degradadas e destinadas a serem destruídas pelo tempo, do que tê-las nas arcas e nos guarda-roupas a apodrecer cheias de bolor.

22. Além disso, que cada rico leve a jantar [em sua casa] ora quatro, ora cinco pobres, não, porém, à maneira dos jantares

⁴⁵⁶ “pudéssemos”... porque a coisa se passa... em sonho.

⁴⁵⁷ “uns tantos”, ou seja, “uma certa quantidade” e não “tantos”, “tão grande quantidade”. Nós diríamos: “de x medimnos...”.

⁴⁵⁸ O medimno equivalia a 51,84 l, e a quénice a 1,08 l. Note, de passagem, que se trata de medidas para sólidos em pó. Feitas as contas, o sacerdote de Crono pedia que obrigassem os ricos a pagar 0,5% da sua fortuna (ou parte!).

de hoje em dia, mas de maneira mais democrática, de forma que todos participem em pé de igualdade, e que não se dê o caso de um se empanturrar de comida, com o criado de pé, aguardando que ele acabe de comer, mas vindo depois na nossa direção, e, quando nós fazemos o gesto de estender a mão, ele passa adiante, mostrando apenas o prato [vazio], ou o [pouco] que resta do empadão. Por outro lado, quando é trazido o porco, que [o criado] não separe e apresente ao dono da casa toda uma metade do porco, mais a cabeça, e aos outros ofereça apenas ossos cobertos [com um pouco de carne]. Que [o senhor] avise os escanções para que não esperem que cada um de nós reclame sete vezes por bebida, mas que, logo que alguém peça, lhe verta e lhe dê uma grande taça, cheia como se fosse para o senhor. E que o vinho seja o mesmo e só o mesmo para todos os convivas. Sim, onde é que está escrita essa lei, que diz que um se embebeda com vinho perfumado, enquanto eu fico arrasado da barriga por causa do vinho novo?⁴⁵⁹

23. Se tu, ó Crono, emendares e voltares a pôr na ordem esta situação, terás feito da vida uma [verdadeira] vida, e da tua festa uma [verdadeira] festa; caso contrário, que eles festejem, sim, enquanto nós ficaremos muito quietinhos, fazendo votos por que, quando eles regressem do banho, um criado lhes derrube e quebre uma ânfora [de vinho], que o cozinheiro deixe queimar a sopa, e que, por descuido, deite salmoura de peixe⁴⁶⁰ no puré; que, por outro lado, a cadela⁴⁶¹, esgueirando-se lá para dentro, devore uma salsicha inteira ou metade do empadão, enquanto os moços de cozinha se ocupam de outras coisas; que o javali, o veado e os leitões em vias de assar façam o mesmo que Homero diz a respeito dos bois de Hélio⁴⁶², ou melhor, que não só rastejem, mas que se levantem de um salto e fujam

⁴⁵⁹ Trata-se do vinho ainda não fermentado, adocicado, mas indigesto.

⁴⁶⁰ “salmoura de peixe”, ou seja, o sal que já servira para conservar o peixe e, portanto, com esse sabor característico e desagradável, em vez do sal normal.

⁴⁶¹ “a cadela”... que pode ser “o cão”, pois o feminino pode ser o termo genérico...

⁴⁶² Os bois (ou vacas?) de Hélio, o Sol, de uma brancura imaculada. Os companheiros de Ulisses comeram alguns, pelo que Zeus, a pedido de Hélio, os castigou. Como primeiro prodígio (aqui referido), “*as peles rastejavam, a carne nos espetos mugia, / tanto a assada como a crua; ouvia-se a voz do gado*” (*Odisseia*, XII, 395-396).

para o monte mesmo enfiados nos espetos; e que as gordas galinhas, apesar de já estarem depenadas e prontas [a serem servidas], levantem voo e desapareçam, para que eles não sejam os únicos a saboreá-las.

24. Mas aquilo que mais os afligiria seria que formigas como aquelas de raça indiana desenterrassem o seu ouro lá do lugar do tesouro e o transportassem para o erário público⁴⁶³; que as suas roupas, devido a negligência dos encarregados, sejam esburacadas em toda a sua superfície, como uma peneira, pelos nossos amigos ratos, de modo que não se distingam de uma rede atuneira; que aos seus jovens criados, formosos e de farta cabeleira, a que chamam “*Jacintos*”, ou “*Aquiles*”, ou “*Narcisos*”, enquanto lhes apresentam a taça, lhes caiam os cabelos e fiquem calvos, e que lhes nasça uma barba picante, como se apresentam nas comédias esses tipos de barba hirsuta, e que as têmperas fiquem com muito cabelo eriçado, enquanto a parte central da cabeça é lisa e nua.

É isto, e mais ainda, o que nós desejaríamos pedir, caso eles não queiram abandonar esse seu excessivo egoísmo e não ponham a sua fortuna ao serviço da comunidade e não nos dêem uma pequena parte dela.

2. CRONO, PARA MIM⁽⁴⁶⁴⁾, O MUI HONRADO: SAUDAÇÕES

25. Que idiotice é essa, meu caro, escreveres-me, *a mim*, sobre a situação actual e pedires-me que proceda a uma redistribuição dos bens? Mas essa tarefa devia pertencer a outro, ao actual soberano... Muito me admiro, pois, que tu sejas o único, de entre todos, que desconheces que eu há muito deixei de ser rei, que reparti o poder pelos meus filhos, e que Zeus é que trata especialmente dessas coisas. A minha jurisdição vai somente até ao jogo de dados, aos aplausos, ao canto e à embriaguez, e isso mesmo durante não mais de sete dias. Portanto, a respeito

⁴⁶³ O “erário público” era, em Roma, o tesouro de Saturno, o *aerarium Saturni*.

⁴⁶⁴ Ou seja, “para mim, seu sacerdote” e destinatário da carta, tal como, na carta precedente, “eu” se refere ao mesmo sacerdote, mas como remetente.

dessas melhorias que tu referes — acabar com as desigualdades e fazer com que todos sejam igualmente ou pobres ou ricos —, Zeus é que poderá ocupar-se dessas matérias.

Caso, porém, alguma coisa, no âmbito da minha festa, esteja errada ou mal repartida, é a mim que compete julgar. Estou até em vias de escrever uma carta dirigida aos ricos a respeito de banquetes, da quénice de ouro⁴⁶⁵ e das vestes, a fim de que eles vo-las enviem para a festa. De facto, isso é justo, e é o que aos ricos compete fazer, como vós dizeis, a menos que eles tenham alguma boa razão contra esse procedimento.

26. Em todo o caso, ficai sabendo que vós, os pobres, andais muito enganados e não tendes uma ideia correcta a respeito dos ricos, que vós julgais que são completamente felizes e que só levam uma doce vida⁴⁶⁶, que podem banquetear-se sumptuosamente e embebedar-se de vinho delicioso, ter relações com formosos rapazinhos e com mulheres, usar vestes fofinhas... Mas vós desconheceis completamente a realidade. Na verdade, são muitas, e não de pouca importância, as suas preocupações com essas coisas, pois têm de dar atenção a cada uma delas, não vá o seu administrador ser negligente ou mesmo roubá-lo sem ele dar por isso, não vá o vinho azedar, não vá o trigo encher-se de orgulho, não vá um ladrão furtar as taças, não vá o povo acreditar nos sicofantas que o acusam de pretender tornar-se tirano... Tudo isto não constitui senão uma pequeníssima parte daquilo que os aflige. Realmente, se vós soubésseis os pavores e as preocupações que eles têm, julgaríeis a riqueza uma coisa que devíeis evitar a todo o custo.

27. Mas cuidas tu que, se o ser rico e ser rei fossem uma coisa assim tão boa, eu seria outrora tão louco que abandonasse esses bens e os entregasse a outros, ficando eu como simples particular e suportando ser mandado por outro? Pelo contrário, foi por saber de todos estes aborrecimentos inevitavelmente inerentes aos ricos e aos que governam, que eu abandonei o poder... e fiz eu muitíssimo bem.

⁴⁶⁵ V. §21, nota a “medimnos”.

⁴⁶⁶ “doce vida” traduz exactamente gr. *hēdūn... bion* (ἡδύν... βίον), mas sugere-me o it. *dolce vita!*

28. E quanto às vossas lamúrias de que, durante a festa, eles se empanturram de javalis e de empadões, < enquanto vós só comeis agrião, tomilho e cebola⁴⁶⁷ >, pensa bem como são as coisas. De facto, cada uma destas comidas talvez seja, *nesse momento*, muito saborosa e nada desagradável, mas, no que respeita às suas consequências, a situação inverte-se. É que depois, na manhã do dia seguinte, vós não vos levantareis com a cabeça pesada da bebedeira, como eles, nem, devido ao excesso de comida, a arrotar a uma coisa malcheirosa e flatulenta. Eles, além de gozarem destes prazeres, também se enrolam a maior parte da noite com rapazinhos, ou com mulheres, ou como a sua lubricidade⁴⁶⁸ lhes mande fazer, e então, devido a esses prazeres, contraem sem qualquer dificuldade, ou tísica, ou peripneumonia, ou hidropisia. Sim, qual deles serias tu facilmente capaz de me apontar, que não esteja muito amarelento e com aspecto cadavérico? Qual atingiu a velhice a caminhar pelos próprios pés, e não transportado às costas de quatro [criados], todo coberto de ouro por fora, mas “remendado” por dentro, como as vestes de tragédia, feitas de pedaços de pano luxuosos cosidos uns aos outros? Vós, porém, [os pobres,] que nem sequer provaís, e muito menos comeis, peixe, não reparais nesses casos de gota e de peripneumonia, de que estais livres, ou de qualquer outra doença que eles contraem por alguma outra razão? Mesmo assim, eles não têm prazer em comer esses acepipes todos os dias e até à saciedade, mas até podes ver como eles, de vez em quando, suspiram por comer hortaliça ou tomilho, mais do que tu por lebres ou javalis.

29. E já não falo de quantas outras desgraças os afligem, como um filho devasso, ou uma esposa amante do criado, ou um [jovem] amado que se lhe entrega mais por necessidade do que por prazer. Em resumo, há muitas coisas que vós desconheceis, pois só olhais para o seu ouro e para as vestes de púrpura, e, sempre que os vedes conduzindo um carro de dois cavalos brancos, ficais embasbacados e reverentes. Todavia, se vós desdenhásseis deles e

⁴⁶⁷ <...> é acrescento da ed. Aldinus (v. “Loeb”, VI, p. 126), tirada do §21, que bem poderia ser *mesmo* uma repetição / citação / do próprio Crono...

⁴⁶⁸ Luciano diz *trágos* (τράγος), “bode”, em sentido figurado de que parece não haver outro exemplo, mas só “cheiro a bode” (Galieno, médico, séc. II d.C.) e “puberdade” (Hipócrates, médico, séc. V a.C.); deste último, pode Luciano ter tirado o sentido de “lubricidade”.

os desprezásseis, se nem sequer pusésseis os olhos na carruagem prateada, se, enquanto conversais com eles, não fixásseis os olhos na esmeralda do anel, se, tocando levemente o seu manto, não gabásseis a sua macieza, mas se, pelo contrário, os deixásseis serem ricos só para eles próprios, ficai sabendo que seriam eles mesmos que iriam até vós, pedindo-vos que fôsseis jantar com eles, só para vos mostrarem os leitos⁴⁶⁹, as mesas e as taças, coisas que de nada lhes serviriam, se a sua posse não tivesse testemunhas.

30. Então vós descobriríeis que eles possuem muitas dessas coisas por causa de vós, não para eles as utilizarem, mas para que vós as gabásseis.

Eis o que eu vos digo como consolação⁴⁷⁰, eu que conheço o modo de vida de ambas as partes. É bom que, enquanto festejais, vos lembreis de que em breve todos tereis de sair desta vida, e que eles deixarão a sua riqueza, e vós a vossa pobreza. Em todo o caso, vou mesmo escrever-lhes, conforme prometi, e estou convencido de que eles não vão ficar indiferentes às minhas palavras.

3. CRONO PARA OS RICOS: SAUDAÇÕES

31. Recentemente, os pobres escreveram-me, acusando-vos de não lhes cederdes uma parte dos vossos bens. Em resumo, pretendem que eu faça com que os bens sejam comuns a todos, e que cada um tenha a sua parte deles. Dizem eles que é justo que se estabeleça a igualdade, de modo que um não tenha maior quantidade das coisas boas, e outro não tenha nada. Então eu disse-lhes que era melhor que fosse Zeus a tratar desse assunto. No entanto, no que respeita à presente situação e às injustiças que eles julgam que se cometem durante a minha festa, reconheci que era a mim que competia o julgamento, e por isso lhes prometi escrever-vos.

O que eles reivindicam é, na minha opinião, muito razoável. Realmente — dizem eles —, “*como é que nós, enregelados por tanto frio e mortos de fome, ainda por cima iríamos festejar?*” Portanto,

⁴⁶⁹ Trata-se de leitos *inclinados*, onde os comensais ficavam *reclinados*, tendo à sua frente a mesa onde era colocada a comida.

⁴⁷⁰ “dizer como consolação”, “consolar” gr. *paramüthéomai* (παράμυθέομαι). Com a trad. por “consolar”, ficaria; “E com isto vos consolo”.

pediam-me que, se eu quisesse que também eles tomassem parte na festa, vos obrigasse não só a dar-lhes, das vossas vestes, aquelas que já não vos servem ou são demasiado grosseiras para vós, mas também a distribuir por eles um pouco do vosso ouro. Se realmente — dizem eles — vós procederdes deste modo, nunca mais contestarão perante Zeus os vossos bens; caso contrário, ameaçam citar-vos em justiça, para efeitos de redistribuição, na primeira ocasião em que Zeus marque uma audiência. Estas reivindicações não são excessivamente penosas para vós, comparadas com tantos bens que vós, aliás muito justamente, tendes.

32. Ah!, por Zeus!, a respeito dos jantares e de poderem jantar juntamente convosco, pedem-me que acrescente este ponto na minha carta, a saber, que presentemente vós vos regalais só entre vós e de portas fechadas, e que, se alguma vez, e de longe em longe, condescendeis em convidar uns quantos de entre eles, o jantar tem mais de desagradável do que de agradável, e a maior parte das vezes redundante na sua humilhação, como é o caso de não beberem do mesmo vinho [que eles] — coisa, por Hércules!, muito ignóbil. Também vos acusam de vós achardes digno de censura que eles não se levantem a meio [do jantar] e não se retirem, deixando toda a sala livre só para vós, e dizem que não bebem até se fartarem, pois os vossos escanções, tal como os companheiros de Ulisses, têm as orelhas tapadas com cera. Há ainda outros aspectos tão vergonhosos, que eu hesito em referi-los, em que eles se queixam da repartição da carne e [da atitude] dos criados de mesa, os quais ficam parados atrás de vós, até que vós vos empanturreis, mas passam por eles a correr... e muitas outras mesquinhas do mesmo género e muitíssimo pouco dignas de um homem livre. Ora, a coisa mais agradável e própria de um banquete é a igualdade, e por isso é que quem preside aos vossos banquetes é o [Dioniso] *Isodaitēs*⁴⁷¹, para que todos tenham uma dose igual.

33. Cuidai, pois, de que eles nunca mais vos censurem, mas que vos homenageiem e nos amem pelo facto de receberem de vós esses pequenos presentes. A despesa que fazeis com essas coisas é

⁴⁷¹ “*Isodaitēs*” (Ἰσοδαίτης), “que distribui por igual”, é epíteto de Plutão (ou Hades, rei dos Infernos) e Dioniso (Baco). O “Bailly” entende que, neste passo, se trata de um “*écuyer tranchant*”, criado especialmente encarregado de dividir as doses e velar pela sua boa distribuição.

insignificante, mas para eles, em tempo de necessidade, a dádiva é inesquecível. Aliás, vós não poderíeis habitar nas cidades, se os pobres não fossem vossos concidadãos e não contribuíssem para a vossa prosperidade, nem teríeis quem admirasse a vossa riqueza, se fôsseis ricos isolados, só com vida privada e na obscuridade. Portanto, que sejam numerosos os que vêem e admiram a vossa baixela de prata e as vossas mesas, e bebem à vossa saúde, e que, enquanto bebem, mirem a toda a volta a taça e, sopesando-a, calculem eles mesmos o seu peso, a exactidão da história [nela gravada] e a quantidade do ouro que rebrilha por via da arte. Na verdade, além de vos chamarem “virtuosos” e “filantropos”, também ficareis livres de serdes invejados por eles. Sim, quem é que invejaria um homem que reparte e dá [aos outros] na justa medida? Quem não faria votos por que ele vivesse o máximo possível gozando dos seus bens? Ora, com o vosso actual procedimento, a vossa prosperidade não é testemunhada, a vossa riqueza suscita invejas, e a vossa vida é desagradável.

34. Realmente, empanturrarmo-nos sozinhos [de comida], como se diz que fazem os leões e alguns lobos solitários, não é, julgo eu, tão agradável como convivermos com homens inteligentes e que se esforçam por serem sempre espirituosos, e que, para já, não deixam que o jantar seja surdo e mudo⁴⁷², mas, pelo contrário, entregam-se-ão a histórias próprias de um banquete, a piadas leves a variados ditos de bom humor, tudo conversas agradáveis, caras a Dioniso e a Afrodite, e caras também às Cárites. Depois, no dia seguinte, ao contarem a todos a vossa afabilidade, farão com que sejais amados. Ora, tais coisas têm, e bem, um preço elevado.

35. Então perguntar-vos-ei: Se os pobres andassem [por aí] de olhos fechados (suponhamos essa situação), será que não vos incomodaria o facto de não terdes a quem ostentar as vossas vestes de púrpura, o vosso numeroso séquito ou o tamanho dos vossos anéis? E já não falo das conspirações e dos ódios que fatalmente surgirão contra vós da parte dos pobres, caso entendais viver isolados nesse luxo. Sim, as desgraças que eles ameaçam suplicar contra vós são terríveis, oxalá eles não se

⁴⁷² Aplicar as qualidades “surdo e mudo” a um jantar (e não às pessoas que nele participam) constitui uma bela *hipálage* digna de Eça (p. ex.: *fumar um tranquilo cigarro*).

vejam na necessidade de fazer essa súplica. Então deixareis de saborear salsichas e empadões, e até mesmo os restos destinados à cadela⁴⁷³, e a vossa sopa de lentilhas uma mistura de peixe salgado, e o javali ou o veado, enquanto estão a ser assados, planearão a fuga do churrasco até ao monte, e as aves, mesmo sem penas, estenderão as asas e... zás!, também elas levantarão voo direito às casas dos pobres. E ainda — o maior prodígio —, os mais formosos dos [jovens] escanções tornar-se-vos-ão calvos num piscar de olhos, e isto depois de quebrarem a ânfora.

Nestas circunstâncias, tomai a decisão que não só convirá a esta festa, mas que também é a mais segura para vós, e aliviarei a grande pobreza deles, a fim de, com baixo custo, fazerdes amigos nada desprezáveis.

4. OS RICOS PARA CRONO: SAUDAÇÕES

36. Cuidas tu, ó Crono, que foi só a ti que os pobres escreveram essas reclamações? Não é que também Zeus já está surdo de os ouvir clamar por essas mesmas coisas e reclamar que se proceda à redistribuição, e acusar não só a Fatalidade por esta ter feito uma repartição desigual, mas também a nós, por não nos dignarmos partilhar nada com eles? Ele, porém, como Zeus que é, sabe muito bem de que lado está a culpa, e por isso, a maior parte das vezes não faz caso deles. Em todo o caso, nós vamos justificar-nos perante a tua pessoa, uma vez que presentemente és tu nos governas.

Então nós, pondo diante dos nossos olhos tudo aquilo que nos escreveste, a saber, que é muito bonito socorrer os mais necessitados, que é mais agradável conviver e banquetear-se juntamente com os pobres, [respondemos que] sempre assim tínhamos procedido, colocando-nos em pé de igualdade com eles, de modo que o próprio convidado não tivesse nada a censurar.

37. Eles, porém, que ao princípio proclamavam que necessitavam de pouca coisa, logo que nós lhes abrimos as nossas portas, não paravam de exigir uma coisa atrás de outra. E se não obtinham tudo depressa e assim que pediam, era logo uma fúria, um ódio e imprecções na ponta da língua. E mesmo que

⁴⁷³ V. §23, nota a “cadela”.

dissessem alguma falsidade a nosso respeito, os que a ouviam acreditavam nessas pessoas, que teriam um conhecimento exacto derivado da sua convivência connosco. Assim, das duas, uma: ou uma pessoa, pelo facto de não lhes dar nada, se sujeitava a tê-los como inimigos, ou, por lhes entregar tudo, logo se tornaria extremamente pobre e ele próprio um dos pedintes.

38. No que respeita a certos outros procedimentos, nada de muito grave; mas durante os jantares, sem fazerem caso de se empanturrarem e encherem a barriga [de comida], depois de beberem mais do que o suficiente, ou apalpam a mão do formoso criadinho enquanto este lhes estende a taça, ou asse- diam a nossa concubina ou a nossa esposa legítima. E mesmo depois de vomitarem na sala, no dia seguinte ainda voltam para nos injuriar, dizendo que passaram sede e ficaram com fome. Mas se julgas que nós estamos a mentir-te a respeito deste seu procedimento, lembra-te do vosso⁴⁷⁴ comensal Ixíon⁴⁷⁵, o qual, admitido à mesa comum e com o mesmo estatuto que vós, tentou, sob o efeito da bebedeira, violar Hera.

39. São estes e outros os motivos pelos quais nós decidimos que, daí em diante, e por razões da nossa segurança, eles não tivessem acesso às nossas casas. Se, porém, na tua presença, eles se comprometerem a pedir, como agora dizem, só o que é razoável, e a não cometer, nos jantares, nenhum acto ofensivo, então que se juntem a nós e connosco jantem... e boa sorte! Além disso, como tu nos aconselhas, enviar-lhes-emos parte dos nossos mantos e desembolsaremos a quantidade de ouro que nos for possível; numa palavra, não lhes faltaremos com coisa nenhuma. E que eles, por seu lado, deixem de nos falar numa linguagem artificiosa, e sejam nossos amigos, em vez de bajuladores e parasitas. E tu não nos acusarás de nada, desde que eles se comprometam a proceder como devem.

⁴⁷⁴ “vosso”, quer dizer, “de vós, os deuses”.

⁴⁷⁵ Ixíon, rei dos Lápitais, assassinou o sogro, atirando-o para um fosso cheio de brasas, o que era considerado um sacrilégio, por se tratar de um familiar. Só Zeus o perdoou, dando-lhe ambrósia a provar, o que torna a pessoa imortal, pelo que passou a ter acesso ao banquete dos deuses, no Olimpo, mas aí tentou violar Hera, irmã e esposa de Zeus. Este puniu-o com o tormento da roda...

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO
AUTORES GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seíça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibiades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenenses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).
21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• U



C •

